

REVISTA DA SEMANA



CR\$ 2,00 NA CAPITAL — NOS ESTADOS CR\$ 2,50

9-2-46

Nº 6



FIGURINOS DE
CARNIVAL



"LINDA!" diz o espelho
"Esperem e verão..." retruca o

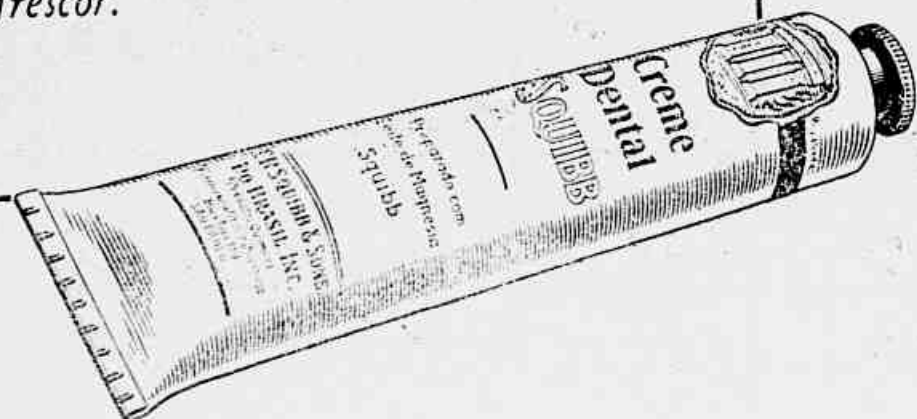
Inimigo Invisível!

Quando o "Inimigo Invisível" se põe a trabalhar, a beleza corre perigo. Esse "Inimigo Invisível" é a acidez bucal de origem bacteriana. Sua ação pode causar a cárie dentária. Escove os dentes pelo menos duas vezes por dia com Creme Dental Squibb, que é algo mais do que um simples dentífrício. Contém Leite de Magnésia Squibb — ingrediente cujo contato concorre para a neutralização dos ácidos.

O Creme Dental Squibb não só limpa os dentes com segurança e eficiência, mas, é uma delícia usá-lo! Você há de gostar do seu sabor refrescante, adorável! Peça hoje mesmo Creme Dental Squibb.

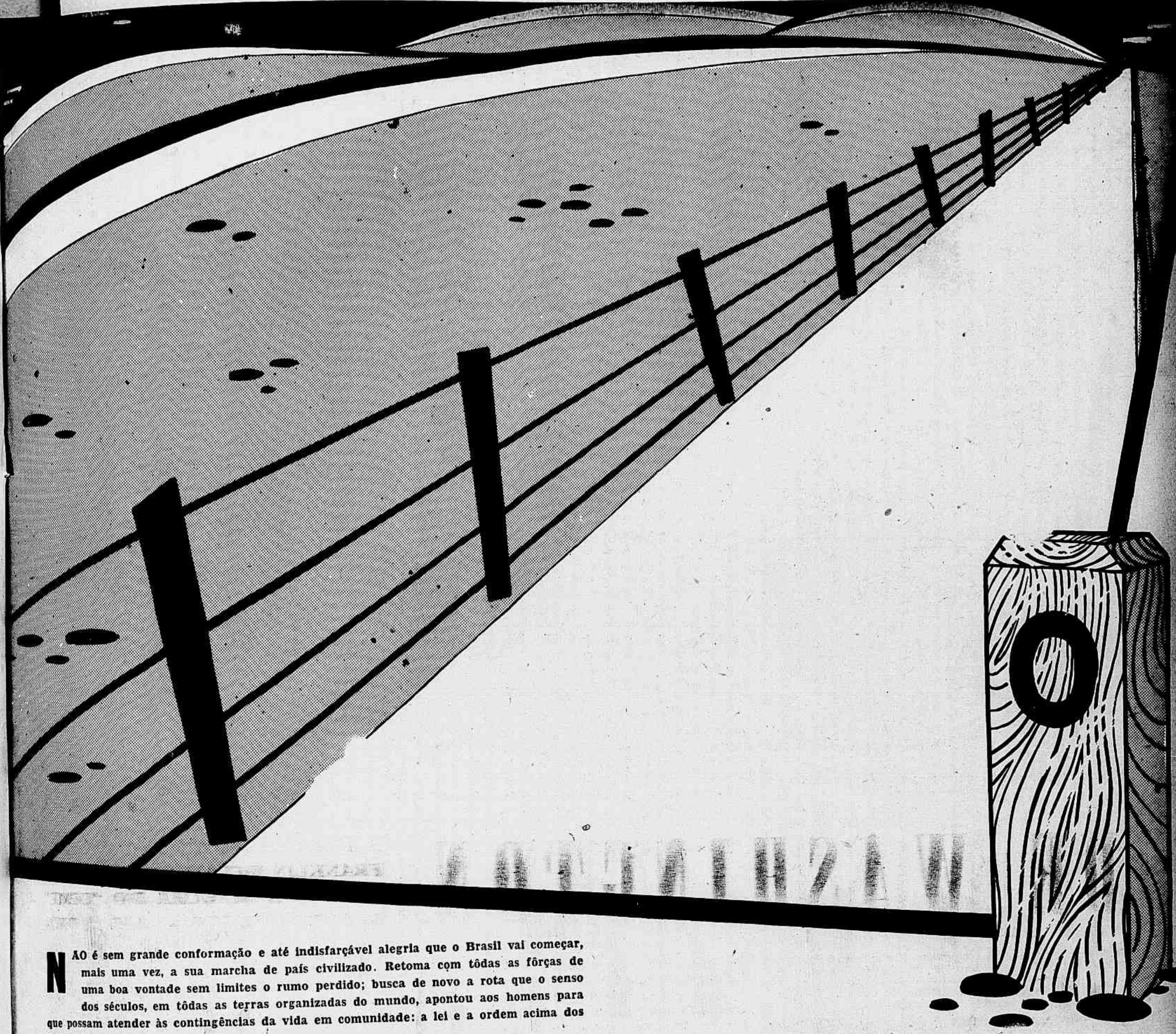
**COMBATA O SEU
"INIMIGO INVISÍVEL" ASSIM:**

- 1) Escove os dentes com Creme Dental Squibb, pelo menos duas vezes por dia. Isso garante uma limpeza eficiente e segura.
- 2) Depois, antes de enxaguar a boca, espalhe o Creme Dental Squibb, fazendo-o atingir todos os dentes. Isso proporciona-lhe o benefício completo da ação neutralizadora do Leite de Magnésia Squibb — combatendo assim seu "inimigo invisível" — a perniciosa acidez bucal de origem bacteriana. Além disso, você sentirá que o Creme Dental Squibb deixa na boca uma agradável sensação de limpeza e frescor.



CREME DENTAL

SQUIBB



NÃO é sem grande conformação e até indisfarçável alegria que o Brasil vai começar, mais uma vez, a sua marcha de país civilizado. Retoma com todas as forças de uma boa vontade sem limites o rumo perdido; busca de novo a rota que o senso dos séculos, em todas as terras organizadas do mundo, apontou aos homens para que possam atender às contingências da vida em comunidade: a lei e a ordem acima dos indivíduos.

Proclamada a Independência, o sentimento da Pátria inclinou-se para os princípios democráticos, mau grado as deficiências da civilização interna. E a confirmação desse sentimento se pronunciou em termos que se diriam definitivos, tempos depois, no instante em que circunstâncias e forças nos deram uma república democrática inspirada nos postulados que os norte-americanos preferiram na montagem de sua existência política.

Em 1930, ainda forças e circunstâncias destruíram o trabalho do homem e do tempo, arrastando no torvelinho o que havia de bom e de mau. E, fê-lo de modo que só em 1934 o País retomou o caminho, preferindo novo ponto de partida, como quem despreza a estrada velha por outra de traçado melhor. Esperanças, fé, euforia, juramentos...

E tudo se perdeu novamente, três anos mais tarde, porque a Nação, do dia para a noite, se viu transviada, perambulando por invios atalhos, hipnotizada não se sabe como. Caminhou muito, desorientadamente, como quem se perde em paragens estranhas, para, afinal, trazida pela própria desorientação, voltar ao ponto de saída, onde chegou exausta, de fome e de sede, alanhada, quase sangrando, pois foram ásperas as pedras das veredas, foram cortantes os espinhos que atulhavam a senda invia, para não falar do sangue toldado pelo veneno que lhe inocularam os habitantes da selva.

Vai agora a Nação partir outra vez da estaca zero. Uma nova força e uma vontade refeita pela visão da Esperança lhe dão o gosto de marchar, embora algo ainda lhe perturbe os passos de criatura trôpega, um tanto desarvorada, assim como quem se toma de medo por se encontrar obrigado a dirigir-se, rumar-se a si próprio; adulto que voltou a ser criança e, por fim, perde a tutela que lhe apoucara a personalidade.

★

Abrem-se, de fato, para o Brasil novas perspectivas, sobretudo por força da bravura de quantos — lutando, ferindo-se e morrendo nas emboscadas submarinas, nas incertezas dos patrulhamentos, no ar e nas águas, nas trincheiras geladas, abertas em terra alheia, nos píncaros nevados e desconhecidos — hastearam o auri-verde pendão ao lado de tantos outros que suportaram o vento da tempestade universal.

Dir-se-ia que combatemos na companhia de todo o mundo civilizado, embora os do lado adverso se julgassem os detentores da civilização, da verdade, monopolizadores do bem que vitaliza os povos. E se comportaram com a bravura dos heróis, a vontade dos que se decidem e o ardor dos que aspiram.

Por isso a Guanabara engalanou-se agora, para acolher belonaves amigas; abriram-se

os portos da cidade para receber delegações dos grandes povos do mundo, presentes à nossa partida para outra jornada. Trouxeram-nos mancheias de fé, de estímulo, de apoio e de solidariedade. E essa presença, altamente honrosa para os que vivem, jamais poderia deixar de valer como homenagem aos imolados no torvelinho da luta gigantesca que deverá ter libertado a todos.

★

Que um profundo senso de responsabilidade domine os que se elevam ao poder para o conduzir; que as cenas dos dias perdidos valham como lições imorredouras, e se transformem, de experiência má, em castigo fecundo. Porque se a terra de Santa Cruz, ainda nesta altura de seu quarto século de existência, sem desesperar, concorda, de boamente, em começar de novo, tem o direito de exigir que nunca mais a levem para o desconhecido, nunca mais a transformem em cobaia de experiências ineptas.

Abre-se em favor dos novos dirigentes, embora nem todos sejam dirigentes novos, as franquias de um crédito ilimitado. Dir-se-ia que, num imenso gesto coletivo, todos se voltam para o futuro, dando costas ao passado. Não seria um perdão, mas uma anistia, que é esquecimento. E' o belo amplexo da boa vontade.

Depois de longo período de ditaduras — uma longa como as noites do polo, outra fugaz como os raios crestantes — de que restam lembranças amargas, pelo mal que fizeram e pelo bem que deixaram de fazer, voltam-se todos para a Democracia.

E é tão profundo o desejo de que desta feita tenhamos encontrado a rota definitiva dos nossos destinos que chegamos a admitir benemerência nos males que nos afligiram. Quem sabe se tanto sofrimento, tantas amarguras decorrentes de provas frustradas não nos alertaram para sempre? De um modo ou de outro a hora é, novamente, de fé, de coragem, de confiança.

De resto, a Democracia que se apresentou, exteriormente agonizante, obteve novas forças na luta de vida e de morte em que se empenhou, na mais trágica das guerras, em que infligiu aos inimigos a mais completa derrota.

Restam, é certo, os escombros a remover, as consequências a contornar, os reajustamentos que a transição destes primeiros dias de paz estão reclamando dos aliados vencedores. Mas tudo está a indicar que a Democracia — em si própria a transigência e a compreensão — vencerá esta derradeira fase, para que se apaguem os últimos resquícios do brasileiro.

E S T A C A Z E R O

4

Por CELESTINO SILVEIRA

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

E finalmente Washington, a segunda etapa desta viagem que não há de ser longa, mas que por isso mesmo nos proporcionará as mais imprevisas e súbitas emoções. Durante dois dias, foi Miami com o seu maravilhoso sol à moda brasileira, seus coquetos e palmeiras, sua praia que nos fez sentir as primeiras saudades do Rio. Foram as impressões de uma cidade americana de veraneio, com os hotéis repletos de "touristes" e ruas embandeiradas, de homens e mulheres festivamente vestidos. Hoje então — Washington D.C., Washington District of Columbia, a capital, o cérebro, o ponto de partida para todas as jornadas que se prezam, terras a dentro da grande nação americana.

O trem deixou-nos na estação, em uma terrível manhã invernal de domingo, quando pela primeira vez os agasalhos do repórter foram utilizados. Ele mesmo não pôde deixar de sorrir, vendo-se metido em todo este aparato de baixa temperatura — o sobretudo, as luvas, o "cache-coll" — e lembrou-se do calor de arrazar que ainda três noites antes, em Fortaleza, quase o asfixiava. Agora era o frio americano recebendo-nos com a sua clássica homenagem. Mas — decepção! Tanto nos haviam falado em neve, aí no Rio, que certamente esperávamos ser também recepcionados por ela. Os telhados georgianos das casas várias vezes seculares de Washington, cobertos de gelo muito branco, as ruas intransitáveis com os montes de neve a cada passo, a própria neve cobrindo-nos a roupa... Tudo em pura perda. Sim, fazia frio, porém sem neve. E foi com a alma triste que nos encaminhamos para o hotel, onde, apesar de haver um aposento reservado para nós, só o poderíamos ocupar seis horas depois, quando o seu antigo hóspede se retrasse. Queriam os leitores imaginar o que representa para um recém-chegado, em nossas circunstâncias, essa nova decepção. Domingo, quando todas as entidades para quem trazíamos credenciais estavam desfrutando o seu "week-end", o aposento do hotel ainda ocupado e a ninharia de um quarto de dia para ser vivido ao ar livre — e que ar, senhores!

Nossos passos encaminham-se para o "drug store" mais próximo. As farmácias, que de farmácias quase têm apenas o nome, são um benefício, em circunstâncias tais. Lá dentro, como no interior de todas as casas desta terra, a temperatura é artificial, aquecida e arrazadora. Quem aqui vive em caráter permanente já se habituou ao calor

ao do Capitol, a tão esperada visita da neve, batendo o forasteiro carloca, o homem da Cinelândia, da Galeria Cruzeiro, onde agora se deve experimentar a trituração dos ovos no asfalto... Sim, agora estávamos de verdade na América. Alguma coisa de inédito, que Miami não poderia nos dar, Washington oferecia: uma impressionante manifestação de inverno.

E por muito tempo perambulamos através das ruas muito amplas, das praças ainda mais espaçosas, olhando a neve através dos focos de iluminação pública e as primeiras camadas se formavam na cobertura dos automóveis, nas soleiras das portas, no asfalto (onde um imprudente escorregou em lindo estilo) e nos frontais vermelhos das seculares casas de Washington, em estilo georgiano...

★

Vem a segunda-feira e com ela somos reintegrados no mundo em que vivemos e agora também na capital do Tio Sam. Washington aqui está, tal como sempre foi em pleno inverno, com seus problemas, suas greves, o Presidente Truman às voltas com os chefes grevistas, democraticamente, na White House e as preocupações de toda a gente. A metrópole está tomada de assalto pelos militares e marinheiros, em curso de desmobilização. Hotéis e casas de comércio dominados pelos marujos simpáticos, de uniforme azul colado ao corpo, as mãos enfiadas nos bolsos, o gorro até às orelhas, a garota do lado... Tudo faz lembrar que a guerra terminou mas seus derivados aí estão. Os obreiros — diz-nos um alto funcionário do State Department — não querem voltar ao sistema primitivo de suas vidas, e indagam se a guerra foi feita para nenhum benefício agora lhes ser dado. Os jornais vivem repletos de "manchettes" ruidosas, mas o povo aparenta uma indolente despreocupação. Não se notam grevistas em Washington. Apenas as consequências da "strike" se fazem sentir quando alguém tenta inutilmente telefonar para "long distance" ou telegrafar. A greve dos telegrafos parece eternizar-se. Por isso mesmo ainda mais afastados parecemos estar do Brasil, de onde não chega o menor comunicado. Apenas a Embaixada do Brasil, muito prestimosa, fornece aos cidadãos pátrios um boletim mimeografado sob o título "O Relâmpago", com as últimas notícias captadas pelo rádio. Mas tudo impreciso, vago, remoto...

★

Há um homem que não foi esquecido nem o será jamais nesta terra" Franklin Delano Roosevelt. Vimos encontrar

DE WASHINGTON

A NEVE E O HOMEM DO ASFALTO CARIOCA — FRANKLIN DELANO ROOSEVELT — GREVE E SOSSEGO — A MARCHA DO "DIME" — "ICE-CREAM" E CAFÉ QUENTE — MR. LOWE NÃO AGRADOU

Um aspecto do Capitólio no rigor de uma nevada em janeiro de 1946.

Uma garotinha de três anos deposita o seu "dime" na garrafa da Califórnia, à porta do Capitol Theatre, em Washington, para combater a paralisia infantil na campanha da "Marcha of Dime".

sêco das estufas, mas por força o novato há de estranhar. Um peso inexplicável começa a atormentar as fontes do "calouro", que certamente prefere vir de novo para a rua, com todo o vento e todo o frio. Mas seis horas inteiras não se pode passar dentro de uma loja de refrescos e café com creme. Refrescos, pois não, que esta gente não os dispensa mesmo no rigor do inverno. Sorvem-se "ice-cream" com a sofreguidão de um frequentador da Americana em tarde de janeiro no Rio. E comem-se rosquinhas, "waffles", cachorros-quentes, doces de toda sorte. O café vem "pelando". Mas para rebatê-lo vem novos refrigerantes...

Depois há o recurso do cinema. Folheamos a possante edição dominical de "The Washington Post", com todos os seus suplementos "comics", e deparamos com um filme da Carmen em exibição no Capitol — "Doll Face" — da Carmen com Vivian Blaine e Dennis O'Keefe. Há ainda, de sobressalente, a presença de um "astro" de Hollywood no palco. O filme é fraco, sem novidade, e a "personal appearance" de Edmund Lowe ainda mais fraca. O antigo intérprete da Fox aparece sem grande entusiasmo da platéia, conta anedotas, recorda episódios da filmagem de seus mais famosos trabalhos, faz um diálogo com uma garota bonita cujo nome nem sequer aparece no programa e retira-se. É melancólica a atuação de Mr. Lowe. E nós também nos decepçamos com o primeiro contacto mantido com um artista da tela...

Mas as seis horas passaram. O quarto do hotel, aquecido e hospitaleiro, é um refúgio depois do café "comprido", do frio pelas ruas e do espetáculo medíocre que nos proporcionou o primeiro cinema de Washington.

★

Mas o espetáculo terminou, e quando saímos a Pennsylvania Avenue reservava para nós a grande surpresa: a neve! Ela, que tanto se fizera rogada horas antes, agora comparecia com solenidade, emprestando às avenidas largas um novo e maravilhoso aspecto. Começou caindo de mansinho, em pequenos flocos que nos cobriam o chapéu e os ombros. Duvidamos que fôsse ela realmente. Mas depois caiu mais forte; o asfalto passou a cobrir-se de uma leve camada muito branca, o vento cessou como por encanto e o povo, cobrindo-se de neve, também se cobriu de alegria. Como se divertem homens e mulheres com a presença desses elementos! Viam-se os bandos soltos pelas ruas, em correrias desabaladas, dando-se as mãos para não escorregar, desprendendo das narinas espessas camadas de fumaça e soltando gritos estridentes e infantis... Enfim, ali estava o almejado espetáculo, muito superior

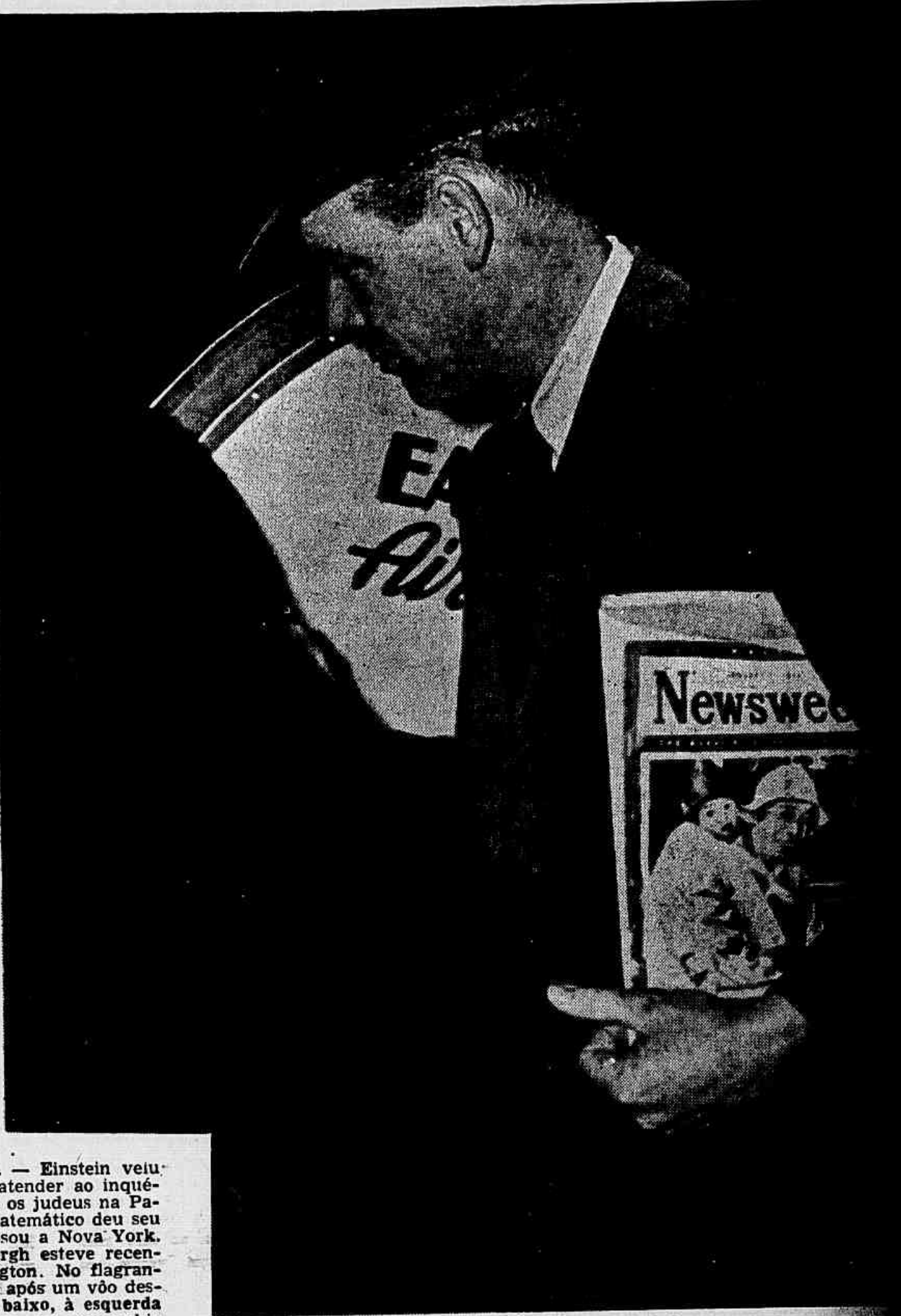
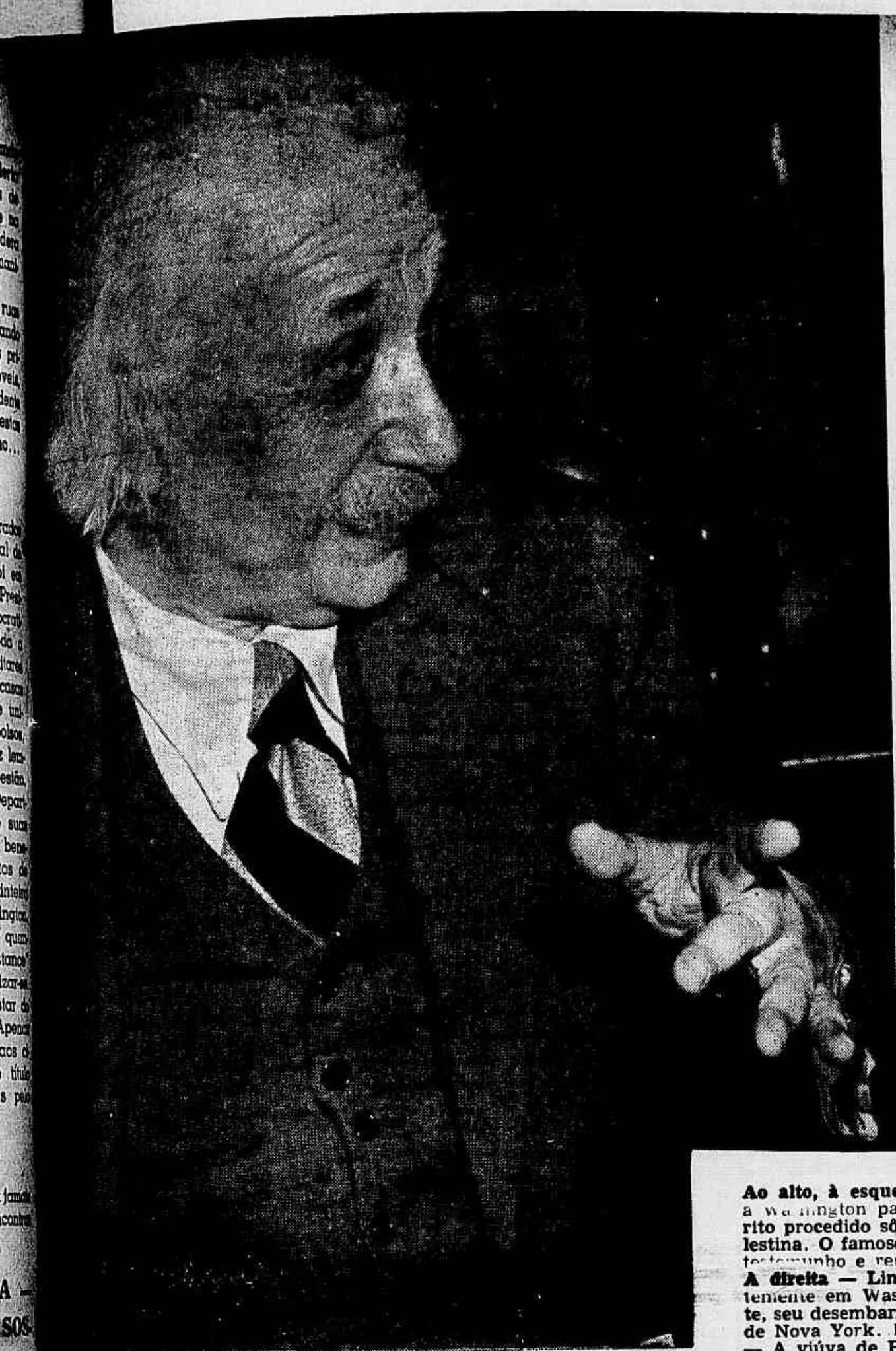
sua efígie em centenas de vitrines, seu nome repetido em cada esquina, sua memória cultuada. A propósito da data natalícia do imortal norte-americano, cujo monumento se levantado breve nas imediações da White House, foi estabelecida a mais útil e simpática das campanhas, denominada "March of Dime". Dime é, aqui, a moeda de menor valor, os dez centavos que circulam desabaladamente. Quase não se compra coisa alguma com um "dime", porque o "dime" está realizando uma obra de gigante na América. A "March of Dime" constitui a arrecadação, em todo o território nacional, de moedas de dez centavos destinadas a auxiliar os trabalhos contra a paralisia infantil, empresa que se deve a Roosevelt. Por isso o aniversário de Roosevelt proporcionará o recolhimento de milhares de milhares dessa moeda aparentemente insignificante. À frente dos cinemas, instalam-se mostruários ambulantes, nos quais são colocadas garrafas para receber os "dimes". Cada garrafa traz o dístico de uma cidade americana. O transeunte pára, tira o níquel do bolso e o deposita na garrafa cujo dístico corresponde à localidade onde nasceu. Há garrafas maiores para os estrangeiros. E todas transbordam cada dia, para surgirem vazias na manhã seguinte. As crianças incumbem-se de reforçar a propaganda solicitando "dimes" aos esquecidos... E um vistoso retrato de Franklin Delano Roosevelt é colocado em lugar de honra. No dia 29, Washington ficará em festa como se Roosevelt estivesse vivo. Vão realizar-se bailes em hotéis, espetáculos festivos nos teatros e cinemas com a presença de famosos "astros" que aqui virão especialmente. Churchill foi convidado a interromper suas férias em Miami e prometeu comparecer.

Positivamente Roosevelt vive no coração saudoso do povo. E as crianças vítimas da paralisia infantil continuam sendo por ele beneficiadas, mesmo morto.

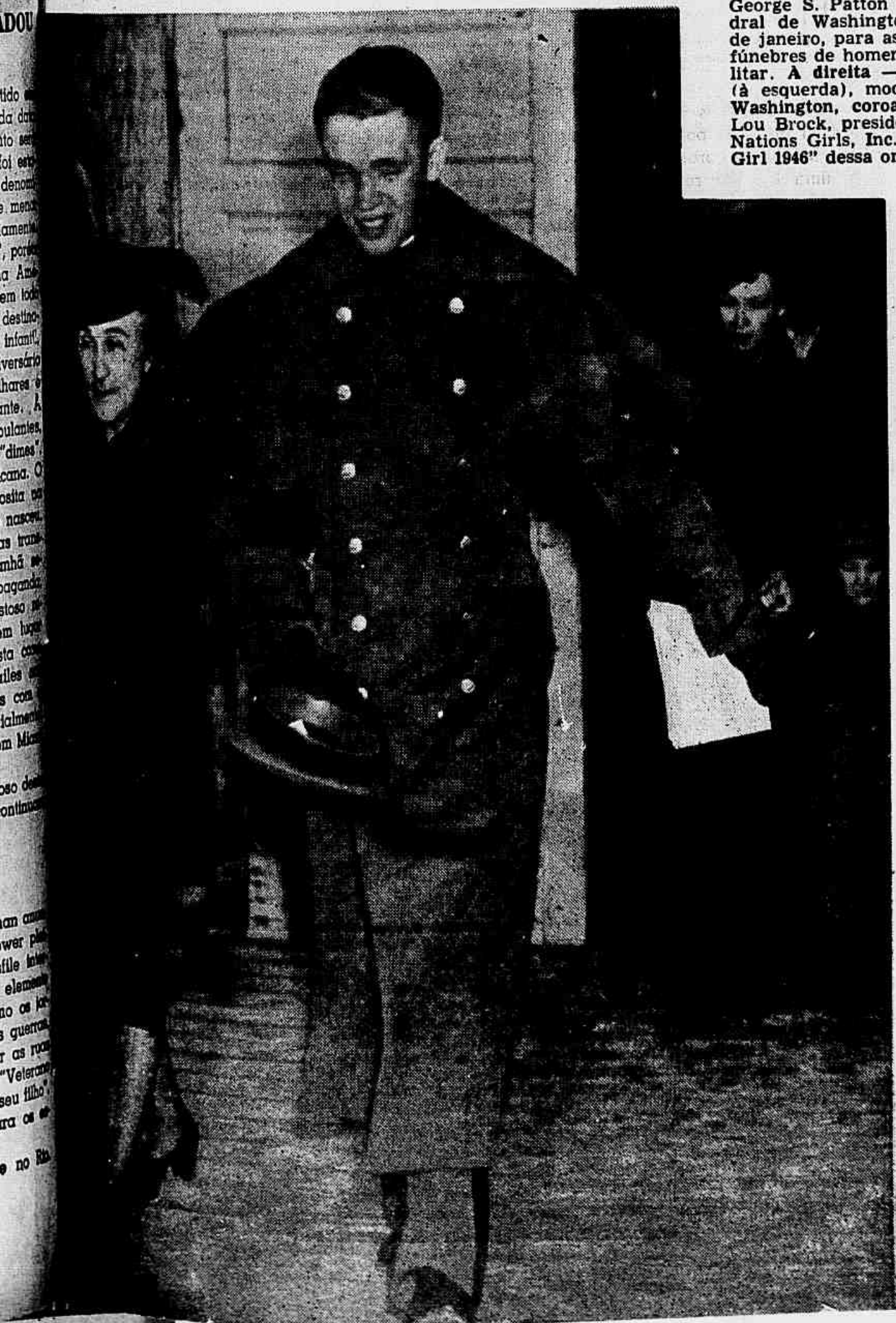
★

E o frio continua, as greves também, Mr. Truman continua seus propósitos de acabar com elas, Eisenhower prepara a desmobilização geral, a cidade é um desfile ininterrupto de gente uniformizada, predominando o elemento feminino. E há falta de habitações. Agora mesmo os jornais publicam o retrato de um veterano das duas guerras, casado e pai de um filho, que resolveu percorrer as ruas procurando apartamento ou casa, para sua esposa e seu filho. Também aqui os filhos parecem indesejáveis para os pais, cassos senhoriais.

Lembrámo-nos do mesmo problema existente no Rio de Janeiro. Mal de muitos...



Ao alto, à esquerda — Einstein veio a Washington para atender ao inquérito procedido sobre os judeus na Palestina. O famoso matemático deu seu testemunho e regressou a Nova York. A direita — Lindbergh esteve recentemente em Washington. No flagrante, seu desembarque após um voo desde Nova York. Em baixo, à esquerda — A viúva de Patton, em companhia de seu filho, o cadete de West Point George S. Patton III, entra na catedral de Washington, no domingo 20 de janeiro, para assistir às cerimônias fúnebres de homenagem ao bravo militar. A direita — Miss Jane Heathe (à esquerda), modelo fotográfico em Washington, coroada por Miss Anne Lou Brock, presidente de The United Nations Girls, Inc., como a "Glamour Girl 1946" dessa organização feminina.



A SEMANA EM REVISTA

EM CRISE A POESIA...



Ao lado de um infinito cortejo de misérias e privações de toda sorte, a guerra proporcionou aos homens a oportunidade de descobertas que, pela sua transcendência, estão destinadas a subverter tradicionais condições materiais de existência. Condições materiais dizem, apenas, porque ninguém está qualificado para garantir que essas empolgantes conquistas científicas dos dias que correm significam ao mesmo tempo a conquista da felicidade. (Essa ilustre desconhecida, buscada por todos os homens, desde os banqueiros aos poetas, continua a ser privilégio de personagens de obras de ficção.)

Em todo caso, é de uma evidência elementar a repercussão das últimas vitórias dos cientistas sobre misteriosas incógnitas de ontem. O radar e a bomba atômica transformaram em saudosas reminiscências os sonhos, outrora ousados, de Julio Verne. E tamanha é a incidência dessas invenções sobre o "statu quo" da humanidade que observadores dos mais agudos como H. G. Wells abanam a cabeça com um ar de desespero, traduzindo a impotência de um clínico em face de um mal desconhecido.

O velho anseio de ir à Lua, de dar uma fugida desta Terra surrada e madrastra se entrevê, agora, sob uma perspectiva mais animadora. E' que cientistas australianos entraram em contacto com a Lua, por meio do radar. Com a Lua,

somente? Não. Esses homens não se perdem em contemplações líricas. Já estabeleceram uma "cabeça de ponte" no Sol.

Mas fiquemos no mundo da Lua (não é metáfora, absolutamente) e vejamos as consequências. Os entendidos dizem que dentro de 50 anos se poderá ir ao decantado satélite em 90 horas... sem o coeficiente de atraso dos trens da Central, é claro. E que significação terá o acontecimento? Turismo ultra-sensacional? Revisão nos conhecimentos do espaço inter-planetário? Oportunidade para novas descobertas ainda mais revolucionárias? Sim, certamente. Mas uma consequência verdadeiramente empolgante decorre da vulnerabilidade da Lua ao olho crítico e imparcial do cientista. Vão-se desfazer muitas ilusões e sobretudo se esclarecerão outras tantas mentiras que em nome da Lua os poetas têm contado aos homens de boa vontade.

"Eterna confidente dos namorados", "mentira branca dos espaços", "disco de prata de luz argentina" — estes e outros apelidos do mesmo nível de mau gosto que foram conferidos à Lua na gestação de poesias perpetradas durante séculos, vão se esboroar diante da análise imparcial da ciência.

"A Lua ensanguentada e fria" tem grandes reivindicações a fazer. Será procedida uma revisão rigorosa na poética lunar, o que custará um sacrifício para o "baú" dos poetas amenos...

Há uma crise em perspectiva ameaçando a poesia. Felizmente, trata-se da poesia de "garapa-a-luar".

BOMBAS EM BOMBAIM



Certo escritor europeu, cujo nome não nos acode no momento, incluiu numa de suas obras um curioso personagem: um "reporter" inglês cuja intervenção em todas as conversas se resumia em anunciar: "Na primavera teremos guerras nos balcãs". Certo, esse jornalista tão pobre de idéias, a ponto de ficar repetindo um "slogan" a vida inteira, não era fruto de uma igualmente presumível pobreza de idéias do escritor. Antes, ele traduzia a inquietação constante provocada no seio da imprensa do seu país pelas frequentes oscilações da política balcânica, manejada a distância, como uma máquina de controle remoto.

A política das pequenas nações, com exceções muito honrosas, sempre foi assim: os acontecimentos nunca sucedem determinados por necessidades e condições internas. Quando se espera um sol radioso vem uma borrasca. Os observadores que apreciam a sua história de dentro para fora, só têm decepções. Dir-se-ia que as relações de causa e efeito estão, no caso, inteiramente subvertidas. Que os barômetros não funcionam: anunciam "ventos frescos do este" e vem "tempo quente".

Não senhores. Os barômetros funcionam e muito bem. Apenas o que acontece é que eles não estão dentro de casa. Lá fora é que se deve procurar saber se usinas montadas vão funcionar, se vão ser fabricados arados ou tamancos, se se vai extrair petróleo ou cloreto de sódio.

Só assim se tornam compreensíveis certos acontecimentos que à primeira vista parecem confusos e absurdos. Depois dessa terrível convulsão mundial que o fascismo ambicioso provocou, não seria de esperar que ocorressem, em parte alguma, sucessos desagradáveis como são os movimentos atentatórios à liberdade dos povos. Pois não foram firmados pelos "leaders" mais eminentes dos países em guerra documentos assegurando, ora a deliberação de exterminar o fascismo, ora a garantia de liberdade para os povos que quisessem viver livres? Sim. E então? Então, o que continua acontecendo é que os indonésios têm recebido um tratamento duro, e em Bombaim os soldados fizeram fogo e lançaram bombas sobre os amotinados... e a ordem foi restabelecida.

Tudo isso pode parecer absurdo, depois das conferências de Teerã, Yalta e São Francisco e durante a reunião da O. N. U. em Londres. Mas não é nada absurdo. A tempestade foi prevista. Apenas... os barômetros não estão em Bombaim.

A ESTATURA DOS HOMENS



O dr. George Wald, professor de biologia da Universidade de Harvard, acaba de declarar que, segundo experiências feitas pelo cientista Franz Bosa, cujos resultados são corroborados por registros históricos, o homem cresce segundo a maneira como é alimentado. Adiantou o dr. Wald que os japoneses nascidos na Califórnia são mais altos do que a média do cidadão britânico da classe trabalhista.

Aí está uma notícia fornecida pela Reuter, uma informação por todos os títulos constrangedora.

Sim, a primeira sensação que se tem, depois de ler as linhas acima, é a da inoportunidade das declarações do dr. George Wald. Em que pesem as nossas convicções democráticas, não hesitaríamos, munidos de atribuições dipeanas, em censurá-las com um violento lápis vermelho. E o fariamos levados pelo mais entranhado amor ao bem-estar do povo. Porque, caro leitor, só há duas exceções para o veto à divulgação dessa notícia: num país de gigantes ou onde não haja inflação.

Há um desejo generalizado de ser alto de estatura, desejo tão arraigado,

talvez, como o de ser moralmente grande. Assim é que, para corrigir deficiências às vezes insignificantes de altura em relação ao normal, recorre-se aos mais engenhosos processos que a argúcia dos que exploram a vaidade humana fareja e engendra como ninguém. Aí estão eles à mostra: penteados que querem concorrer com o Himalaia e que no cinema deixam meia dúzia de espectadores no mais completo isolamento; sapatos com saltos construídos segundo a sugestão do custo da vida; outros, ainda, de solados duplos que não tomam conhecimento da carência do produto. Estes são os meios diretos. Tornam a pessoa que os adota mais alta uns dez centímetros. Mas há outros, ainda, que dão apenas a sugestão de maior estatura, pela lei da compensação: vestidos justos como "mail-lots", paletós de três botões, etc.

Pois bem. Sendo evidente, como é, essa aspiração a ser alto, "espana-lua", como se diz na intimidade, e sendo igualmente incontestável que o custo de vida está pela hora da morte, subindo os salários em progressão aritmética atrás da alta dos gêneros em progressão geométrica — com esse belo quadro em perspectiva, aparece-nos o dr. Wald dizendo: coma um pouco mais e seja mais alto.

Pois sim...

UM CORAÇÃO NOVO PARA OS VELHOS



As notícias de novas descobertas no campo das ciências naturais, por mais significativas que sejam os seus resultados, não nos deixam mais estarecidos como há tempos, graças ao estado de saturação a que estamos sujeitos, em face de acontecimentos progressivamente sensacionais. E' que uma verdade elementar da psicologia nos demonstra que os estímulos crescem com o logaritmo das sensações correspondentes. Assim, numa sala iluminada por cem velas, desde que se acendam mais dez a sensação de aumento da claridade não será a de dez velas numa sala às escuras.

Mas a notícia que nos vem agora, ao que parece, está destinada a fugir ao enunciado da lei de Fechner e Wundt, acima referida, tais as suas consequências para a vida humana. E' que o professor Nicolai Sinitsyn obteve animadores resultados com a transplantação

de coração em animais de sangue quente, tal como já o havia feito em rãs. As experiências foram realizadas no Instituto Médico Gorky, de Moscou, sendo protelado o seu sucesso devido à procura de um lugar para enxertar o novo órgão de modo a garantir-lhe o funcionamento. E este lugar foi a própria cavidade torácica, onde, está provado, vivem na mais perfeita harmonia um coração já surrado e um novinho em folha.

Tanto do ponto de vista do tratamento das moléstias cardíacas como sob o aspecto sentimental, as consequências dessa descoberta são extraordinárias. No segundo caso, entretanto, os resultados são imprevisíveis, até certo ponto, pois resta saber qual o comportamento do coração enxertado em relação aos compromissos assumidos pelo antigo. E agora, seu moço?

Se até hoje muitos justificam certas levandades, dizendo que possuem um coração generoso, que pode amar duas ou três pessoas ao mesmo tempo, de agora por diante haverá uma fonte inesgotável de desculpas...

Três vivas ao professor Nicolai!

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATILIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

LITERATURA

Estaca Zero	3
A obra-prima inacabada (Leda Serrador de Andrade)	17
A ciência e o mundo (Berilo Neves)	18
A taquigrafia (Escragnolle Doria)	20
As trevas (Jean Revel)	21
Livros Novos (J. L.)	36/37
A casa (André Maurois)	43

REPORTAGENS

De Washington (Celestino Silveira)	4/5
A instalação do governo constitucional	8/15
Jockey Club Mundano	16
Figuras e Fatos	49

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
---------------------------	---

FEMININAS

Figurinos para o Carnaval	22/35
Penteados	42
Modelos	58

CARICATURAS

De bom humor	19
"Charge" de Raul	54

CURIOSIDADES

A temporada lírica em Paris	38/39
-----------------------------------	-------

CINEMA

Animais em Hollywood	50/51
"Blithe Spirit"	44/45

TEATRO

Crime e castigo	46/47
-----------------------	-------

REVISTA DA SEMANA



Nossa Capa

Na capa de hoje apresentamos uma sugestão de Ann Sheridan, da Warner, para o próximo Carnaval. Uma linda cigana, muito simples, de saia rodada, com barra larga de cetim e galões de lamé. Blusa de organdi bordada com motivos florais em cores vivas. Sandálias douradas e cabelos soltos.

Os grandes Concursos Literários da "REVISTA DA SEMANA"

BASES DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

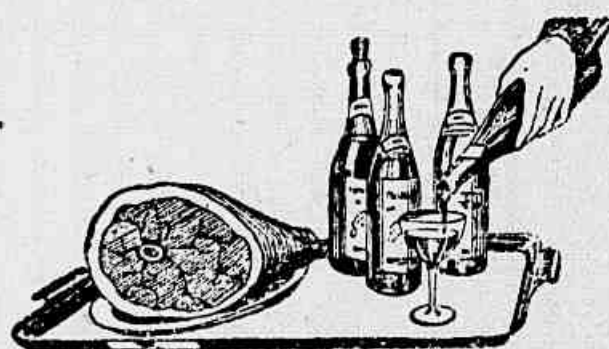
"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

De três em três meses, seleção de doze contos literários que serão publicados nas páginas da REVISTA — Temas de preferência brasileiros mas também generalizados — Uma oportunidade para os novos — Cr\$ 100,00 para o autor de cada conto publicado.

A REVISTA DA SEMANA mantém um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 1 de dezembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, clareza, estilo e unidade de ação no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome,

Comer Muito! Beber Demais!



Todas as vezes que praticar alguma imprudência ou extravagância, comer demais, beber muito vinho, muita cerveja, licor ou outra qualquer bebida alcoólica, para não ter indigestão ou outro desarranjo do estômago e intestinos, convém muito tomar à noite, quando for dormir, duas ou três colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de água.

Quem costuma ter indigestões, perturbações do Estômago e fermentações tóxicas dos intestinos, e não se trata, está arriscado a sofrer de doenças mais graves, porque essas substâncias infectadas invadem o sangue e afetam todo o organismo, causando grande mal aos nervos e prejudicando as funções do fígado, baço, coração, rins, etc.

Para evitar esses sofrimentos, tenha o seu estômago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**.

Use Ventre-Livre

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e suas consequências: falta de apetite, gosto amargo na boca, mau hálito, vontade exagerada de beber água, vômitos causados pela indigestão, arrêtos, gases, dores, cólicas, fermentações e peso no estômago, dores, cólicas e inflamação intestinal produzida pela demorada retenção de resíduos pútridos e tóxicos dentro dos intestinos.

Olhe

Ventre-Livre não é purgante.

Ventre-Livre é um vigorizador das camadas musculares dos intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre a mucosa do estômago e as funções do fígado.

Por esta razão, **Ventre-Livre** faz sempre muito bem!

Use Ventre-Livre

Não esqueça nunca.

Ventre-Livre não é purgante



enderço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.

- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remanescentes na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono e antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

O PINCE-NEZ DE OURO

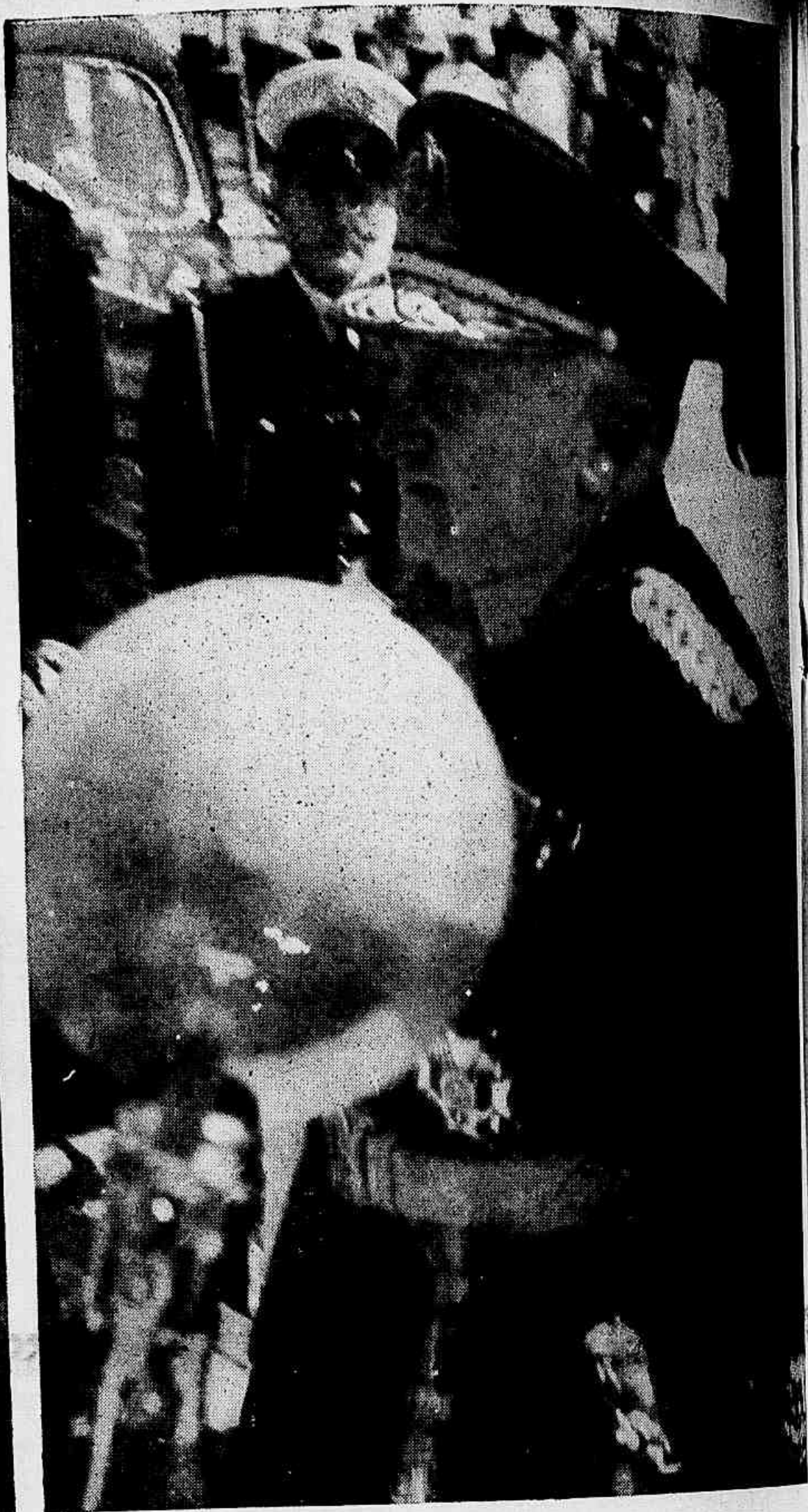
OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECENTAS MÓDAS
COM EXATIDÃO

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LÓRGONS
R. CARIOCA N.º 28



LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



31 DE JANEIRO — A esquerda aparece a folhinha do Palácio do Catete marcando o dia da posse do General Dutra na Presidência da República. Há já mais de dez anos não havia o Palácio um dia de tão alta significação para a sua vida de monumento nacional. A direita, um flagrante feito quando o General Eurico Gaspar Dutra se dirigia ao Palácio Tiradentes, afim de tomar posse do cargo de mais alto magistrado da Nação. Com a solenidade da posse tiveram início as cerimônias do dia 31 de janeiro, uma data que ficará para sempre nos anais da nossa crônica política, por isto que ela marca a volta do país ao regime constitucional. E esse fato altamente significativo para todos os brasileiros foi assistido pelas embaixadas representativas de mais de quarenta nações amigas, das quais faziam parte as mais famosas figuras da política internacional.

A INSTALAÇÃO DO GOVERNO CONSTITUCIONAL

O dia 31 de janeiro assinalou uma nova etapa na vida política da nacionalidade, marcando o princípio do governo constitucional do General Eurico Gaspar Dutra. E isto é consolador para todos, postas de lado as paixões políticas e as tendências partidárias de cada um. A posse do novo Presidente eleito pelo povo é, antes de ser uma vitória das forças que levaram às urnas o seu nome, uma vitória de todas as forças democrá-

ticas do Brasil, que conduzem hoje a nossa Pátria aos seus gloriosos destinos, através o caminho de um regime de liberdades e de respeito mútuo. Durante anos o povo brasileiro marchou às cegas, sem saber para onde ia. Agora, com um parlamento eleito livremente e com um Presidente também levado ao Catete pelo sufrágio universal, marchamos à clara luz do sol para um futuro risonho e um destino glorioso.

NA NOITE DO DIA 30 — Durante as horas que precederam imediatamente à sua posse na Presidência da República, o General Eurico Gaspar Dutra recebeu as mais inequívocas demonstrações da simpatia popular. A rua Gustavo Sampaio, no Leme, onde residia S.Excia., viveu uma noite gloriosa, com o comício de regozijo ali realizado pelos moradores do bairro, que assim quiseram homenagear o ilustre militar. Mais de dez mil pessoas se aglomeraram no local, vivendo o nome do General Dutra. Vários cartazes e faixas alusivos à sua vitória foram colocados em toda a extensão da rua, vendo-se entre eles dois grandes letreiros que diziam: "Desta rua saiu o Presidente da República" e "Desta casa saiu o Presidente da República". Na foto abaixo vemos a multidão de manifestantes sob uma das faixas e, à direita, o General Eurico Dutra, em família, recebendo as manifestações da varanda de sua residência.

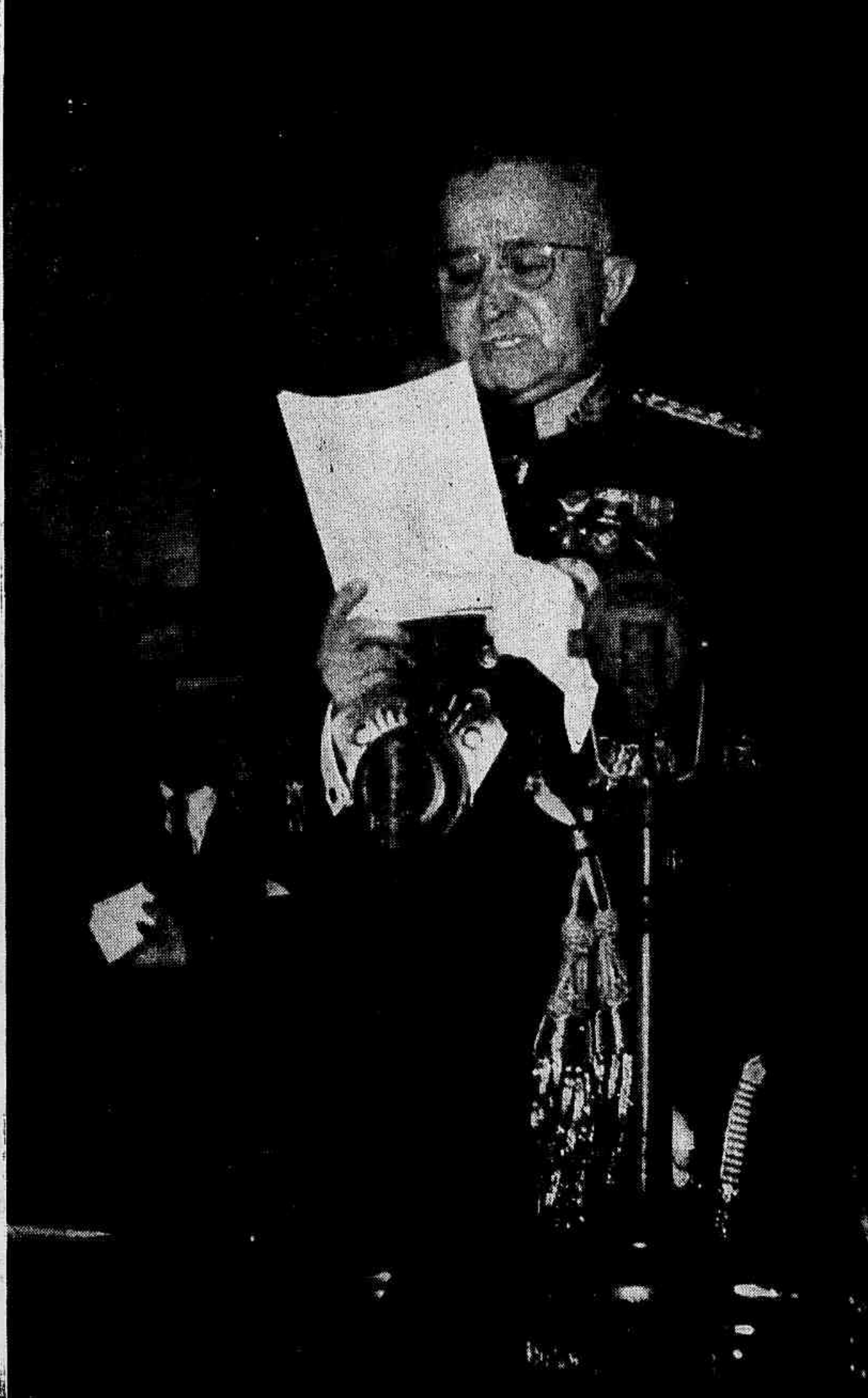




FIGURELA LA GUARDIA — Durante o ato da posse no Palácio Tiradentes, o fotógrafo da REVISTA DA SEMANA conseguiu o expressivo flagrante que se vê na foto acima, em que aparece o ex-prefeito de Nova York, sr. Fiorello La Guardia, em palestra com s. excia. reverendíssima monsenhor Fernando Cento, enviado especial da Santa Sé para a posse do Presidente Eurico Gaspar Dutra. O sr. Fiorello La Guardia, por seu renome mundial de democrata, representou uma sincera e expressiva homenagem dos Estados Unidos ao Brasil. Com a sua nomeação para embaixador especial nas comemorações da posse do novo Presidente da República, o governo da nação irmã deu mais uma prova eloquente da amizade que liga cada vez mais os grandes povos da América.

NO PALACIO TIRADENTES — As figuras mais representativas do mundo diplomático e oficial compareceram à posse do General Eurico Gaspar Dutra na Presidência da República, realizada no Palácio Tiradentes. No cliché abaixo vemos alguns instantâneos da chegada de alguns convidados. Da esquerda para a direita: Sir Donald Sant Clair Gainer, embaixador da Grã-Bretanha no Brasil, ao descer do automóvel à porta do Palácio; o embaixador Pedro Leão Veloso chegando ao edifício da Câmara dos Deputados; finalmente, o general Pedro Aurelio de Góis Monteiro, ministro da Guerra, subindo as escadas do Palácio Tiradentes.





A POSSE — Estes sugestivos flagrantes foram colhidos no Palácio Tiradentes, no momento histórico em que o General Eurico Gaspar Dutra, Presidente eleito do Brasil, tomava posse do cargo. A esquerda vemos S. Excia., entre as figuras mais representativas do mundo oficial e diplomático, fazendo a continência militar ao Hino Nacional, executado durante a solenidade por uma banda marcial. A direita, o Presidente lê o seu discurso de posse, ouvido por milhões de brasileiros, que escutavam em todos os pontos do Brasil as irradiações de nossas emissoras. O Palácio Tiradentes, de tão gloriosas tradições, viveu no dia 31 de janeiro último alguns de seus mais históricos minutos, com o retorno do País ao regime constitucional.

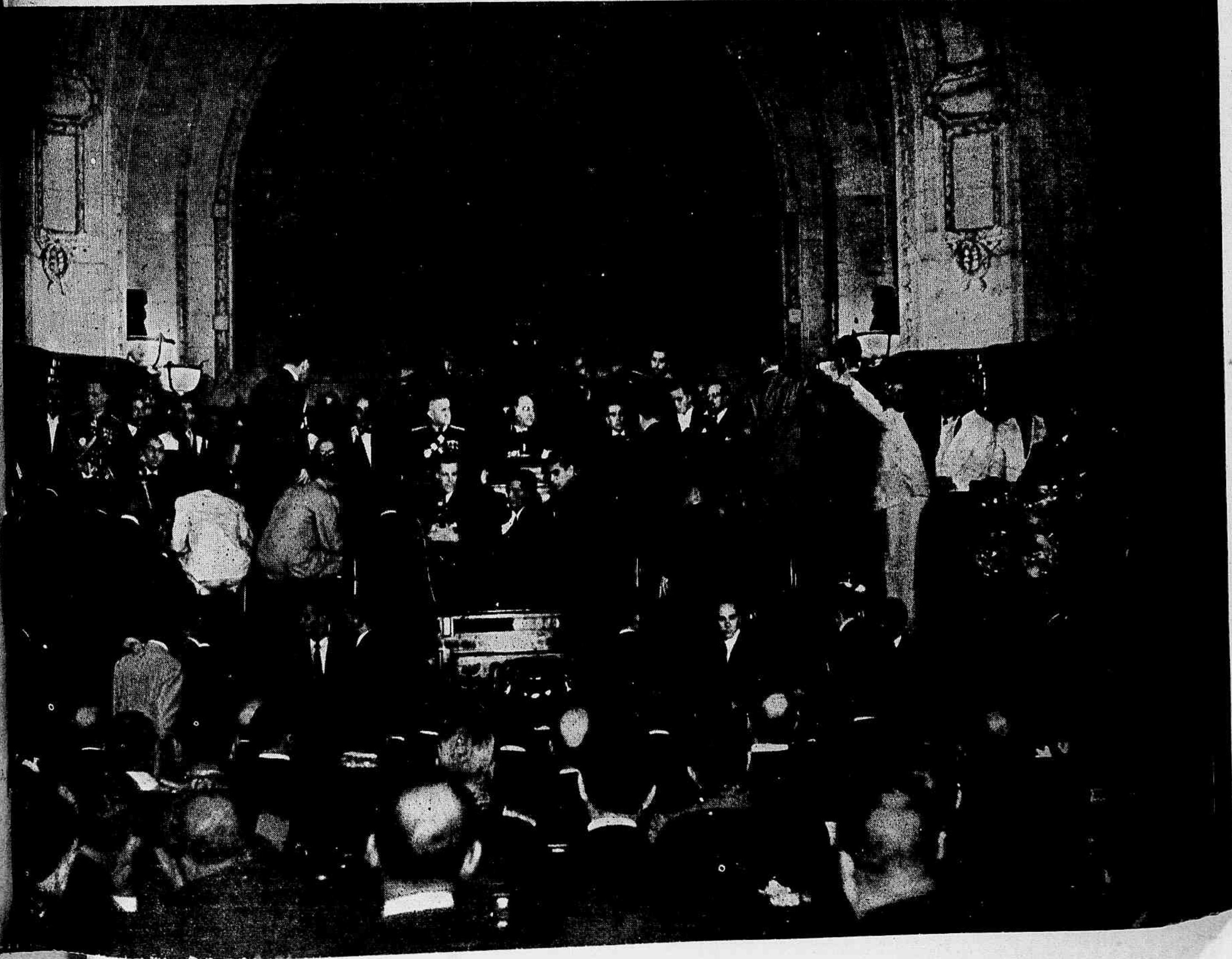
A ASSINATURA — A esquerda: perante as figuras mais proeminentes do nosso mundo oficial e representantes de todas as nações amigas, o filho do ministro Waldemar Falcão, Presidente do Supremo Tribunal Eleitoral, toma do livro de posse para entregá-lo ao General Eurico Gaspar Dutra. A direita: o novo Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, General de Divisão Eurico Gaspar Dutra, assina o termo de posse, após haver prestado o compromisso solene nestes termos: "Prometo cumprir com perfeita lealdade a Constituição Federal, observar as leis do País, promover o bem geral do Brasil, sustentar-lhe a união, a integridade e a independência".





MISSÕES DIPLOMATICAS — Figuras das mais destacadas no cenário internacional compareceram à posse do General Eurico Gaspar Dutra na Presidência da República, como integrantes das embaixadas especiais que nos enviaram dezenas de nações amigas. Nas fotos que acima reproduzimos vemos algumas dessas figuras, a saber: à esquerda, o embaixador de Portugal, sr. Pedro Teotónio Pereira, em companhia do embaixador João Neves da Fontoura, na entrada do Palácio Tiradentes, minutos antes do ato da posse. À direita: parte da missão especial enviada pela Grã-Bretanha, vendo-se em primeiro plano Sir Donald Saint Clair Gainer, embaixador da Inglaterra no Brasil, e almirante Sir James Somerville, que chefiou a missão especial enviada para as solenidades da posse.

MOMENTO HISTÓRICO — Foi com grande emoção que o General Eurico Gaspar Dutra prestou o seu juramento perante a Nação. Nesse instante histórico, centenas de fotógrafos de todos os grandes jornais do mundo fizeram explodir os "flashes", gravando fotos do ato decisivo para os destinos do Brasil. Na gravura abaixo vê-se o novo Presidente da República assediado por centenas de reporters fotográficos, que tentam fixar aspectos do solene e histórico momento. A posse do General Dutra na Presidência da República reveste-se de tão mais alta significação, por ser ela o marco inicial da nova vida constitucional da Nação Brasileira.





TRANSMISSÃO DO PODER — Logo após o ato da posse, o Presidente Eurico Dutra rumou para o Palácio do Catete, onde o aguardava o Presidente José Linhares, acompanhado de todos os seus auxiliares diretos, membros da Casa Civil e da Casa Militar. À esquerda aparece o sr. José Linhares, à porta do Catete, ladeado pelos seus auxiliares, pouco antes da transmissão do poder. À direita, o Presidente José Linhares saudando o seu sucessor, à porta do Palácio do Catete. Minutos depois era o Presidente Eurico Dutra no salão de honra do Palácio, onde teve lugar a cerimônia da transmissão do Governo, que passou a ser dirigido, daquele momento em diante pelo ilustre militar.

PRESENTAR ARMAS! — Uma companhia do Corpo de Cadetes da Escola Militar de Rezende prestou a continência de estilo, durante o momento em que o Presidente Eurico Dutra assinava o termo de sua posse na Presidência da República dos Estados Unidos do Brasil. Na foto abaixo reproduzida vemos os cadetes de Rezende em posição de sentido, apresentando armas em honra ao novo Presidente eleito do Brasil.

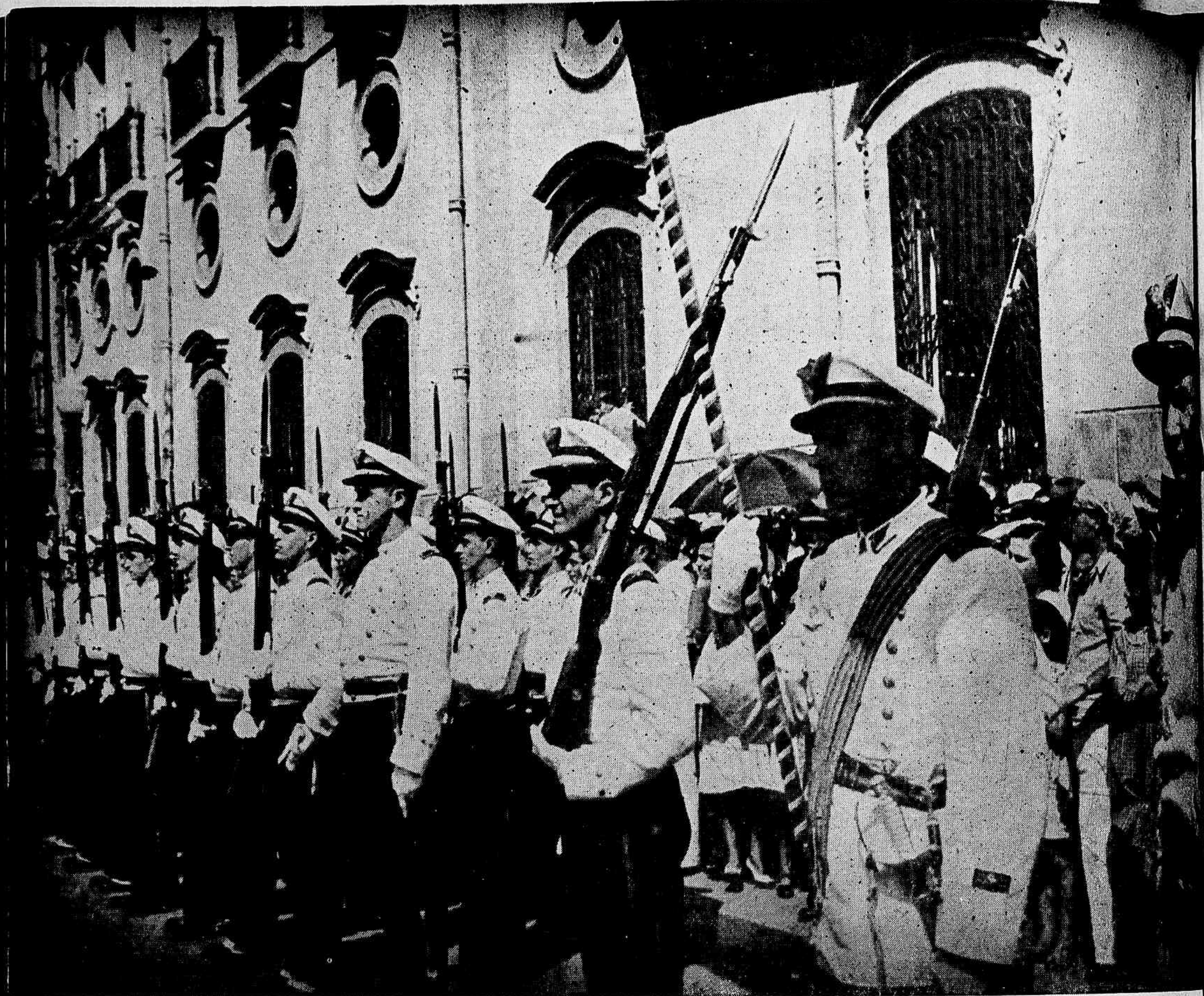




O CORTEJO PRESIDENCIAL — Tropas motorizadas do Exército postaram-se na avenida Beira-Mar, para prestar as honras de estilo ao Presidente Eurico Dutra. Na foto vê-se o cortejo presidencial, aberto por batedores do Batalhão de Guardas, quando passava por um contingente de "tanks", cujos soldados se perfilam em continência ao Primeiro-Ministro da Nação. Em primeiro plano, à esquerda, vêem-se colegas agitando bandeiras nacionais, à passagem do carro do General Eurico Gaspar Dutra.

NA TRIBUNA DE HONRA — Da tribuna de honra do Palácio Tiradentes, entre os elementos mais destacados da sociedade carioca, a família do General Eurico Gaspar Dutra assiste às cerimônias da posse. Vê-se em primeiro plano, entre damas da nossa elite, a exma. sra. d. Carmela Dutra, esposa do Presidente. Compacta multidão de elementos da sociedade carioca distribuiu-se pelas tribunas, para assistir à solenidade.





EM CONTINENCIA — A passagem do cortejo presidencial postavam-se contingentes de nossas Forças Armadas, para saudar o novo Presidente da República. Em frente ao velho Paço, na rua São José, estava um contingente dos cadetes do ar. A foto acima nos mostra os alunos da Escola de Aeronáutica, em posição de apresentar armas, quando passava pelo local o "landeau" que conduzia ao Catete o General Eurico Gaspar Dutra. Em primeiro plano a Bandeira do Brasil e sua guarda de honra.

NO PALACIO DO CATETE — O flagrante abaixo foi conseguido pelo reporter fotográfico da REVISTA DA SEMANA no Palácio do Catete, logo após a transmissão do poder ao General Eurico Gaspar Dutra. Vê-se na fotografia o Presidente da República em palestra com o sr. Otacilio Negrão de Lima, novo ministro do Trabalho. Este titular é um dos componentes do novo Ministério, escolhido por suas qualidades de técnico competente e administrador dinâmico, reveladas em altos cargos públicos.





A POSSE DO SR. CARLOS LUZ — Logo após a transmissão do governo ao novo Presidente, o sr. Carlos Coimbra da Luz tomou posse do cargo de Ministro da Justiça, no Palácio do Catete. A foto acima mostra o novo titular assinando o termo de posse. Ao centro, à esquerda, o sr. José Linhares ao deixar o governo faz o seu discurso, transmitindo o poder ao general Eurico Gaspar Dutra. Ainda ao centro, à direita, o-general Eurico Gaspar Dutra, Presidente eleito da República dos Estados Unidos do Brasil, responde ao discurso do sr. José Linhares, no ato da transmissão do Governo.



OS NOVOS AUXILIARES DO GOVERNO — Na foto abaixo, colhida no Palácio do Catete logo após a transmissão do poder, aparece o General Eurico Dutra ladeado pelos seus auxiliares Vêm-se, da esquerda para a direita: general Alcio Souto, chefe da Casa Militar; Presidente Eurico Gaspar Dutra; dr. Gabriel Monteiro da Silva, chefe da Casa Civil; dr. Carlos Roberto de Aguiar Moreira, secretário particular; dr. Jorge Avelino, oficial de gabinete, e dr. Joaquim Coutinho, também oficial de gabinete.





Foi animadíssima a última tarde no Jockey Club Brasileiro. Tôdas as pessoas presentes àquela reunião social não puderam deixar de fazer a sua torcida, tal foi o entusiasmo observado no decorrer dos páreos. Aliás, como sempre acontece, reuniram-se no Hipódromo da Gávea os elementos mais representativos de nossa sociedade para, num ambiente de grande elegância, se deliciarem com o desenrolar das corridas. E foi durante os intervalos, quando as graciosas senhoritas passeiam alegremente na "pelouse", que o nosso fotógrafo colheu as fotos que estampamos nesta página.



JOCKEY CLUB MUNDANO





AO passar por aquêlê homem alto, magro, de maneiras de "gentleman", nunca julguei ser êle protagonista de um dos casos mais estranhos que chegaram ao meu conhecimento. Êle teria passado perfeitamente despercebido se uma amiga não me tivesse falado dêle. Pouco me pôde adiantar, a não ser que êle, que vivia agora relegado ao ostracismo, fôra um dos mais queridos elementos do grupo de veranistas noutros anos.

Conversei pouco com êle, mas depreendi que era culto e viajado. Entretanto, nada me fez avaliá-lo um sentimental. Contudo, numa tarde em que eu lia um livro de poesias de Guilherme de Almeida, êle se aproximou, e pouco depois declamava algumas com voz expressiva e apaixonada. Não me recordo qual poesia serviu de anzol pescando no seu subconsciente velhas recordações. Também o local — um "hall" movimentado e impessoal de hotel — e a hora — duas horas de uma tarde quente e nada romântica — não eram propícios a devaneios e muito menos provocavam confidências. Seria a minha pessoa? A despeito de tudo isto, em pouco tempo entrei em contacto com a história mais estranha — justamente pela circunstância de ser profundamente real — que chegou ao meu conhecimento.

Na sua voz grave, êle falou: "Ao fiar a existência de cada um, as Parcas, muitas vêzes — por maldade ou descuido, não sei — deixam que fios de existências diferentes se entrelacem para depois separá-los abruptamente. Eu discava para alguém, quando do outro lado da linha atendeu uma voz que

não pertencia à pessoa procurada — uma voz dulcíssima: uma voz de seda e perfume. Começámos a conversar. Nas duas primeiras frases evidenciou-se-me a cultura e a inteligência da minha interlocutora. Trocámos impressões durante muito tempo sobre arte, literatura, filosofia. Seu estilo, todo pessoal, era vibrante, vigoroso, colorido. As sentenças, concisas e elegantes, saíam-lhe dos lábios tão lapidadas que a sua conversação se assemelhava a uma página burilada de Flaubert. Nunca julguei que uma mulher pudesse aliar à delicadeza tão feminina de seu pensar a inteligência e a cultura másculas. Eu não pensava em desligar; estava encantado! Ela condescendeu em conversarmos mais. Quando tivemos que nos despedir, pedi-lhe o telefone e o nome, para procurá-la no dia seguinte. Disse-me o nome mas não me quis dar o telefone. Como eu lho suplicassem afirmando não mais me ser possível deixar de ouvi-la e falar-lhe, ela riu. Todo o meu ser vibrou ante o riso cascadeante daquela mulher que eu advinhava belíssima. Atendendo aos meus ardentes pedidos, ela me prometeu telefonar no dia imediato, àquela mesma hora. As dezoito horas!

Durante todo o dia não saí. Nada fiz a não ser esperar e antegozar a inebriante palestra. O meu entusiasmo era tanto que me abstraía a tudo que não se ligasse àquela aventura. Era ela, aquela voz que vaporizava a essência da mulher, o remanescente do sôpro divino de Eva.

E assim, por vários meses, prolongou-se esta situação romântica e misteriosa. Tudo fiz para encontrá-la, para saber quem era. Pedi-lhe, supliquei-lhe que marcasse um encontro. Dvina ria e lançava mão de eva-

sivas espirituosas. Aquela mulher escravizava-me cérebro e coração a um só tempo. Enquanto o primeiro se sentia atraído pelo mistério, o segundo apaixonava-se por uma voz. Eu sonhava com Dvina. Via-a em tôda parte em que se me de-

(Continua na pág. 52)

A OBRA-PRIMA INACABADA

Conto de
LEDA SERRADOR DE ANDRADE

Classificado no Concurso da REVISTA DA SEMANA

A CIENCIA E O MUNDO

"Meu amigo:

Recebi com alvoroço a notícia de que a sua esposa o brindou, neste comêço de 1946, com um petiz robusto como um dogma e rosado como uma aurora. Esse fedelho que, hoje, mal sabe chorar — terá o privilégio (benza-o Deus!) de conhecer o ano 2000. Que maravilhas se estão preparando, nos bastidores do palco universal, para encanto dos seus olhos bem fadados! Acabo de ler, por exemplo, que um cientista soviético atribui

Por **BERILO NEVES**

ao pólen das flôres o dom mimoso de tornar o homem longo e a vida perfumosa... Bastar-lhe-á ter, à cabeceira do leito, meia dúzia de rosas, para dispensar a vigilância da Medicina e o espantinho da Cirurgia! Vivará, com os velhos românticos de 1830, com um cravo à lapela, e talvez volte a ler as poesias ardentes de Lamartine!

Afortunado fedelho, que pode cultivar o seu jardim, juntamente com a sua vida! E o ce-

nário que lhe há-de fascinar o espírito e deslumbrar o ânimo?... Casas de cristal, destituídas de germe e poeiras; aviões atômicos, que correrão os mundos em velocidade aproximada à da luz; perspectivas de astros jamais sonhados pela mente ousada dos astrônomos, nem divisados pelo olho artificial dos telescópios!

A Velocidade será a alma do século XXI — assim como Ritmo e a Pausa foram os característicos do século XVIII. O primeiro impulso novo dado ao re-



lógio dos Tempos foi a Revolução Francesa. Depois que a Bastilha caiu, o Mundo começou a sair da lentidão poética em que amodorrava. O passo do minuto cedeu lugar ao ritmo mortífero das *tricoteuses*, mesurado com o cair das cabeças empoadas na lage fria da guilhotina... Depois, o *tricot* simbólico das Egérias jacobinas se foi alertando até encontrar a máquina a vapor de Papin e o telégrafo elétrico de Morse. Mais tarde, Edison iluminou o Mundo com a lâmpada incandescente e sonorizou-o com o gramofone. Graças a Leuwenhoek, pudemos meter o olho, indiscretamente, no mundo dos micróbios e desvendar as tragédias que ocorre mmo infinito de uma gota d'água.

Quanta coisa se passou entre a última carga da Velha Guarda, em Waterloo, e as primeiras experiências de Pasteur sobre a fermentação dos líquidos! Entre o Império de Napoleão I e a República de Casimir Perrier quanta mudança, e quanta surpresa! Aos últimos lampejos do século XIX, tivemos Bequerel, Le Bon e Curie; mais tarde, mercê dos estudos de Hertz e Brantly, aprendemos a utilizar as ondas misteriosas em cujo dorso os sons navegam, com segurança e fidelidade. O Rádio, que nos põe o Mundo ao ouvido, só, com o torcer um botãozinho discreto, é uma das forças definitivas do século. E, ainda não nos habituáramos à sonorização compulsória do Universo, quando a televisão nos veio trazer tudo em casa, num instante miraculoso ou endiabrado!

Agora, andamos disputando celeridade à luz. Já batemos as andorinhas e todos os voadores nativos. O som vai ficando para trás, como instrumento de corrida. Um dia galgaremos a distância que nos separa desses mofinos planetas, com que os poetas dos séculos românticos sonhavam e se entretinham. Veremos, de perto, Júpiter, Saturno ou Marte; faremos vilegiatura em Vênus e poderemos mandar os recém-casados passar a lua-de-mel na própria Lua. Há

(Continua na pág. 56)

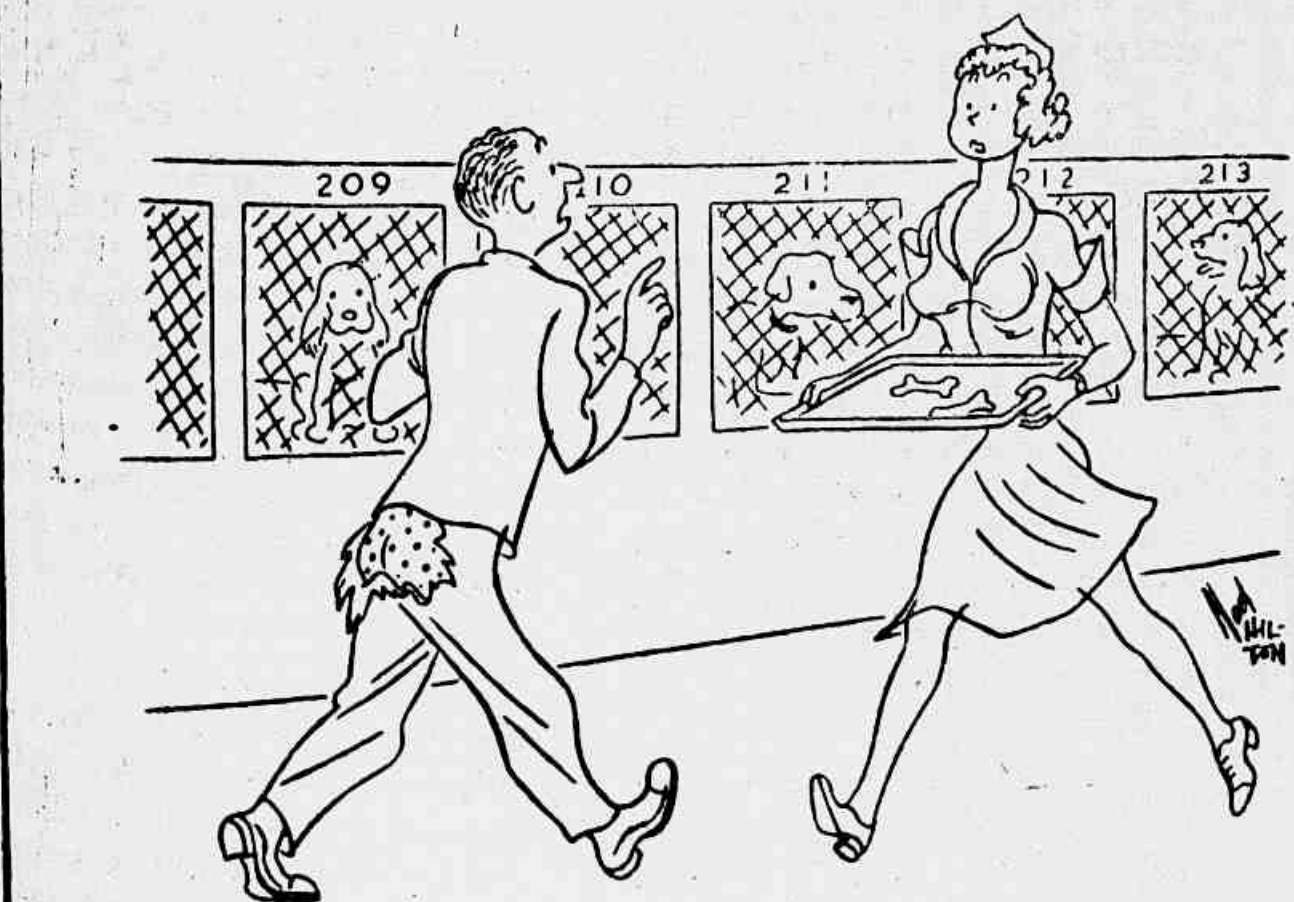




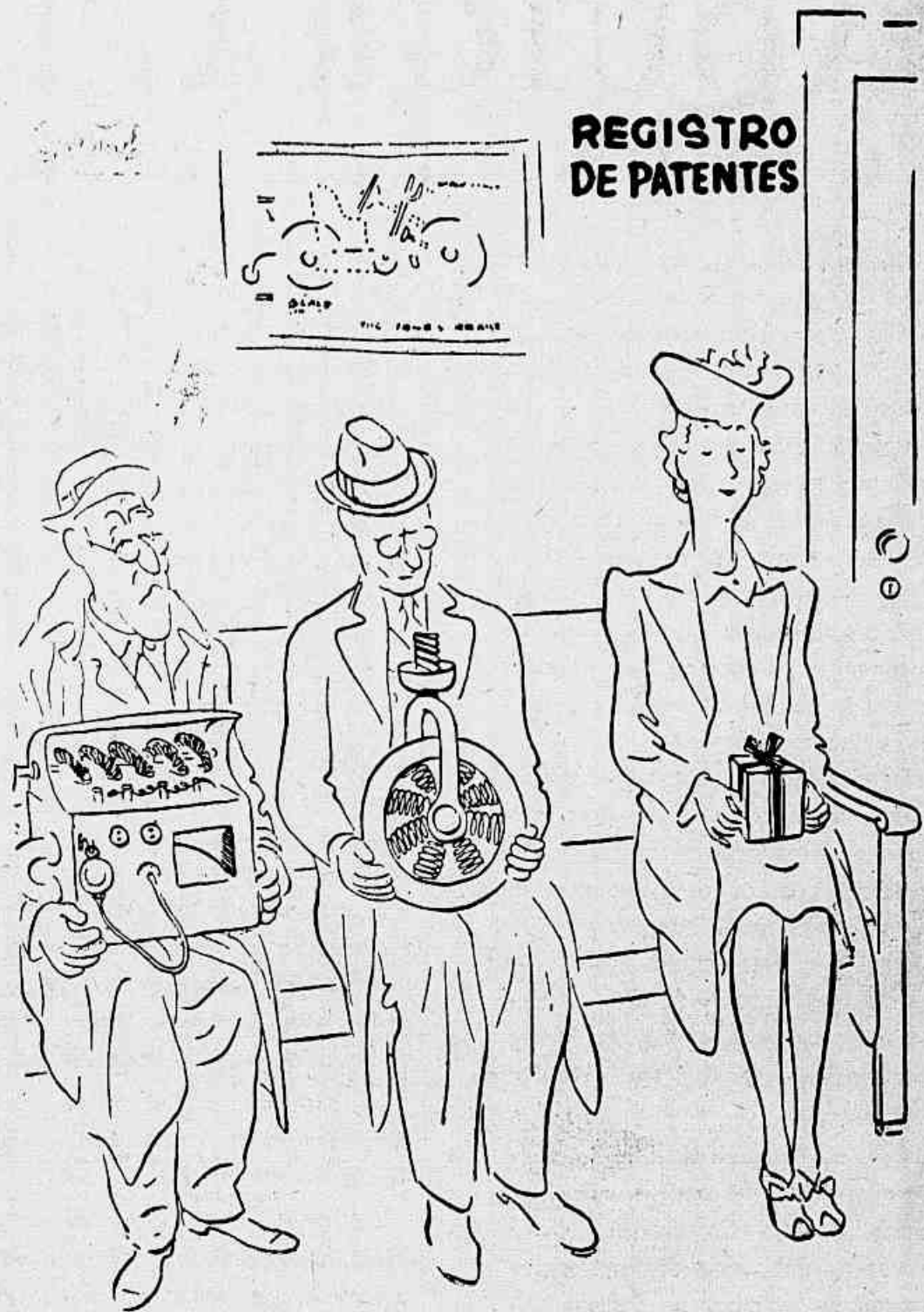
— Estou pronto, querida.



— Por favor, as pinças...



— Cuidado com o paciente do 205!



— Alô, mamãe! Eu ganhei!... Daqui a pouco estaremos na tua casa...

TAQUIGRAFIA

ESCRAGNOLLE DORIA

NOS tempos normais, ora inexistentes, nos países organizados, ora poucos na arfagem do universo atual, as assembleias legislativas têm dois aspectos diferentes embora se completando.

O aspecto público das legislativas é o de suas sessões, magnas ou ordinárias, conforme regimens de falas do trono, mensagens presidenciais, ainda conforme regimens de interpelação ou opposição a ministérios parlamentares, de discursos de maioria ou minoria, de votações políticas de importância, de outras simples de aprovação ou rejeição a projetos.

Todo este aspecto de uso externo das assembleias legislativas é o que, mormente em horas de crise, atrai para elas a curiosidade popular e a atenção da imprensa, ávida de novidades.

O aspecto por assim dizer íntimo das assembleias legislativas é o da continuidade de serviços necessários ao funcionamento das assembleias em exercício ou em férias.

Para tanto as assembleias legiferantes mantêm secretarias, bibliotecas, arquivos, funcionários, serviço burocrático, corpos de redatores de debates e de taquígrafos. Dos serviços se utilizam os Diários Officiais e Anais Legislativos, contrariando estes a asserção, até latinamente expressa, de vocarem as palavras para permanência dos escritos.

Marcê da taquígrafia orações ou as palavras parlamentares são apanhadas no vôo pelo sistema de escrever tão rápido quanto se fala, a arte taquígráfica ou estenográfica orientada por vários sistemas.

A estenografia, conforme raízes gregas arte de escrever apertado, por meio de abreviaturas consegue fixar a palavra humana em geral tão prolixa.

Quando entre nós começou o escrever apertado? Mal nos desapertam ramos de laços de metrópole portuguesa, laços por D. João VI e sua presença no Brasil tão afrouxados.

Mal o rei se foi veio ano libertador:

1822, disputado, e ainda é, o título de patriarca da Independência, por maioria de votos conferido a José Bonifácio.

Em menor grau de importância não deixou de ser disputado o título de patriarca da taquígrafia ou estenografia no Brasil.

Quiseram outorgá-lo a taquígrafo português José Fraga Pery de Lande. Opositores à pretensão e ao título apareceram.

Bom entendedor do assunto, Amaro de Albuquerque, em interessantes notas, esclareceu. Foi Isidoro da Costa e Oliveira quem divulgou entre nós a arte de Taylor.

Segundo o informante, deve-se a José Bonifácio a criação, em 1822, de aula pública de taquígrafia no Rio de Janeiro, confiada a Isidoro para existir vinte anos.

A asseveração de ter ido Isidoro à Inglaterra, favorecido por José Bonifácio, contrapõe-se asseveração mais plausível, a de haver aprendido Isidoro, por autodidatismo, aqui mesmo no Rio de Janeiro.

Isidoro não perdia tempo ensinando, nem sem alunos aprendendo a escrever rápido no apertado.

Em 1823 abria-se a nossa primeira Constituinte, até agora com duas irmãs, anunciando-se terceira. A oratória de 1823, calada aliás em 1823 mesmo, não prescindiu da taquígrafia e para fixação de trabalhos, nomeados sucessivamente, de maio a agosto de 1823, onze estenógrafos, Amaro de Albuquerque apurou-lhes os nomes. Por ordem de nomeação, Pedro Afonso de Carvalho foi o primeiro a registrar discursos de constituintes.

Ao que parece o ensaio taquígrafico de 1823 resultou imperfeito. Era natural e humano. Não só na obscuridade se tateia.

Embora falho em prática, é de assinalar o serviço dos onze estenógrafos de 1823. Que o digam os Anais dos nossos primeiros legisladores, alguns pela presença brasileira nas Côrtes de Lisboa habituados à taquígrafia.

De 1823 em diante até 1937, data na

memória de todos, as nossas duas casas de sistema representativo, Senado e Câmara foram providas dos servidores da abreviação.

Para eles em função havia no recinto de cada câmara, junto às bancadas, umas mesinhas às quais, revezadamente, se sentavam os taquígrafos armados de lápis e quartos de papel, aquele a correr sobre o outro, mal o orador exordia, seguido ou não pela atenção de pares. Em toda parte oradores há que ainda não abriram a boca e já ninguém os escuta, dêles os surdos preservados na sua desdita auditiva.

Ultra-secular é a taquígrafia no Brasil, onde o primeiro livro ensinando-nos arte estenográfica aponta-o Amaro de Albuquerque como da autoria do professor de taquígrafia Gonnet, domiciliado na Bahia, até hoje terra de oradores, triunfantes no parlamentarismo do Império.

Pelo sistema estenográfico de Aimé Paris, o francês Gonnet explicou taquígrafia em nosso idioma. Dois fascículos compreendia o seu trabalho, dois quadros precedendo o primeiro fascículo das lições de Gonnet.

Na primeira página do primeiro fascículo lia-se esta declaração:

"Novo método de tachygraphia por J. J. Gonnet, professor de tachygraphia e de mnemotechnia.

Bahia — na typographia de V. R. Moreira, anno de 1834."

Conforme aviso do primeiro fascículo de Gonnet, a typographia de V. R. Moreira ficava na rua do Ponde-ló n.º 37, cidade do Salvador.

Com o tempo foi seguido o exemplo de Gonnet. Em 1839, no Rio de Janeiro, appareceu um livrinho sob o título "Dialogos sobre Tachygraphia". Não trazia nome de autor, a obra attribuida a José Pereira da Silva Velho, modificador do sistema Taylor, sistema ao qual se ajuntou de Marti, afinal os dois sistemas em concorrência no Brasil.

Neste, a espaços, se foram publicando Métodos e Manuais habilitantes de taquígrafos pelos sistemas de Taylor e Marti, acompanhados pelo sistema de Gabe Esberger, preconizado em Santa Catarina, em Blumenau, por Frei Cesario Elpel e por A. Pfell no Rio de Janeiro.

Em várias províncias do Império, principalmente por causa do serviço taquígrafico nas assembleias provinciais, houve quem quisesse ensinar e aprender taquígrafia.

Assim registra Amaro de Albuquerque o interesse pela arte de escrever apertado no Pará, em Pernambuco, no Ceará, na Bahia, em S. Paulo, em Santa Catarina. Em todas essas antigas províncias foram publicados livros ensinando a arte estenográfica de tanta aplicação na vida parlamentar, conforme eloquências a bem ou a mal de ouvintes oradores, estes perante a posteridade ao compulsar anais legislativos.

Cumprido dizê-lo, os anais parlamentares não registram tudo quanto os taquígrafos ouvem e escrevem. Por conveniência, quando não pelo resguardo ao decore da câmaras, muito dito interessante fica sem menção nos anais. Quem foi taquígrafo ou redator de debates, quem o seja, bem sabe do caso.

Exemplificado no passado, é inútil procurar nos anais da Câmara dos Deputa-

dos do Império o espiroso aparte de monsenhor Pinto de Campos desfechado contra José de Alencar quando na Câmara fervia, é o termo, a discussão da lei do Ventre Livre ainda em projeto.

Em destaque de general, nas forças da dissidência conservadora oposta à lei Rio Souza 2.º, pompelava José de Alencar.

No parecer da comissão nomeada para opinar sobre o projeto da lei do Ventre Livre, escapara uma expressão — vaga Venus — da qual a opposição se aproveitou para zombar.

Monsenhor Pinto de Campos fôra o relator da comissão especial e a ele se dirigiu José de Alencar pedindo explicação do sentido da "vaga Venus", que bem se poderia referir a incertezas dos amores de escravas sujeitas a libidinagens de correntes do cativeiro.

Quem era essa vaga Venus? Indagou Alencar achando que Pinto de Campos era o mais autorizado a explicar a expressão. No interpelante havia curiosidade e malícia, dada a qualidade sacerdotal do interpelado.

Não tardou Pinto de Campos a apartear o adversário, que é de supor não gostasse muito intimamente do aparte do deputado pernambucano.

Fuzilou ele a Alencar com este aparte: "Vaga Venus. Ninguém melhor a conhece do que V. Ex.ª. E' mãe daquelle seu "Demonio familiar", o tal moleque endiabrado".

A Câmara riu e Pinto de Campos soube o que os franceses chamam *mettre les rieurs de son côté*. Um dêles não deve ter rido, Alencar, encaivado por dentro, agressor agredido.

O caso Alencar-Pinto de Campos fica lembrado para prova, possível de multiplicar, de que nem sempre quanto os taquígrafos registram fica seu traço na história parlamentar e apenas conservado por um ou outro escritor — assim Tannay nas "Reminiscências" — ou pela tradição oral, salvaguarda de olvidos de coisas bem interessantes.

Come o Brasil teve ininterrupta vida parlamentar, de 1823 a 1937, tal vida supõe numerosos taquígrafos a serviço de câmaras legislativas.

Cada um dêles ouvido o seu orador, tanto no Senado do Império como no da República, até ser este Senado transferido para o Palácio Monroe, pelo recelo do desabar iminente de edifício ainda de pé e só cedendo a dinamite só, cada taquígrafo, ouvido o seu orador e preenchido o seu quarto de função, tratava de descer pequena escada levando ao pavimento térreo. Ai o esperava o seu escrevente ao qual o taquígrafo ia ditando, traduzindo o que no recinto lançara sobre papel cortado certo e cheio de sinais, cobalísticos para leigos.

Decifrados os papéis, iam começar funções de outros servidores de vida parlamentar, os redatores de debates incumbidos de resumir discursos, respeitandolhes quanto possível a essência e a forma para que por fim os discursos longos fôsem se espraizar nas colunas do "Diário Oficial".

Recorde-se tudo isto quando o legitimo poder legislativo ressurgir no Brasil, após ter hibernado mais do que invernos.

Um antigo taquígrafo do Senado — O professor Francolino Cameu



O médico acendeu a luz e a mulher de preto olhou para ele. Jean estava ainda ofuscado pela iluminação súbita.

— E' este?

Houve um momento de ansiedade. A mulher se debruçou sobre ele, contemplou-o em silêncio. Depois começou a chorar.

— N...ão sei.

— Mas a senhora não pode reconhecer seu marido?

— Não sei, doutor. Ele era forte, gordo. E... e este está tão magro, tão débil...

— Minha senhora, eu...

— Deve ser este, doutor. Tem que ser este.

— Mas se a senhora me diz que não sabe ao certo...

— E' ele, doutor. Agora me lembro. Aquê-le sinal... Este jeito na boca... E' ele. E' meu Jean.

— Jean? De fato era seu nome. A única coisa que ele lembrava.

★

A princípio só poderia dizer que era uma série confusa de sensações. A mulher de preto o embrulhara num capote. Dizia que era sua mulher. Sua mulher? Pensar requeria esforço: doía. Ele preferiu não pensar, propriamente. Aquilo doía. A cabeça doía. Deixou-se levar. Recostado na almofada do carro, abandonou todas as resistências. Ficou imóvel, passivo. O carro deslisava por uma estrada meio escura. Adormeceu.

★

— Você sabe o que significa viver sem saber qual foi o seu passado? Você compreende o que quer dizer ser um ponto de interrogação ambulante?

Jerry, que não era muito inteligente, riu tolaamente.

— Ponto de interrogação. Está boa!

Jean zangou-se.

— Você é impossível!

Jerry aproximou-se:

— Você sabe que eu sou seu único amigo nesta casa?

— Está sério. Jean voltou-se bruscamente.

— E os outros?

— Os outros... os outros... Você não vai me fazer acreditar nesta história de que perdeu a memória. Eles estão aqui, para esperar que você a recupere e... e finalmente decidir o que vão fazer...

— Eu não estou entendendo.

— Quer que lhe refresque a memória?

— Conte tudo o que sabe?

— Você pensa mesmo que Jeannette é sua mulher? Só se for numa outra encarnação.

— Mas ela foi me reclamar no hospital onde eu estava sofrendo de amnésia...

— Isso é velho, meu caro. O recurso da amnésia não vai salvar do ódio deles à sua preciosa vida... Eles não têm amnésia.

— Mas que lhes fiz eu?

Jerry riu:

— Já se esqueceu, não é? E' bom.

★

Naquela mesma noite ele perguntou a Jeannette:

— E' verdade que você não é minha mulher?

Ela estava caminhando a seu lado, em direção à sala. Parou subitamente.

— Você se lembrou de alguma coisa?

AS TREVAS

Conto de JEAN REVEL



— Sim...

— Lembrou-se ou foi Jerry quem falou?

— Jerry? Que tem ele com isso?

— Nada. Vamos jantar.

★

A noite ele passeava sozinho no quarto. Pensava nos problemas que tinha que resolver. A cabeça estava estalando de dor com o esforço para decifrar o enigma. Impossível.

Jerry veio bater à sua porta. Ele foi abrir. Estranhou a maneira furtiva do suposto "cunhado".

— Então?

Surpreendeu-se com o tom da voz.

— Que há?

Jerry repetiu:

— Então? Trouxe o dinheiro?

— Que dinheiro?

— O tal dinheiro que Jeannette quer.

— Mas...

— Você quer que eu o denuncie à polícia?

Vamos, entregue o dinheiro.

— Mas eu não sei, na verdade, do que se trata.

— Eu só quero a minha parte. Vamos, Jean, não seja avaro.

— Mas eu não tenho nada.

O outro olhou-o com ar desconfiado:

— Será que você perdeu mesmo a memória? E o nosso plano?

— Eu não sei de que se trata.

— Estou meio duvidoso.

— Mas eu lhe asseguro que nada sei de um plano...

— A nossa combinação... para ficar com o dinheiro... Agora que eu entendi. Eles estão se aproveitando que você perdeu a memória para ficar com tudo. Mas eu não posso deixar que façam isso.

— Quer me contar tudo?

O outro olhou-o de soslaio.

— Como posso saber se devo confiar em você?

— De qualquer forma: que tem a perder?

Jerry refletiu um pouco, depois disse:

— Lembra-se de seu sobrenome?

— Não.

— Jean Lorrain.

— Que era eu na vida?

— Nosso primo. Órfão. Muito rico. Mais avaro que rico.

— E daí? Por que me odeiam?

— Porque você quer ainda o dinheiro deles. E eles agora formaram um plano para ficar com o seu.

— Não estou entendendo.

— E' simples. Minha mãe, quando morreu, deserdou os filhos em seu benefício. Não podia fazer isso no testamento. Portanto, antes de morrer entregou a você sua fortuna, como doação. Você é possuidor de todo o dinheiro da família.

— Mas que culpa tive eu disso?

— Nós combinamos...

— Combinamos?

— Sim. O golpe foi planejado. Você aduava a velha. Vivia aqui.

— Mas...

— Agora eles querem tirar o dinheiro de você. Ficar com tudo.

— E Jeannette?

— Minha irmã tem ódio a você. Ela quer convencê-lo de que é seu marido. Para depois tomar conta do que você tem.

— Como é que ela poderá provar que é casada comigo, se não for?

— Eu conheço todos eles. Eles hão de arranjar uma certidão falsa.

— Uma certidão falsa? Mas...

— Você se ilude com essa gente... Francamente, eu não o entendo. Antes você era diferente.

Jean sorriu.

— Sim, talvez seja essa a verdade. Eu devo ter mudado.

Olhou para Jerry:

— Quer me deixar sozinho? Eu preciso pensar sobre tudo isso.

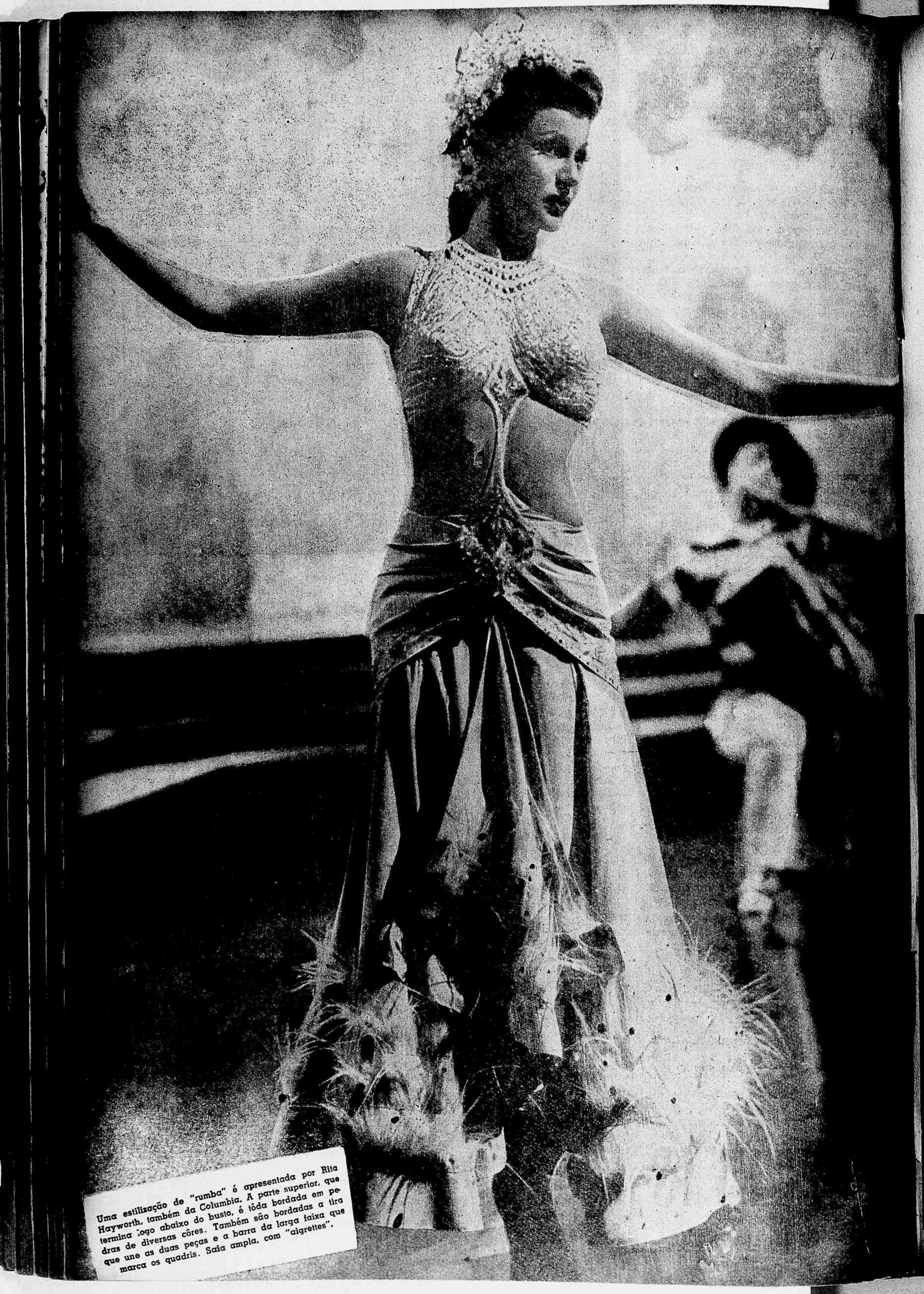
— Está bem...

O outro saiu.

★

"Francamente, não me reconheço. Eu, envolvido nisso? Eu, criminoso? Criminoso, propriamente, é verdade que eu não devo ter sido. Mas de qualquer forma um homem des-

(Continua na pág. 48)



Uma estilização de "rumba" é apresentada por Rita Hayworth, também da Columbia. A parte superior, que termina logo abaixo do busto, é toda bordada em pedras de diversas cores. Também são bordadas a tira que une as duas peças e a barra da larga faixa que marca os quadris. Saia ampla, com "aigrettes".

FIGURINOS PARA O CARNAVAL

Os figurinos de Carnaval que apresentamos neste número, constituem a magnífica colaboração de Matheus Fernandes para a REVISTA DA SEMANA.

O conhecido artista brasileiro apresenta assim às nossas leitoras, as últimas criações de seu espírito inventivo, fantasias originais e estilizadas, que por certo abrihantarão a folia dêste Carnaval da Vitória.

Matheus é hoje um dos maiores artistas brasileiros em seu gênero, tendo sido premiado no último salão de belas artes. Figurinista, indumentarista e escultor, tem trabalhado largamente para o nosso teatro, desenhando os modelos de tôdas as grandes peças ultimamente encenadas. O guarda-roupa de "Cleópatra" foi uma de suas criações. Também para a temporada de comédias francesas de Louis Juvet trabalhou Matheus, conseguindo magníficos efeitos.

Hoje, o desenhista que oferece os seus mais recentes figurinos às nossas leitoras é o encarregado do guarda-roupa de um de nossos cassinos.

Mexicana estilizada,
pintada em fazenda
bem "souplé"; chale
com franja de seda.
(Desenho de
Matheus.)





AO ALTO, A ESQUERDA:

Mme. Pompadour... à Século XXI...
Eis a graciosa sugestão de Ann Miller,
dona de um dos mais belos pares de
pernas de Hollywood... Bem, volte-
mos à fantasia... As nossas leitoras
poderão fazê-la em rendas, tules e
lantejoulas. Rendas para os babados
da saia, tule para as mangas e gola,
e lantejoulas para o corpete. Desta-
cando-se sobre o preto, grandes rosas
aplicadas de veludo côm de rosa e
vermelho. Grande cabeleira adornada
com pedrarias e plumas.

A DIREITA

Elegante e prática fantasia para os
bailes infantis, "Cruzeiro do Sul", em
tafetá e veludo recortado, contornado
de estrelas de lamé de prata; estrelas
de prata na cabeça.

EM BAIXO:

Riquíssima fantasia de Branca de Ne-
ve, para menina de 10 a 12 anos. Tô-
da em tafetá de seda em duas cores,
música e letra bordadas na côm do
fundo ou em ouro. Os anões são bor-
dados com veludo contornado. Fôlhas,
flôres e a maçã em fazenda contor-
nada e recortada; corpinho de veludo
bordado em ouro; mangas de organza.
(Desenhos de Matheus)



A loura e linda Dolores Moran apresenta uma arrojada fantasia de pele-vermelha estilizada. Tôda trabalhada em cetim, com desenhos aplicados de motivos indígenas. Para o canicular Carnaval do Rio de Janeiro, nenhuma fantasia pode ser tão apropriada como esta, leve como é, e sem enfeites que concorram para dificultar os movimentos.



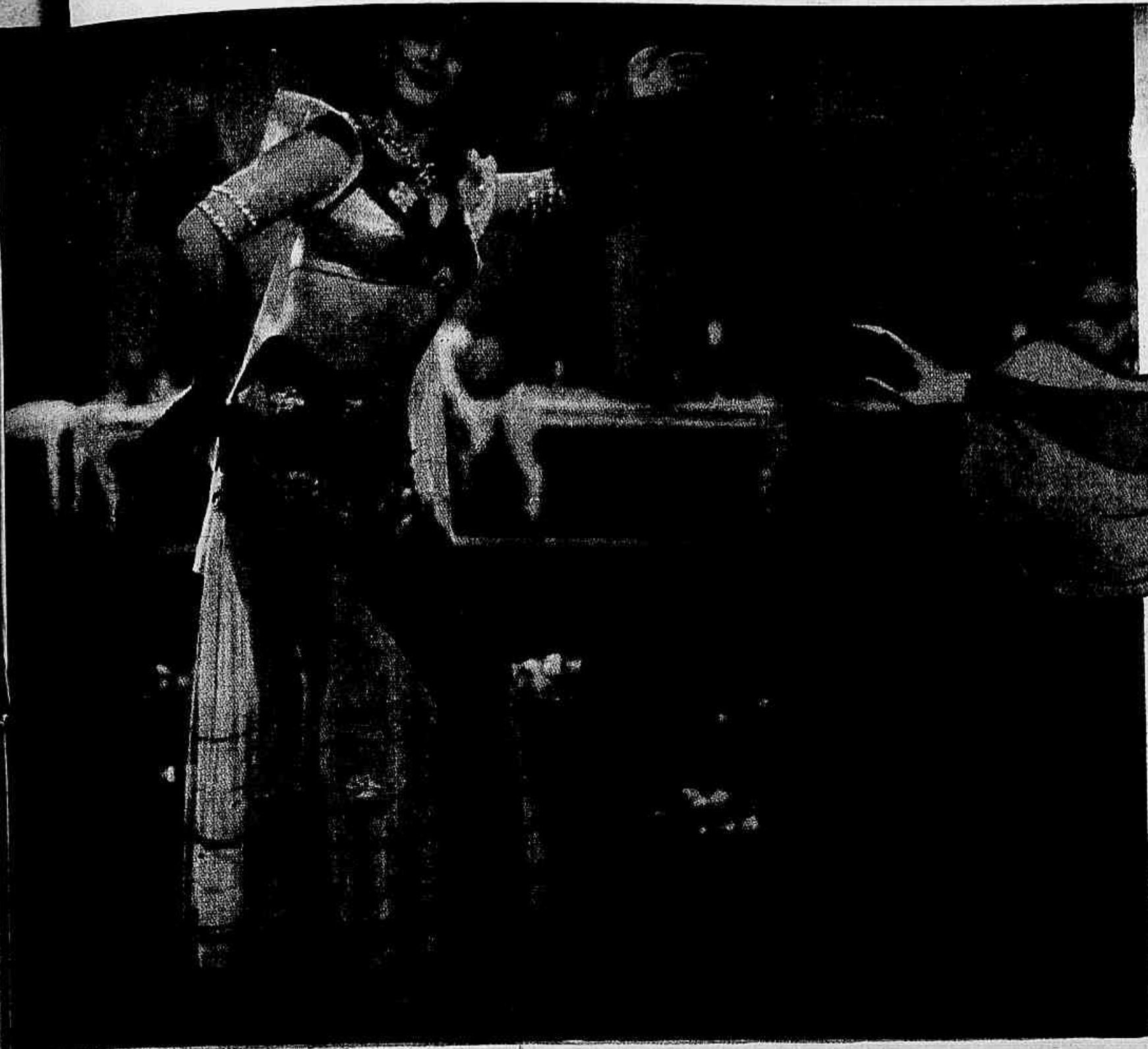
Ann Sheridan, a querida "estrêla" da Warner, apresenta um maravilhoso modelo de "cancan", em organdi e cetim, trabalhado em preto e branco. Luvas de canhão alto. Com a volta do prestígio do "vaudeville", esta fantasia tem sido muito usada nos bailes de máscaras dos Estados Unidos, mas em nosso país ela é o que há de mais original.



A esquerda — Um moderníssimo Robin Hood nos é apresentado por Cornel Wilde, da Columbia. Calção justo em malha verde escuro, e blusa inteiramente aberta no peito, em lã verde claro. Cinto de couro natural. Em baixo — “Espanhol”, fantasia prática: calça em lã branca; bolero em lã vermelha; bordado, tacha, gravata e borlas em laranja; camisa branca. (Desenho de Matheus.)



s é
ção
nte
uro
ica:
do,
neça.



A esquerda — Mapy Cortes, a “estrelinha” de “Na Côte do Faraó”, nos apresenta esta graciosa estilização de Cleópatra, com uma saia em tule bem transparente. **Em baixo** — E’ inspirada no velho Mexico esta sugestão de Jinx Falkenburg, da Columbia. O corpete justo é de seda branca, tendo no decote um babado recortado, com ramagens que podem ser pintadas ou bordadas em côres vivas. O mesmo pode ser aplicado à saia, que é executada em seda preta fôscas. Do joelho para baixo sai um babado de georgette branco, todo plissado, acabando em renda. Sôbre os cabelos ramo de flôres. **Ao alto** — Bonita fantasia, em estilo contos de fada, tôda bordada de lantejoulas; calça de veludo, mangas de organza. (Desenhos de Matheus.)



A esquerda — Fantasia simples de camponesa: blusa de organza com fita passada; saia de estampado bem vivo; blusa lisa na cor predominante da saia, com fitas da cor do estampado, fazendo laços levantados do lado, deixando ver a perna. À direita — Jockey, fantasia improvisada com uma calça de campo; botas, camisa de cetim, estrelas nas cores mais simpáticas à leitora. (Desenhos de Matheus.)



Uma nova versão da "Princesa": muito modernizada, é claro, mas nem por isso menos interessante... O modelo é Adele Jergens, da Columbia. Muito tule, muito vidrilho, muito bordado e... muita coisa bonita para a gente ver...

Padua



Longe da
 dominagem
 Voltam
 naval da
 convidam
 Vam
 Aprov
 nos bailes
 cruéis d
 Europa, s
 tempos
 rim os pr
 elle a co
 lettera
 os figuri
 da Vitor

crueis da guerra, esqueçamos as desgraças dos seis anos de Europa, soltando as vozes no desabafo alegre do Carnaval. Os tempos de alegria, a tristeza morreu com Hitler. Aí vem o Carnaval, os prêmios e as escolas de samba. Os bailes aristocráticos não a cantar e brincar. Bem, leitora, vamos ao Fluminense. Os figurinos que aqui lhe oferecemos e faça sucesso com eles da Vitória.



1 — "Portuguesa", tendo todos os característicos da portuguesa, fantasia estilizada é no entanto bem leve, podendo ser usada sem inconveniente do calor; pode mesmo ser feita em tafetá, toda bordada em lã, em tôdas as côres. 2 — Para mocinha que gosta de brincar, fantasia de Russo é muito prática, deixando livre todos os movimentos. Pode ser feita em cetim vermelho, com bordados, ou em galão em verde. Botas e chapéu pretos. 3 — Fantasia confortável, leve, frágil, rica, dependendo da vontade da leitora. Bordados bem ricos, pérolas e pedrarias; lenço grande na cabeça; botas de veludo. "Dama da corte de Napoleão", em fazenda de tapeçaria, com flores "bordeaux" sobre saia de veludo da mesma cor bordada em ouro; "pe" de fazenda "souplé", com o mesmo bordado em ouro. (De Matheus.). 5 — A belíssima Jinx Falkenburg dá às nossas leitoras uma idéia nova sobre "mexicana". Aqui a vemos num riquíssimo confeccionado em cetim branco, amarelo e vermelho. Sobre a saia, deslumbrante motivo em côres vivas. No decote, o mesmo motivo em tamanho menor. Babado plissado na barra da saia.

A ESQUERDA — Para mocinha, esta mexicana estilizada é muito apropriada, podendo ser feita com a saia comprida. Tôda de renda, com avental bordado em lã de côres bem vivas, rebordado de vidrilhos e palhetas. Guarnição de cabeça na mesma renda, ou em organza com renda plissada. À DIREITA — "Clown", fantasia elegante e prática para a leitora que gosta de pular e correr; blusa de renda. (Desenhos de Matheus.)





Carrasco. Eis a curiosa sugestão de Dusty Anderson, da Columbia. Mas... vale a pena ser chicoteado por um carrasco assim! Copie a fantasia e verá quantos "voluntários" se apresentarão! O traje é composto de uma "sweater" de malha preta e originais calças de lamé prateado. Cinto formado de argolas forradas de lamé, sandálias também de lamé, colar vistoso sobre a "sweater" e... não esqueça o chicote!...



A ESQUERDA — Essa "coisinha" graciosa que aí vêm, é Evelyn Keyes, saída das "Mil e uma noites". E' o "gênio da provocação"... Gostaram do nome da fantasia? Pois então podem executá-la em lamé prateado, para o corpete, e "peau d'ange" azul celeste, para a saia. Faixa de lamé, sandálias com fitas de cetim. EM BAIXO — Para esta "menina": tafetá com desenhos de ventiladores, em fazenda recorrida e pedaços de fita aplicados em cores diversas. (Desenhos de Matheus.)





**GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



**DORES
DE CABEÇA**

TRANSPIROL

Uma cútis imperfeita



Indiscutivelmente, a aparência é fator decisivo para o sucesso ou fracasso da mulher. Não pode haver beleza e nem sequer atração, quando a pele apresenta manchas, espinhas ou qualquer outra doença.

O próprio maquiagem não encobre as imperfeições da cútis.

Se V. sofre de erupções e asperezas da pele, espinhas, acne ou cravos, furúnculos, pruridos, ou mesmo certas manifestações alérgicas, comece a usar CREMOVAN — um creme de eficácia comprovada no tratamento das afecções da pele e do couro cabeludo.

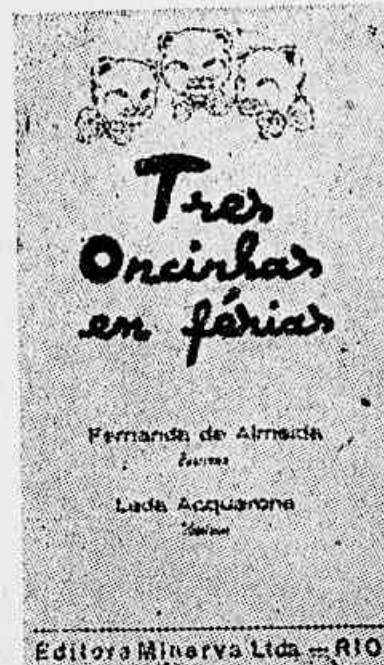
CREMOVAN contém Sulfatiazol, uma substância recentemente descoberta e indispensável no tratamento eficaz da cútis. CREMOVAN não é gorduroso e por isso deve ser usado como base de maquiagem, protegendo a pele dos germens causadores dessas desagradáveis afecções.

CREMOVAN

Fabricado pelos Laboratórios Rico - Rua do Senado, 202 - Rio - Tel.: 42-9575

Livros

TRES ONCINHAS EM FÉRIAS, novela infantil de Fernanda de Almeida, com ilustrações de Leda Acquarone - Editora Minerva Ltda. - Rio de Janeiro, 1946.



O presente livro constitui o advento de Fernanda de Almeida às letras brasileiras. Bemvinda seja. Todos nós que, exultando ou mourejando, vivemos neste campo do espírito, devemos recebê-la não apenas festivamente, mas com honras de exceção, como as suas credenciais reclamam.

Fernanda de Almeida que, para o efeito literário, resolveu encurtar o nome, vem duma estirpe o mais possível consagrada. E' neta de D. Júlia Lopes de Almeida, que pelo romance, o teatro, o conto, a crônica, multiplicou os seus padrões de renome, e de Filinto de Almeida, cujos versos, especialmente os criados nos últimos anos da sua existência, serão, enquanto viver o idioma, recordados e admirados. Também D. Júlia começou publicando, de colaboração com sua irmã Adelina Lopes Vieira, um volume de contos infantis... Nascerá desta coincidência de estréias o paralelismo das duas carreiras literárias? Oxalá. E parece que sim.

Fernanda de Almeida surge sózinha e talvez em mais curta idade. Não há muito tempo era ainda criança. Sempre, porém, desde que começou a fazer-se entender — ou a entender-se a si mesma — mostrou uma inteligência rara a que correspondia peregrina sensibilidade. Rabiscava nos cadernos de colégio coisas que nada tinham a ver com as matérias do curso mas eram, sem contestação possível, muito mais interessantes. Os seus diálogos, sobretudo, surpreendiam pela viveza do andamento, o jogo das idéias e das em gô: a, o colorido das frases na sua variedade expressiva — e ainda, o que mais curiosos e impressionantes os tornava, pela "verdade". Onde iria ela buscar tudo aquilo? perguntavam os ouvintes mais maravilhados. Não importa. O que interessa, o que vale é verificar como a singular menina de então continua a trazer-nos de lá, do paiz onde o Talento e a Fantasia moram no seu lar de sempre, sempre renovado, oferendas cada vez mais belas e mais valiosas.

O caso das *Tres oncinhas em férias* está exposto e desenvolvido de maneira a que todos os guris o possam compreender e com ele se possam divertir. Para Fernanda de Almeida é, já hoje, uma brincadeira. Não deixa, no entanto, de patentear o dom inato, essencial da escritora. Manterá esta, no cultivo de tal virtude, a persistência laboriosa, o empenho profundo, a vontade constante e ardente sem a qual nenhuma vocação atinge a desenvoltura e a segurança amplamente realizadoras? Oxalá, repetimos. Repetimos igualmente: parece que sim. E eis o que amanhã, talvez um amanhã pouco distante nos dirá.

Adornam o volume graciosos e insinuantes desenhos de Leda Acquarone.

A TERRA CANTA! poema cíclico de Stella Leonardos da Silva Lima - Rio de Janeiro, 1946

E' o primeiro livro que recebemos datado deste ano. Bemvindo seja. Traz-nos uma espécie de bom agouro: que à sua beleza e ao seu entusiasmo sucederão numerosas outras obras bem sentidas e bem amadas pelos poetas seus criadores.

Aquela a quem boa dezena de vezes aqui tratamos de Senhorinha Silva Lima chama-se hoje a Senhora Silva Lima Cabassa. O presente livro traz ainda o seu nome de família. Em *A terra canta* ouvimos os seus últimos versos de solteira. Outros poemas nos mandará agora da pátria de seu marido, porventura mais formosos ainda, mais vibrantes de emotividade, de mais ampla e alta inspiração... Quem sabe? Desde, porém, a primeira mocidade, meio criança ainda, Stella Leonardos se nos afigurava plenamente dotada do sentimento da poesia. Além disso, a virtude do amor à terra tinha a servi-la, naqueles livros, uma cultura prodigiosamente vasta e segura para tão curta idade. Desde o princípio Stella Silva Lima mostrou conhecer, não apenas apaixonadamente mas também familiarmente, a imagem do Brasil, do Brasil história, panoramas, gentes, lendas, poesia. Dir-se-ia que nem os costumes nem a linguagem nem a alma indígenas lhe escondiam o segredo mais ligeiro. A publicação em livro do drama *Palmares* exigiu, como já outros volumes seus haviam reclamado, profusa glossário para que os versos se fizessem inteiramente compreender pelos leitores menos versados em tupi que o Sr. Roquette Pinto. E o glossário do presente poema ocupa nada menos de quatorze páginas.

Nestes tres cantos: *Tupirelândia*, *Ser livre e Celso e Mara* se ostenta a mesma espontaneidade ardorosa, o mesmo ímpeto essencial que dá aos versos o aspecto de se fazerem por si, com tanta desenvoltura e clareza quanta a destreza que a mão possa atingir, trazendo-os no papel. Os tres poemas correspondem a tres épocas: Brasil alvorecente, Brasil nativista, Brasil consciente. Não se trata, contudo, de painéis históricos. Não é só a vida dum povo sobre o pedaço de mundo que lhe coube por legado de Deus. A imaginação da poetiza cria, para além das lendas que outros livros lhe ensinaram, histórias propriamente suas, de amor, de heroísmo, de sofrimento, de glória. E há uma saudade perene e dominadora, como se a poetiza houvesse presenciado, atravessado, ela própria, aqueles episódios do drama da terra, ou já pressentisse que do seu cenário um dia, se havia de afastar. Assim nos fala a primeira página do *Prelúdio*.

*E' uma saudade antiga, uma grande saudade!
Toda a vez que a sonhar, atandono a cidade,
e me põho a vagar sem paradeiro certo,
parece que uma voz de alguém que anda por perto
vai me dizendo:*

— *Avante!*

*E minh'alma impulsiva,
como ave que penou muito tempo cativa,
embriaga-se de luz, azas livres no espaço!
E os meus sonhos, empos, alcançando-lhe o passo,
vão me dizendo:*

— *Avante!*

*E eu lhes respondo:
— Avante!
sentindo no meu sangue o sangue bandeirante
que pulsa no Brasil!*

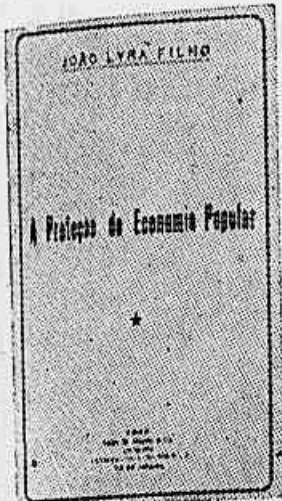
*Esta Terra me jalal
E' porisso, talvez, que escutando-a se abala
tanto meu coração!*

*Assim como escutamos
ao meio do caminho a cantiga dos ramos,
ou curvos sobre a fonte, o cabelo revolto,
ouvimos o cantar do veio d'água solto,
em rios de água clara, a Terra também canta!*



Provas

A PROTEÇÃO DA ECONOMIA POPULAR, por João Lyra Filho — Irmãos Di Giorgio & Cia, editores — Rio de Janeiro, 1945.



O Sr. João Lyra Filho, mais popularmente conceituado como técnico e paredro de esportes, com legítimo direito ocupa, na mentalidade brasileira, situação bem superior àquela: a de autoridade em economia política. Acreditamos que ele próprio não coloque este segundo prestígio muito acima do primeiro... No presente livro mesmo o Sr. Lyra Filho nos diz a atenção e a estima que lhe merecem o foot-ball e os exercícios mais ou menos congêneres. Tendo-se referido à sua predileção pelos estudos de economia, diz ele:

"O próprio desporto, ainda desgraçadamente visto como instrumento de recreação comprometedor das atenções do espírito, no juízo das elites dominantes, nós o temos estimado como elemento poderoso de concentração democrática, da qual se extrai muita riqueza viva, que explica e complementa a seriedade das conclusões dos que procuram alcançar solução, através da economia política, para o problema da felicidade humana. A economia e a sociologia do desporto, em face do indivíduo e da comunidade, oferecem índices e dados de constante oportunidade além de provas e experiências necessárias à organização social e à explicação do homem — a matéria prima da economia."

além de provas e experiências necessárias à organização social e à explicação do homem — a matéria prima da economia."

Assim as duas matérias, as duas questões são pelo autor do presente livro aproximadas, mais do que isso: postas em íntima e integral releição. Não se trata dum paradoxo. Não houve aqui a pretensão dum *tour de force* de raciocínio ou de estilo. As linhas citadas respiram convicção e deveras nos transmitem a sua sinceridade. Tanto assim que nos sentimos levados a aplaudir-las sem reserva. Apenas verificamos depois, com satisfação também puríssima, que em todo o volume se não volta a falar de esporte e apenas se ministram noções de economia. Soubéssimos todos nós assimilar estas doutrinas e por nossa vez e tanto quanto possível, as defender e praticar... A conclusão do capítulo *Sinais de vida futura*, que constitui também a última página da obra, é nobremente animadora:

"Estamos seguros de que a democracia é o sentimento e a compreensão de cada um, a educação e a economia de cada indivíduo, protegidas pelo Estado contra as incursões discricionárias do capitalismo. Educação e economia. A árvore generosa dará flor ao sentimento, dará fruto à razão, dará sombra, paz e união aos que confiam na promessa das raízes."

HISTÓRIA DA II GUERRA MUNDIAL por Edgar Mc. Innis, tradução de Homero de Castro Jobim — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre 1945.



E' o terceiro volume desta série que nada deve deixar por assinalar e bem explicar dos sucessos da guerra declarada por Hitler à inteligência e à dignidade do mundo. Já a propósito dos tomos anteriores dissemos da organização e da execução do empreendimento a que se entregou o escritor norte-americano Edgar Mc Innis, historiógrafo, sociólogo comentador de grande autoridade em assuntos de política internacional. O que ele viu foi "ensinar" com exatidão e clareza os acontecimentos notáveis destes cinco anos dum conflito cujos horrores e misérias toda a gente presenciou, toda a gente sentiu, mas relativamente poucos indivíduos chegaram a bem compreender. Esta obra nos dá as razões de movimentos, golpes, mudanças, reviravoltas cujos efeitos tantas vezes surpreenderam a generalidade dos leitores de comunicados e correspondências. Estabelece os "comos", os "porquês" e todos os resultados como rigorosamente se verificaram. E' um trabalho de inteligência, de paciência e sempre, ao que de página em página se pode deprender, de rigora probidade.

O presente volume abrange o ano de 1 de Outubro de 1941 a 30 de setembro de 1942. Começa com a captura de Petrozavodsk pelos finlandeses e mais uma ofensiva alemã contra Moscou, e termina com o primeiro ataque de Oslo, à luz do dia, pelos bombardeiros ingleses e a contra-ofensiva aliada na Nova Guiné. E no correr dos doze meses vão-se salientando os fatos seguintes: Hitler pronuncia (3 de outubro) o discurso anunciando: a ofensiva e captura de Odessa pelos rumenos; discrição do Presidente Roosevelt (27 de outubro) anunciando que se começou a atacar o tremendo ataque inglês à Alemanha (7 de novembro) com a perda de 37 aviões; a Finlândia rejeita o pedido americano para que cesse as hostilidades com a Rússia; os alemães rompem as linhas russas em Stalingrado; os britânicos levantam o sítio de Tobruk e capturam Gondar; os russos recapturam Rostov; encontro de Goering com Pétain (1 de dezembro) na França ocupada; a Inglaterra declara guerra à Alemanha, Hungria e Romênia; o Japão ataca Pearl Harbour e as bases britânicas e americanas no Pacífico; os alemães abandonam o avanço sobre Moscou; a Alemanha e a Itália (11 de dezembro) declaram guerra aos Estados Unidos e assinam nova aliança militar com o Japão; Hitler anuncia ter assumido o comando supremo do exército em lugar de Brauchitsch; declaração conjunta das Nações Unidas (1 de janeiro de 1942) assinada por vinte e seis países; inicia-se no Rio (15 de janeiro) a conferência pan-americana; estabelece-se em Washington (6 de fevereiro) uma organização conjunta de Estados Maiores; os japoneses invadem Java por três pontos diferentes; pesado ataque aéreo inglês (3 de março) contra os subúrbios de Paris; os japoneses anunciam a captura de Batavia; desembarques japoneses em Salamana e Lae, na Nova Guiné; o general Mac Arthur chega à Austrália como comandante do sudoeste do Pacífico; primeiro ataque aéreo à Nova Caledônia (13 de abril) por aviadores norte-americanos; tropas americanas ocupam a Nova Caledônia; início (4 de maio) da batalha de cinco dias no Mar de Coral; Churchill adverte a Alemanha contra o emprego de gases tóxicos; a Inglaterra e a Rússia (26 de maio) assinam uma aliança militar de vinte anos; o Eixo inicia a ofensiva na Líbia; os ingleses atacam Colônia com mil aviões; os alemães (10 de junho) destroem a aldeia tcheca de Lidice; mil aviões britânicos atacam Bremen; os alemães iniciam a grande ofensiva na frente russa partindo de Kursk; queda de Sebastopol (1 de julho); os japoneses desembarcam em Gona, na Nova Guiné; os alemães anunciam a tomada de Rostov e Novokerkassk, e logo depois de Proletorskaya; os alemães anunciam, entre muitas outras vitórias, a posse da margem do Don; o Brasil (22 de agosto) declara guerra à Alemanha e à Itália; os aviões russos bombardeiam Berlim e mais três cidades; os alemães metem uma cunha nas defesas de Stalingrado; os alemães penetram nos subúrbios de Stalingrado, ao noroeste e logo depois anunciam ter alcançado o Volga no centro da cidade

J. L.

Para
TER LÁBIOS TERNOS,
DOCES, NÃO HÁ COMO
Michel
...o baton que oferece
muita mais que outros!

★ Torne sua boca adorável com as cores vibrantes do baton Michel... e verá que efeito tão delicado e sedutor ele produz! Michel faz muito mais do que se pode esperar dos batons comuns. Sua base de creme é realmente benéfica para os lábios, conservando-os ternos e suaves, sem escorregar e sem aparência oleosa. Além disso, como Michel adere por muito mais tempo, conserva o encanto dos lábios e da fisionomia durante horas e horas.

11 TONS SEDUTORES
MARIPOSA • AMAPOLA
RASPBERRY • VIVID
AMARANTH • SCARLET
CHERRY • BLONDE
CAPUCINE
CYCLAMEN • BRUNETTE

BATON
Michel
Michel Cosmetics, Inc. - New York



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, se deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO



Fachada do Edifício da Ópera em Paris. Nota-se ao alto, iluminada, a bandeira francesa.

A TEMPORADA LÍRICA EM PARIS

Mado Robín, da Ópera de Paris, um dos grandes sopranos do mundo, discípula de Mario Podesta.



(Copyright do Serviço Francês de Informação — Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Os Teatros Líricos nacionais acabam de divulgar o programa da temporada deste ano. Nota-se nele a preocupação simultânea de proceder à renovação do repertório e a reclassificação das peças, de modo a distribuí-las pelos vários teatros, de acordo com a preferência de suas platéias.

Por mais de uma vez se tem assinalado que devido a várias razões, o repertório se tornou fatigante por força da repetição, sem que se aproveitassem as novas partituras capazes de oferecer uma compensação.

Ao contrário, abandonaram-se verdadeiros sucessos que, se tivessem sido bem explorados, teriam programado uma brilhante temporada de bons espetáculos. Tal foi o caso de Padmavati, por exemplo, que será uma das primeiras peças a ser montada pela Ópera na presente temporada. Esta ópera-bailado de Albert Roussel, estreada a

1 de junho de 1923, e considerada desde logo como uma das melhores produções da escola contemporânea, foi "reprisada" nos anos de 1925, 1927 e 1933, mas posta de lado antes de ter atingido o ponto crítico depois do qual teria sido definitivamente incorporada ao repertório. No entanto, de cada vez que a peça foi representada, tanto o público como os músicos aplaudiram-na com o mesmo entusiasmo com que foi saudada pela crítica na sua estréia. Apesar disso, porém, bastou que o nível dos ingressos diminuísse um pouco, para que a ópera fosse retirada do cartaz. A história do teatro ensina, entretanto, que, se se tivesse adotado, noutros tempos, o mesmo procedimento, nem "Carmen", nem "Fausto", nem o "Rei d'Ys" teriam conseguido permanecer em cena, e o teatro lírico francês teria perdido, por essa razão, alguma das suas melhores fontes de receita.

Da mesma forma que "Padmavati", "Antar", de Gabriel Dupont, deverá subir novamen-

te à cena, no Teatro da Ópera. Esta peça foi cantada pela primeira vez no dia 14 de março de 1921; Dupont falecera em Paris a 3 de agosto de 1914, deixando obras como "Horas Dolentes", a farsa de Cuvier, e, enfim, a ópera "Antar", que atesta não só o seu talento polímorfo como também revela um dos temperamentos mais originais da sua geração. As opiniões foram unânimes em reconhecê-lo, ao ser estreada a peça montada sob a direção de Jacques Rouché. O sucesso inicial, no entanto, não conseguiu manter-se, e a ópera nunca mais foi reprisada. Trata-se, pois, de uma reparação que, embora tardia, nem por isso deixa de ser justa, em homenagem à memória de um grande compositor francês, prematuramente desaparecido.

Anuncia-se igualmente a reprise de "O Mercador de Veneza", de Reynaldo Hahn, estreada na Ópera a 21 de março de 1935. É uma ópera cuja partitura traduz, com rara felicidade, o encanto das noites venezianas, o voluptuoso perfume dos jardins de Belmont, e que, sem dúvida alguma, sobrepõe a trágica história do usurário que lava com prazer os ultrajes recebidos no ghetto, com o sangue de um aristocrata cristão. "O Mercador de Veneza" deu ao André Pernet (que pouco tempo antes encarnara um admirável Édipo) para interpretar um Shylock de extraordinária verdade. Acaba ele de reaparecer no Teatro da Ópera, donde a guerra o tinha afastado, e todos têm a certeza de que conquistará, num papel à altura do seu talento, o triunfo que assinalou a sua estréia.

Será representada, ainda, no palco da Academia de Música e Dança, a reprise de "Joseph", de Méhul, peça que tem estado afastada do cartaz há longos anos. Obra prima autêntica mas completamente esquecida e tão distante dos nossos dias, que está provocando uma atmosfera de verdadeira expectativa em torno do acolhimento que lhe reservarão as novas gerações, há nesta música do autor de "Canção do Adeus" tudo o que pode seduzir e desorientar os próprios "fans" das dissonâncias do jazz e das invenções polifônicas modernas. Mas a ingenuidade sincera e comovedora de Méhul — cujo talento e ciência orquestral são, entretanto, incontestáveis — certamente agradará grande número dos espectadores. Seja como for, a reprise de "Joseph" é, por todos os títulos, oportuna: o rejuvenescimento da arte só é possível através de um regresso ao passado, para inspirar-se nos velhos mestres, adaptando os seus ensinamentos, não só às necessidades do presente, mas também à sensibilidade dos contemporâneos, conseguindo desta forma que "os novos pensares", conforme o conselho do poeta, não devam nada aos "versos an-

tigos", que lhes retire a originalidade.



Foram incluídas no programa duas obras ainda não levadas à cena em França. Uma delas, esperada há longos anos, é o "Baile de Máscaras", de Verdi. A outra é uma peça francesa de M. Claude Delvincourt, diretor do Conservatório de Paris, intitulada "Lucifer ou o Mistério de Caim". A originalidade desta obra reside essencialmente na adaptação ao condicionalismo cênico moderno, do velho "mistério" que o autor exumou da própria origem do teatro francês. O autor do libreto nos mostra Caim tentado pelo Espírito do Mal; Lucifer revela ao homem o infinito dos espaços celestes, cujo silêncio o aterroriza — como diz Pascal. O Espírito do Mal mostra-lhe em seguida a série de males que atormentarão a Humanidade, no decurso dos séculos vindouros: guerras, flagelos, fomes, todo o cortejo de misérias que acompanhará o homem na sua caminhada para a morte, lançando-lhe na alma o germe de uma revolta. E Caim, voltando para junto dos seus, obedecendo às sugestões de Lucifer, sente o desejo de destruir a obra do Criador. Sua mulher Adah desvia-lhe o braço que se prepara para descer sobre Enoch, seu jovem filho. Abel quer influir sobre o irmão, para que ele o acompanhe na oferta a Deus do Sacrifício da tarde; e é ele que cai, vítima da sua ira. Entretanto, Caim compreende toda a extensão do seu crime. E foge sob a maldição paterna, enquanto se eleva, na voz do arcanjo, a promessa da redenção.

Sobre este libreto, que se divide num prólogo e três episódios, M. Claude Delvincourt escreveu uma importante partitura em que os coros (o coro celeste) constituem o "leit-motiv"; a ação desenrola-se através de uma representação mimada, ao passo que um quatuor de vozes comenta o drama, explicando, como fazia o "meneur de jeu" dos "velhos mistérios", as cenas que se desenrolam diante do espectador. A obra exige processos de encenação de tal maneira novos que, para realizá-los se começou procedendo a estudos no ano transacto. A ópera subirá à cena, certamente, na próxima primavera.



Ao lado do canto, a dança constitui igualmente uma das preocupações da Diretoria: entre os bailados que serão apresentados em reprise, devemos assinalar a deliciosa "Cydalise", de Gabriel Pierné, que não foi dançada desde a outra guerra, "A Korrigane", de Ch. M. Widor, "Namouna", de Lalo, e ainda "Diana de Poitiers", de Jacques Ibert, estreada por

(Continua na pág. 55)



Geórie Boné, da Ópera de Paris.

Janine Michaud, da Ópera Cômica de Paris, intérprete de "A Flauta Mágica", de Mozart.





A sra. Roselle de Castro Siqueira, tendo à sua direita o seu filho, cadete José Paulo, e à esquerda seu espôso, sr. Julio de Freitas Siqueira, numa póse no altar-mor da igreja da Cruz dos Militares, tirada após o solene serviço religioso.



A sra. Eurico Gaspar Dutra esteve presente à cerimônia religiosa, como grande amiga que é do casal aniversariante, também representando seu ilustre espôso que, às vésperas de assumir a Presidência da República, não pôde comparecer.

SOCIEDADE

BODAS DE PRATA DO CASAL JULIO DE FREITAS SIQUEIRA — ROSELLE DE CASTRO SIQUEIRA

No dia 24 do mês último ocorreu um acontecimento muito grato à sociedade carioca: completaram vinte e cinco anos de casados o sr. Julio de Freitas Siqueira e sua espôsa, sra. Roselle de Castro Siqueira, figuras destacadas e queridas nos nossos meios sociais, o que viria emprestar às comemorações um brilho todo especial, realizadas em ambiente de comovedora afetividade. Teve ensejo o distinto casal, à passagem dos vinte e cinco anos de feliz vida conjugal, de verificar, até às emoções do desvenecimento, o elevado grau de estima que lhe tributam as nos-

sas classes sociais. Ricos e pobres, grandes e humildes, passaram pelos seus braços e lhes formularam os votos de uma felicidade que bem merecem, pela suas virtudes, pela sua bondade e pelos seus dotes de coração e espírito.

Pela manhã daquele dia realizou-se solene missa votiva, na igreja da Santa Cruz dos Militares. A linda nave achava-se ricamente ornamentada a flôres naturais, que a transformavam num jardim encantado. Literalmente chelo, o tradicional templo da rua 1.º de Março acolheu figuras destacadas da sociedade, do comércio, da indústria e das

Em baixo, à esquerda — Após a cerimônia religiosa, a sra. Roselle de Castro Siqueira é cercada pelos presentes, recebendo cumprimentos. A direita — O ato da aposição das alianças simbólicas dos 25 anos de vida conjugal. Foi este um dos momentos de grande emoção para o distinto par e todos os que ali se achavam.





Aspecto tomado na residência do casal, durante a recepção oferecida aos seus amigos e parentes, no momento em que a sra. Eurico Gaspar Dutra partia o magnífico bolo de aniversário. A ilustre dama está ladeada pelo sr. Julio de Freitas Siqueira e pela sra. Roselle de Castro Siqueira.

finanças, reunindo uma assistência ansiosa por testemunhar o seu apreço ao casal Siqueira.

A noite foi oferecida recepção na residência da rua Raul Pompéia às pessoas das relações da família. Renovaram-se aí as demonstrações de apreço ao ilustre par, que se estendiam ao cadete José Paulo de Castro Siqueira, filho único do casal. Foi uma festa encantadora, onde a alegria imperou, espontânea e muito sincera. Foi servido "lunch", doces, "champagne" e bebidas finas aos convidados, ostentando a mesa um maravilhoso bolo de aniversário, que foi cortado pela sra. Carmela Leite Dutra, esposa do Presidente Eurico Gaspar Dutra, que no ato representou o atual primeiro magistrado da Nação. Por essa ocasião falou o cel. Felix Valois, numa comovente saudação ao casal aniversariante. Foi, enfim, uma festa do coração a que marcou a passagem das bodas de prata do casal Julio Siqueira-Roselle Siqueira, à qual a REVISTA DA SEMANA esteve presente, colhendo os belos flagrantes que ilustram esta crônica, e anotando, entre centenas de pessoas presentes, o comparecimento da sra. Carmela Leite Dutra, sra. Maria Athenais Macedo Linhares, sra. Lydia Ferreira, sr. Felipe Augusto Pinto, sra. e sr. cel. Miguel Mendes de Moraes, sra. e sr. Pantoja Leite, sra. e sr. Moutinho Amado, sra. e sr. ten.-cel. Felix Valois, sr. ten.-cel. Abilio dos Reis, sra. e sr. Ney Marinho, sra. e sr. Alvaro Ribeiro da Costa, sr. Fausto Barreto, sr. Antonio Navarro Martins, sra. e sr. ten.-cel. Miguel Cardoso, guarda-marinha Mario Guarita, sra. e sr. ten.-cel. Moacyr Toscano, sra. e sr. cap. Decio Vassimon Siqueira, sr. Paulo Borges e filha, sr. João Carlos Rosas e família, sra. e sr. Mario Calvet, sr. Jorge Méghe, sra. e sr. comte. Luiz Castelo Branco, sra. e sr. comte. José Barreto de Oliveira, sra. e sr. Newton Campos, sra. e sr. Antonio Campos Rodrigues, sra. e sr. Jamil Pedro, sra. e sr. Cid Siqueira, sra. e sr. Jorge Tanus Atem, sra. e sr. Antonio Tanus Atem, sra. cel. Agrícola Bethlem, sr. Horacio Villela, sr. Gabino Cintra, sra. e sr. José Armando Souza Sampaio, sra. João Paiva, sra. e sr. Mario Mourão, sr. Rubens Espesel, sr. Juvenal Siqueira, sra. e sr. Helle Cortes, sra. e sr. Geraldino Machado, sra. e sr. Haroldo Junqueira, sra. e sr. Aluisio Camara, sr. José De Cicco, sr. Oswaldo Lignine, sr. Abel Pinto Ribeiro, sr. Lino de Freitas, sr. Arthur Rocha e família, sr. ten.-cel. Ayrtton Lobo e família, sr. Antonio José Abichahin, sr. Luiz de Araujo, sr. Cyrillo de Sant'Anna, sr. Antonio Pinto Lamarca, sra. Herminia Marques de Souza, família comte. Barros de Azevedo, sr. Paulo Guimarães e família, sr. Antenor Campinho, sr. Arquimedes Guimarães, sra. e sr. Carlos Alberto do Valle e Silva, sr. Mario Baptista, sra. e sr. Ricardo Landi, sra. e sr. Paulo de Carvalho, sra. e sr. Adolpho Marques, sra. e sr. Seraphim Lima, sra. e sr. Ivo Frota, sr. José Osorio e família, sr. Jorge Gonçalves, sra. e sr. Luiz Iglesias, sra. e sr. Belchior Fernandes, sra. e sr. Adriano Machado, sra. e sr. Antonio Duarte Alves, sra. e sr. Antonio Franco, sra. e sr. Custodio Quaresma, sr. Melinda Mallas, viúva general Ribeiro da Costa, sr. José Reis e família, sra. e sr. Sinval Lins, sra. Antonio Teodoro, e inúmeros outros que ao cronista não foi possível registrar.



Em cima — Na residência da rua Raul Pompéia a objetiva da REVISTA DA SEMANA colheu esta pôse, em que se vê a sra. Carmela Leite Dutra tendo à sua esquerda o sr. Julio de Freitas Siqueira, e à direita a sra. Roselle de Castro Siqueira e o cadete José Paulo de Castro Siqueira. Em baixo — O cel. Felix Valois quando saudava o casal aniversariante.





Perc Westmore, o mestre do "make-up" da Warner Bros., apresenta às nossas leitoras, por intermédio da encantadora Martha Vickers, um penteado para o alto, bastante simples e bastante elegante.

O cabelo é repartido atrás, como se vê na figura 2, e na frente é todo levado para cima, formando pequenos "cachos".

Recomenda Westmore que esse penteado seja usado pelas jovens de rosto oval ou arredondado.

PENTEADOS

H
po:
xa e
A e
mos
do e
cebi
N
la c
pin
seg
tan
ár
pri
cha
des
Dia
do
da
A
nh
lh
Eu
re
m
gu
lo
da

HA dois anos, quando estive doente, tive durante várias noites seguidas o mesmo sonho, disse ela. Passeava no campo: percebia, ao longe, uma casa branca, baixa e longa, cercada por um bosque de tílias. A esquerda da casa havia um grupo de álamos que quebrava artisticamente a simetria do cenário, e o tópo das árvores que se percebia ao longe balançavam por cima das tílias.

No meu sonho, sentia-me atraída por aquela casa e me dirigia para ela. Uma barreira pintada de branco fechava a entrada. Adiante seguia-se uma alameda cuja curva tinha bastante graça. Essa alameda era bordada de árvores sob as quais encontrei as flôres da primavera: primaveras, anemonas, que murchavam logo que eu as colhia. A alameda desembocava poucos passos antes da casa. Diante desta, estendia-se um grande gramaço. Só havia ali algumas florinhas arroxeadas.

A casa, construída com pedras brancas, tinha telhado de ardósia. A porta, de carvalho bem claro, era numa pequena varanda. Eu desejava visitar aquela casa mas ninguém respondia ao meu chamado. Ficava terrivelmente desapontada, batia, gritava, mas ninguém me atendia.

Era assim o sonho que se repetiu durante longos meses com uma precisão e uma fidelidade únicas. Acabei pensando que havia vis-

A CASA

Conto de
ANDRÉ MAUROIS

to em minha infância aquela casa e aquele parque. Entretanto, ao acordar não podia me lembrar e essa procura tornou-se, para mim, uma obsessão tão forte que certo verão, tendo aprendido a guiar um pequeno veículo, decidi passar minhas férias nas estradas de França, tentando descobrir a casa de meu sonho.

Não lhe contarei minhas viagens. Explorei a Normandia, o Poitou, a Touraine: nada encontrei e, na verdade, isso não me surpreendeu muito. Em outubro voltei a Paris, e durante todo o inverno continuei a sonhar com aquela casa branca. Na primavera recomecei meus passeios pelas vizinhanças de Paris. Certo dia, quando atravessava um vale perto de Isle Adam, senti subitamente um choque agradável. Essa emoção curiosa que se experimenta quando se reconhece alguém depois de longa ausência.

Se bem que nunca tivesse visitado aquela região, conhecia perfeitamente a paisagem

que se estendia à minha direita. Cimos de álamos dominavam uma massa de tílias. Através da folhagem, ainda leve, espaçada, divisava-se a casa. Então eu soube que tinha encontrado o castelo de meus sonhos.

Não ignorava que, cem metros mais adiante, um caminho cortaria a estrada. O caminho estava bem no lugar onde eu imaginara. Tomei-o. Levou-me a uma barreira branca.

De lá partia a alameda que eu tinha seguido tantas vezes em sonho. Sob as árvores admirei o tapete de côres claras formado pelas flôres. Quando saí da alameda, vi o gramaço verde e a pequena varanda com a porta de carvalho bem claro. Desci do carro, subi rapidamente os degraus e toquei.

Tinha medo que ninguém respondesse, mas, quase imediatamente, apareceu um criado. Era um homem de rosto triste, bem velho e vestindo um paletó negro. Ao ver-me, pareceu muito surpreendido e olhou-me com atenção, sem falar.

— Vou pedir-lhe um favor um pouco estranho, disse eu. Não conheço os proprietários desta casa, mas teria muito prazer se eles me permitissem visitá-la.

— O castelo está para alugar, minha senhora, e eu estou aqui justamente para receber os visitantes.

— Para alugar? Que sorte inesperada! Por

(Continua na pág. 53)





A ESQUERDA — Madame Arcati (Margaret Rutherford), grotesca medium de "The Blithe Spirit". À DIREITA — Kay Hammond, o atraente espírito de Elvira, primeira esposa de Condomine na produção de Noel Coward — "The Blithe Spirit".

"BLITHE SPIRIT"

O interessante triângulo amoroso de "The Blithe Spirit": o marido, a esposa e a primeira mulher, respectivamente interpretados por Rex Harrison, Constance Cummings e Kay Hammond.



O espírito jovial do título não é, como no poema de Shelley, uma cotovia. O espírito é, literalmente, um espírito, pois desta feita Noel Coward envereda pelo terreno do ocultismo. Apresenta-nos Charles Condomine, novelista que planeja escrever um livro cujo entrecho inclui um medium criminoso. No interesse de suas pesquisas, convida um medium a sua casa, afim de presidir a uma "sessão". Não fazendo caso absolutamente dos predicados do medium, pretende tão somente conhecer a gíria e alguns truques da profissão. Mas Madame Arcati, pois o medium era uma mulher, possui realmente dons extraordinários. A "sessão" de que participam os Condomines e seus convidados com a maior incredulidade, é coroada, entretanto, de pleno êxito. Mme. Arcati invoca o espírito da primeira esposa de Condomine, a alegre Elvira, falecida há sete anos, e positivamente tão irrequieta no seu mundo astral como o tinha sido em vida. Em verdade, há muito que ela pretendia voltar à terra e a sua materialização vem de encontro aos seus desejos. Havia esperado impacientemente nas ante-salas do tempo por esta oportunidade de voltar ao seu antigo lar e rever o seu inolvidável Charles.

Parece que ela disputava um jogo de asar com um "simpático cavalheiro oriental" que acudia ao nome de Ghengis Khan, quando chegou a sua tão almejada oportunidade de baixar à terra.

A sua volta ao lar forma o triângulo amoroso mais estranho que se conhece: o marido, a esposa e o espírito de sua primeira mulher. Ruth, a atual esposa de Condomine, sempre sentira-se um pouco contrariada com os superiores encantos físicos de sua predecessora. Muito naturalmente, ela não vê com bons olhos a presença de Elvira, embora desencarnada.

Explorando a sua situação privilegiada da melhor maneira possível, Elvira transforma o lar de Condomine num verdadeiro pandemônio. Ruth, que quer se ver livre a todo transe de Elvira, não sabe como proceder, pois somente Charles é capaz de ver e ouvir o espírito de sua irrequieta primeira esposa.

Um apêlo a Mme. Arcati para desfazer esta situação de nada vale a Ruth. A medium só tem uma força, que é a de invocar espíritos e não de expulsá-los.

Por esta breve descrição já se pode fazer uma idéia das divertidíssimas situações que apresenta esta produção de Mr. Coward.

NA PÁGINA AO LADO, AO ALTO — O espírito de Elvira, primeira esposa de Condomine, cria as situações mais embaraçosas para a pobre Ruth, a esposa "viva" do escritor. EM BAIXO — Mme. Arcati, a medium, inicia a "sessão" em que o espírito da primeira esposa de Condomine é invocado e posteriormente materializado.



TEATRO

CRIME E CASTIGO



1 O estudante Raskolnikov, movido por uma paranóia típica, proveniente de seu complexo de inferioridade, pensa que poderia vir a ser o criminoso perfeito. Durante longos dias medita num assassinato científico, terminando por decidir-se a matar a velha usurária Aliona Ivanovna. Mas depois do crime vem o castigo, o drama do remorso. E a mansarda do estudante se transforma num inferno.

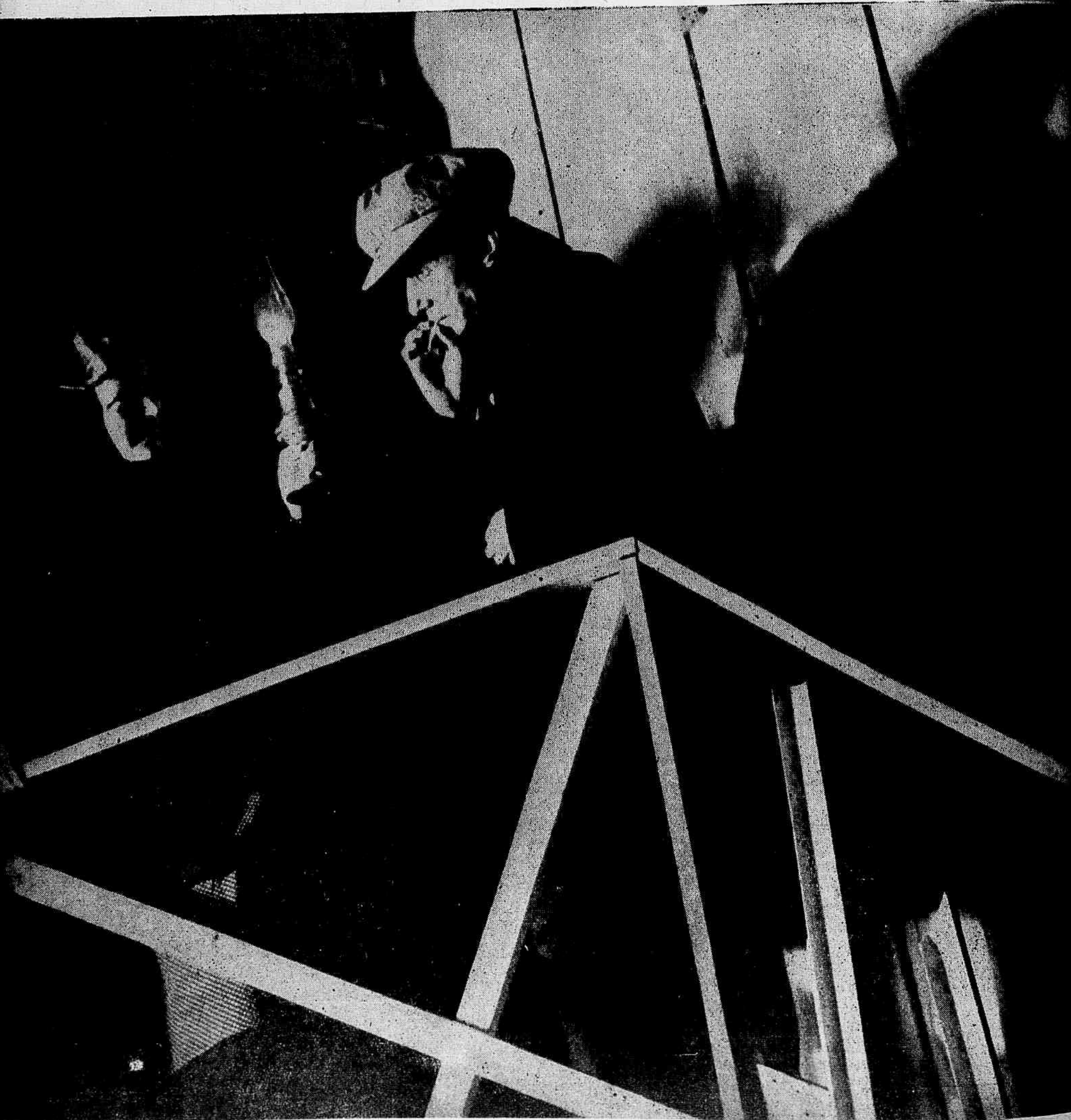
Como último trabalho de sua temporada, o sr. Renato Vianna apresentou no Ginásio a peça "Crime e Castigo", extraída do romance de Fedor Dostoiewsky e adaptada ao teatro pelo sr. Armando Louzada. Levado em 1937 no teatro Montparnasse em tradução de Gaston Bastin, o grande romance russo já apareceu também na cena espanhola, mostrando uma grande "performance" da atriz Maria Guerrero.

Agora, encenada pela primeira vez no Brasil, a notável peça nos mostrou um trabalho grandioso, no qual se conserva inteira a linha de psicanalítica do romance, pondo à mostra todos os complexos e recalques do estudante Raskolnikov, que assassina uma velha usurária para dar vazão aos seus instintos de paranóico.

"Crime e Castigo" foi apresentada com o seguinte elenco do "Teatro Anchieta":

Aliona, Alice Gunther; Raskolnikov, Renato Vianna; Luchenska, Flavia Pessoa; Doklida, Joyce Oliveira; Gendarme, Carlos Gunther; Razumikhin, Helio Chaves; Lujin, Rui Vianna; Ilio, Rui Bastide; Porfirio, Barrionuevo; Nicolas, Ulisses Claudio; Tabernero, Carlos Gunther; Marmeladov, Mauro Magalhães; Sonia, Maria Caetana; Catalina, Mafalda Busato; Polia, Flavia Pessoa; Polovoi, Rui Silveira; Dumia, Dalva Galimberti; Mãe, Joyce de Oliveira.

2 Para levar a efeito o seu trágico intento, Raskolnikov dirige-se à casa da usurária Aliona. É um pardieiro escuro, onde vive a anciã em companhia de várias hospitalinas, velhas e caseiras como ela. Raskolnikov bate e espera que a porta se abra. É recebido pela própria vítima que, estranha aos seus planos sinistros, lhe ilumina o caminho.





3 Louchenka e Douklida, moradoras do velho prédio de Alonla, à meia-luz do lampião, comentam as notícias relativas ao assassinato da velha, que os jornais estampam com relevo. As duas falam em voz baixa e a medo sobre a trágica ocorrência, certo que o fantasma da senhoria anda a rondar o pardiello. No entanto o estudante Raskolnikov continua a sofrer em silêncio o castigo do remorso.

5 Perseguido pelo fantasma de sua vítima, Raskolnikov busca alívio na depravação. Procura adotar em álcool o seu remorso imenso. Nas mais sórdidas tabernas embriaga-se para esquecer o seu crime, mas tudo é em vão. A sua filosofia é falha, pois os sofismas se quebram diante da monstruosidade do crime. E então se afunda na embriaguez, em companhia de Marmeladov.



4 Não podendo guardar o seu segredo, Raskolnikov revela o seu crime a Sonia. Tem lugar então a "cena do evangelho": a repetição da passagem bíblica que conta como Jesus mandou levantar a tampa do túmulo de Lazaro, para que este voltasse à vida. Sonia toma nas mãos a cabeça do estudante, dentro da qual desenrola-se um turbulento drama. Tudo porém é inútil — a imagem da vítima está sempre presente.

6 Levado pelo comissário Ilio, Nicolai vai ter à presença do juiz de instrução Porfírio Petrovitch. Então o pobre moço se acusa do assassinato da velha Alonla, em presença do verdadeiro criminoso, que vê desenrolar-se toda a cena com uma expressão de terror nos olhos sem luz. O juiz aponta o dedo severamente para o suposto culpado e fala sobre a deshumanidade do crime e a dureza do castigo.



Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
 RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139
 Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 - São Paulo

As trevas

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 21

prezível. Essa é que é a verdade. Um homem que merece ser prêso. Roubei, eu? Roubar, propriamente, não foi; foi pior do que isso: aproximar-me de uma pessoa, velar por ela, não por devoção: por interesse, esperando a sua morte, como um abutre. Eis aí o que sou: um verdadeiro abutre. Esperando a morte,

como alguém espera uma condução, um caminho para a fortuna. Entretanto Jerry me diz que sou rico. Não, portanto, a fortuna que cobicei — ou melhor, a fortuna sim, porém não como proporcionadora de prazer, de conforto, mas como simples quantidade de dinheiro, para guardar, como um avaro, como um avaro... Jeannette... Como acreditar que ela está nessa maquinação para despojar-me do dinheiro adquirido ilícitamente. E' verdade que em relação a mim ela está sempre como que constrangida... Pode ser simplesmente o embaraço do reatamento das relações muito tempo interrompidas. Então... Mas não! Por que, nesse caso, ela se recusa a se aproximar de mim? Sendo minha

Todos estamos convencidos!

este creme dental antissético ...

limpa mais

A generosa espuma de Kolynos limpa completamente os dentes, e lhes restitue o seu brilho natural, sem arranhar o esmalte. É que Kolynos é um creme dental antissético.



agrada mais

Não há a menor dúvida: o sabor de Kolynos agrada a todos; de mais perfume o hábito deixa no paladar uma incomparável sensação de frescor.

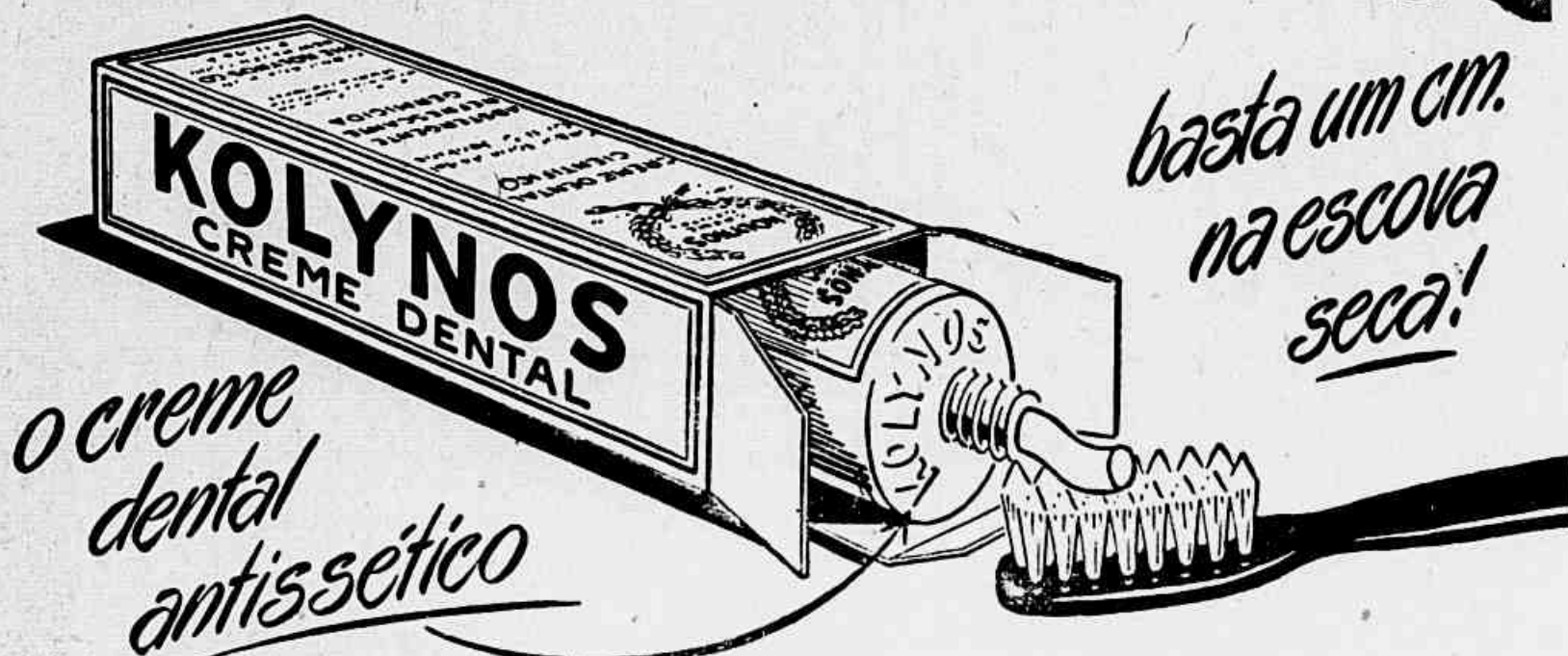


rende mais

Kolynos é um creme dental concentrado: com uma quantidade menor de creme se obtém uma limpeza maior. Kolynos custa menos porque rende mais.



...todos estão de acordo:
 para um belo sorriso não há como Kolynos.



basta um cm.
 na escova
 seca!

o creme
 dental
 antissético

CASA ANGLO BRASILEIRA

Em São Paulo...

é sempre agradável e agradável
 aos Maiores Estabelecimentos
 de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
 Sucessora de Mappin Stores
 Pr. Ramos de Almeida, 139

verdadeira mulher, por que não me quer a "espôsa"? Sinto-a longe, fria... Será isso? Mas eles me odeiam? Quem? Os outros irmãos de minha mulher? Ela mesma? Até a governanta? Sem dúvida a governanta também, uma vez que os criou, a todos, os pequenos. Não. Minto. Parece que a governanta sempre teve uma predileção por Jerry e Jerry é meu amigo. Meu amigo... Cumplice, para ser mais explícito. Cumplice de um ladrão. Um ladrão sagaz que soube ficar dentro da lei. Odeiam-me? Não tenho provado disso. Entretanto, há alguma coisa pairando na atmosfera. Será o ódio? E' bem possível.

CONTINUA NA PÁGINA 53

LUTA PELA BELEZA

Na luta incessante pela sua beleza, pela sua aparência, pela sua estética, a mulher não poupa sacrifícios, nem os de ordem econômica, adquirindo e usando o mais variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumaria e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente a toda sorte de regimes, massagens, ginásticas, etc. Censura nenhuma merece por isso, uma vez que lutando pela obtenção e pela conservação de sua beleza ela nada mais faz do que lutar pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode, pois, censurá-la em relação ao objetivo de sua luta. Mas muitas observações nos sugerem os meios nem sempre eficazes e adequados de que as senhoras tratam com especial cuidado de sua pele, de seus cabelos, de suas unhas, de suas sobancelhas, de sua aparência enfim, esquecendo-se do principal: de sua saúde íntima. Muita ginástica, muitas massagens, muitos cremes, tinturas, etc. Mas nenhuma providência, nenhum tratamento, no sentido de regularizar o seu organismo, de afastar perturbações, que são geralmente a causa dos defeitos da pele, da obesidade e de mil outros defeitos da boa aparência, da beleza! Ilusão perigosa e prejudicial! Sem saúde não há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratamento visando assegurar a beleza, garanta a regularidade de seu organismo, afastando os males do seu sexo e os afaste definitivamente do seu corpo o remédio que é fabricado de acordo com a natureza dos seus males — **REGULADOR XAVIER**. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o caso — lhe dará saúde — saúde permanente — saúde integral. E a saúde é a fonte única e inesgotável da beleza! Grave bem: **REGULADOR XA-VI-ER**.

SOFRE DO FÍGADO?
BIO-HEPA
 PRODUTO DO INSTITUTO DA GUARANI



CONCURSO DE FRASES SOBRE SANTOS DUMONT — Na sede do Touring Club do Brasil, com a presença dos srs. Juvenal Murtinho Nobre, presidente, e major Berilo Neves, 1.º vice-presidente, realizou-se a cerimônia da entrega do prêmio de 500 cruzeiros à vencedora do Concurso de Frases sobre Santos Dumont, instituído por aquela patriótica agremiação e relativa ao ano de 1945. A nossa gravura fixa um aspecto da solenidade, vendo-se, entre aqueles diretores, o brigadeiro do ar Newton Braga, presidente da Comissão de Turismo do Touring Club e do júri do certame. A esquerda, vê-se a professora Aurea Xavier, vencedora do concurso.

FIGURAS E FATOS



A POSSE DO NOVO PRESIDENTE DO INSTITUTO NACIONAL DO MATE — Por decreto do Chefe do Governo foi nomeado presidente do Instituto Nacional do Mate o antigo deputado por Mato Grosso dr. Generoso Ponce Filho, pertencente a uma das famílias mais ilustres daquele Estado Central. Na foto acima vê-se o novo presidente tomando posse no gabinete do ministro da Agricultura em presença do titular da pasta e de outras pessoas gradas. Depois do ato na sede dessa autarquia foi dada posse também aos outros diretores nomeados.

HOMENAGEM A REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA DO LÍBANO NO BRASIL — Foto colhida na ocasião da despedida do ministro libanês em nosso país, na Legação do Brail. Da esq. para a dir.: cap. Mansour Lahoud, ajudante de ordens do Presidente do Líbano; sr. Kabbani, 1.º secretário; vice-presidente do Conselho de Ministros, sr. Gabriel Murr; madame Saouda, esposa do ministro libanês; sr. George Aouad, da Presidência da República; senhora Fernandes Pinheiro; sr. Hector Klat, cônsul geral do Líbano em S. Paulo; o Chefe do Governo, Presidente Sami bey El-Solh; ministro Fernandes Pinheiro; ministro do Líbano no Brasil, sr. Joseph Saouda; juiz Naggear.



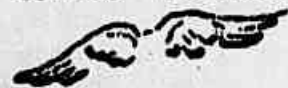
GENERAL ALCIO SOUTO — O novo chefe da Casa Militar do Presidente Eurico Dutra é uma das personalidades de maior relevância no seio de nossas classes armadas, onde a sua figura de militar valoroso e de comandante inteligente e justo lhe grangearam o merecido renome que desfruta. Desde os seus tempos de estudante vem o general Alcio Souto sobressaindo-se como estudante de valor, sempre o primeiro entre os melhores. Declarado aspirante em março de 1918, em maio do mesmo ano era promovido a segundo tenente. Passou a capitão em 1922, sendo rapidíssima a sua carreira militar daí por diante. A foto que acima reproduzimos nos mostra o novo chefe da Casa Militar do Presidente da República, em uniforme de gala.

DR. JOSÉ PEREIRA LIRA — O público brasileiro recebeu com os melhores aplausos a nomeação do dr. José Pereira Lira para Chefe de Polícia do Distrito Federal. Assim o justificavam a brilhante carreira e a vida impoluta desse ilustre paraibano que desde os primeiros anos de estudos revelou-se sempre um aluno compenetrado de seus deveres e um grande estudioso dos problemas nacionais. Diplomado pela Escola de Direito do Recife em 1919, o dr. José Pereira Lira vem desde aquele tempo exercendo concomitantemente a carreira de advogado e postos administrativos, revelando-se sempre um cidadão íntegro e um profissional competente. Jovem ainda, tem entretanto o dr. José Pereira Lira várias obras jurídicas publicadas, que bem alto falam de seu grande valor e de sua exata concepção de direito e justiça.



De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!



Pela sua massa inconfundível, pelos seus tons modernos e harmoniosos, ZANDE - o baton que está na moda - conquistou a preferência de todas as mulheres lindas do mundo. ZANDE dá aos lábios um contorno perfeito, conservando-os aveludados e perfeitamente maquiados durante muitas horas.



O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL



"Ike" é o cão que aparece aqui, afagado pelas mãozinhas lindas e delicadas de Sam Hayward que, ao lado de Paul Lukas e Bill Williams, o marujo que se vê na foto, completa o elenco de "Deadline at Dawn", novo celulóide da R. K. O. O cão parece muito satisfeito com a sua vida, que não é nenhuma "vida de cachorro".

ANIMAIS EMH

Aí está Frances Langford bancando a "cow-girl", no filme da R. K. O. Radio "Bambas Blonde". Como uma perfeita vaqueira do West, ela afaga carinhosamente o belo cavalo que lhe serve de companheiro inseparável no novo celulóide. Veja-se como o animal se sente feliz em pertencer a tão linda criatura. E parece que entende o que ela lhe diz...





Esta é "Chita", palhaço de todos os meninos do mundo, que nunca se cansam de rir de suas cabriolas e diabruras. Ela é a nova companheira de Tarzan, Brenda Joyce, num intervalo da filmagem de "Tarzan e o Homem Leopardo", se divertem jogando um "pif-paf" violento. No momento em que foi feito o instantâneo, "Chita" acabava de "bater" com a boa.

MHOLLYWOOD

Este é um cavalo feliz. Aparece ao lado do novo "mocinho" James Warren e de Marcy McGuire, que fazem as delícias dos "fans" juvenis dos filmes de Far-West. O cavalo também será em breve um dos novos ídolos dos garotos. Aqui ele é visto num intervalo da filmagem, recebendo os beljos de parabens de seus dois companheiros de filmagem.



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratia.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40. São. Rio

Nome

Rua

Cidade.....Estado.....

R3

Chegou de Londres

LONDRES. (H. P.) — Já chegou ao Brasil o reputado e esperado tratamento Okasa. — Okasa é hoje uma medicação de escolha universalmente reconhecida pelo seu alto valor terapêutico e pela sua eficácia indiscutível. — Okasa à base de Hormônios vivos, extratos de glândulas sexuais e Vitaminas selecionadas, combate vigorosamente todos os casos ligados diretamente a perturbações das glândulas genitais e do aparelho sexual como: Fraqueza sexual na idade avançada ou por outro motivo, no moço, senilidade precoce, perda de energia, fadiga, fraqueza mental etc., no homem.

— Frigidez, irregularidades ovarianas, idade crítica, obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, tôdas essas deficiências, de origem glandular, na mulher. Okasa encontra-se à venda nas boas Drogarias e Farmácias. Informações e pedidos ao Distribuidor geral: Produtos Arna, Av. Rio Branco, 109 - Rio. Okasa, importado diretamente de Londres, proporciona Virilidade, Força e Vigor com as drageas "prata" para homem — Feminilidade, Saúde e Beleza com as drageas "ouro" para mulher.

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS



LIC. 3518
14-3-925-D.N.S.R.

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

ANTISARDINA o creme distinção



Encare o futuro confiante e sem receio de que sua cutis perca o frescor, a maciez e a atração dos verdes anos, usando **ANTISARDINA** o creme distinção. **ANTISARDINA** não rejuvenesce, prolonga a mocidade da cutis.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

A Obra-Prima Inacabada

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 17)

parava uma bonita mulher. Seis horas tornara-se a hora sagrada; rejeitava qualquer convite que me fizesse faltar ao "rendez-vous" telefônico. Entretanto, mordida-me o desespero quando Dvina me confessava ter passado perto de mim na rua. Era de enlouquecer! Ela conhecia toda a minha vida e eu ignorava tudo a seu respeito. Sua voz era a intrincada senda que me poderia conduzir até ela. Aquela voz! Eu a reconheceria entre mil. Todavia, como utilizar-me de tal identificação?

Afinal, substituí as súplicas pelas ameaças de suicídio; ela deveria escolher entre permanecer incógnita e a minha morte. Num tom repassado de amargura, a voz trêmula a reprimir lágrimas, ela me respondeu: "A vaidade obriga-me a ocultar-me de você. Eu sou uma obra-prima inacabada! — assim me analisou uma amiga escultora. Eu sou um esboço de mulher! — Assim me defino!".

Como eu considerasse tudo aquilo absurdo, fantástico, ela acrescentou: "Compreenda, que-

rido, eu sou uma estátua, cujo escultor modelou o corpo com carinho e perfeição, mas por motivo ignorado interrompeu a sua obra deixando a cabeça toscamente modelada".

Incrédulo e depois decepcionado, compreendi que ela metaforicamente se confessava feia. Depois, raciocinei que talvez desejasse mistificar a sua pessoa afim de saborear o deslumbramento que a sua beleza provocaria em mim. Disse-lho. Dvina repetiu ser extremamente feia: "Deixarei que me veja e... (riu com sarcasmo) a sua paixão ricocheteará no meu rosto".

Afirmei-lhe que a adorava ainda mais, teci uma apologia da fealdade e encerrei o ditirambo provando-lhe que o fato de eu a amar sem conhecê-la significava que somente o seu espírito me atraía.

Não sei se ela acreditou nestas promessas fáceis e sem consequências de rapaz. Apenas concordou em nos encontrarmos no dia seguinte.

Parei o carro no largo da Carioca. O céu foi-se toldando de nuvens negras, e pouco depois a chuva cozia com fios de prata a terra no firmamento. Em toda a mulher que passava perto eu via Dvina. Afinal, quando o mostrador marcava três horas, uma mulher alta, envolta em grossa capa de chuva, chapéu desabado a ocultar-lhe o rosto, aproximou-se majestosa num passo ágil e harmônico. Surpreendido, vi-a parar ante a porta do carro e estender a mão para o trinco: uma mão morena de unhas longas, dedos afilados e aristocráticos; a mão simbólica do temperamento artístico. Um calefrio, percorreu-me todo. Emocionei-me como um colegial diante da primeira conquista. Aquela mão só poderia mesmo pertencer a uma mulher bonita. Aberta a porta, segurei a mão de Dvina, para ajudá-la a entrar, e olhei-a pela primeira vez. A princípio só divisei a aba do chapéu. Em seguida, uma lufada de vento levantou-a e eu vi... o que nunca deveria ter visto. Oh! Meu Deus! Nada até hoje me chocou tanto quanto aquela rosto de mulher. Na pele triqueira ressaltavam as pupilas de uma côr imprecisa, ajustadas à esclerótica avermelhada. Falavam-lhe pestanas. O nariz

quase não existia, o mesmo acontecendo ao queixo. Ao contrário, os lábios eram grossos e sensuais como os dos africanos, mas arroxeados. Na fronte alta, o arcabouço da sua inteligência genial, dois traços a crayon constituíam as sobrancelhas. Dvina não se pintava; como mulher, sabia que o "maquillage" ainda mais lhe realçaria a monstruosidade dos traços. Aquela mulher não tinha perfil!

A emoção interior que me dominou foi tão intensa que transbordou no meu rosto e paralizou-me os movimentos. Voltei a mim, ouvindo-lhe a voz de tom amargurado: "Decepcionou-se, meu amigo. Entretanto, eu o avisara. Mas é razoável! Ninguém acreditaria. E' melhor terminarmos tudo agora. Adeus!".

Tentou retirar a mão, mas o meu ângulo cavalheiresco expulsou a apatia provocada pelo horror. Retive sua mão e fí-la sentar-se a meu lado. Sem fitá-la, disse-lhe carinhosamente: "Por favor, entre! Eu não estou decepcionado... Você interpretou mal. O que deixei transparecer foi a emoção que domina todo homem ao encontrar-se pela primeira vez com a mulher amada! Você não é feia!"... O meu galanteio era grotesco, tosco mesmo. Mas que podia eu dizer a uma mulher inteligente? Fitei-a pela segunda vez. Dvina voltou-se bruscamente, os olhos a brilhar de ódio. O arremêdo de galanteio a ferira profundamente mais do que se eu lhe tivesse confessado o que pensava dela. "Alberto" — disse — "A sua piedade é-me odiosa e a sua caridosa mentira rotulo-a zombaria. Não deduza que eu não aprecie galanteios; mas como eles não me podem iludir são-me perfeitamente dispensáveis, ou melhor, sabem-me a ironia, e por isso abomino-os. Se me tem um pouco de afeto, nunca faça alusão ao meu físico. Confesse também que não foi a emoção do apaixonado que o aturdiu. A sua paixão, esfriou-a o vento ao levantar a aba do meu chapéu".

Respondi-lhe apenas que, a despeito de tudo, não me arrependia de tê-la conhecido, ao contrário. Estas palavras sinceras acalmaram-na e Dvina começou a conversar. A magia

daquela voz cálida infundiu-me nova vida, reacendeu-me de...
(Continua na pág. 53)

Frigia

é simplesmente notável



...notável, porque:

- 1.º — Não é líquido, nem pasta. E' um desodorante em forma de "baton".
- 2.º — Corta e evita a transpiração sem irritar a pele. Não estraga as roupas.
- 3.º — E' agradavelmente perfumado e produz uma sensação de frescor.
- 4.º — Elimina instantaneamente a transpiração das axilas.
- 5.º — Próprio para bolsa, pôde ser aplicado em qualquer momento.

FRIGIA está registrado como patente de invenção sob n.º 29.820

A VENDA NAS BOAS CASAS



Dist.: HERMANNY - C.P. 247-1

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

A vida é dos FORTES!

Seja forte, combatendo a FALTA DE APETITE, a NEURASTENIA, a INSONIA, a FALTA DE MEMÓRIA, o ESGOTAMENTO, a ANEMIA, com DYNAMOGENOL, que é A VIDA DO CÉREBRO, A VIDA DOS MÚSCULOS, A VIDA DO CORPO!

DYNAMOGENOL

Produto do Laboratório Sian

As trevas

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 42

O ódio de morte contra mim, que os despojei da fortuna, contra o intruso que se instalou dentro de casa e conquistou a mulher já velha, fácil de enternecer. O sobrinho querido... Mas por que? Por que? Por que mudei? Eu devo ter olhado tudo isso com seriedade, sem espanto. Dizem que os criminosos têm sempre desculpas perfeitas para seus crimes. Eu sinto a dor de consciência. É estranho: uma alma honesta metida dentro da pele de um ladrão. Será, na verdade, uma alma honesta? Ou toda essa pureza com que eu sonho não passa de uma aspiração à pureza? Roubei, sim, pode-se dizer que roubei. Entretanto, por tudo quanto tenho de mais sagrado, não me sinto ladrão!"

★

— Jean! Que é que você está fazendo aí no escuro?

A voz dela tinha uma nota estranha, apreensiva. A história que Jerry lhe contara lançava uma esquisita luz sobre os outros. Jean julgava agora seus atos pela medida dada por Jerry.

— Nada. Já vou.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

Entrou lentamente. Uma decisão se tinha formado no seu cérebro. Jogar todo aquele dinheiro fora. Agora compreendia por que o tratavam bem. Ele, de repente, lembrara-se! Um detalhe somente emergira do seu passado misterioso. Ele se lembrara de que tinha guardado um dinheiro num lugar secreto. Ninguém sabia... Queriam o dinheiro... Eram uma quadrilha de ladrões, todos, até Jeannette. Era preciso destruir o dinheiro...

★

Na terceira gaveta da cômoda há um painel secreto que esconde a chave. O cofre é na biblioteca, atrás do quadro.

Subitamente tudo aquilo voltou... lentamente, ele tomou a chave e desceu. A casa estava em silêncio. Todos dormiam. Fez aquele percurso no escuro... E à medida que caminhava sentia uma sensação estranha, de quem já havia feito aquilo alguma vez... Aqui por este corredor ele passara no dia de sua partida. Deixara Jeannette chorando no quarto de dormir... Espere!... Mas Jeannette... De repente, ele sentiu como que um choque. Era Jerry, Jerry, o ladrão... Sim. Chegou até à mesa. Abriu a gaveta superior e puxou o revólver. Mas naquele momento soou uma voz zombeteira:

— Não adianta. Está descarregado.

— Então era você.

— Custou a lembrar-se, Jean.

— Sim, Jerry, porém agora me lembro de tudo. Sei que era você quem cobiçava a fortuna que minha tia deixou para minha mulher, Jeannette. Sei que eu pressentia isso. E não deixei ninguém saber. Porque não queria dar um desgosto a Jeannette. Queria que ela não tivesse o desgosto de saber que o caráter de seu irmão era mais do que desprezível. Minha mulher seria capaz de entregar toda a fortuna a você. Por isso escondi-a antes de partir para a guerra. E quando voltei, do hospital, sofrendo de perda da memória, você fez tudo para me convencer de que fora eu o autor do furto, ou do furto legal. Você queria que assim eu lhe mostrasse o caminho para o dinheiro.

— E você mostrou. Agora já sei onde está. Você tem na mão a chave do cofre. O cofre eu já descobri onde está. Custou mas achei!

— Mas não terá o dinheiro.

— Por que?

— Porque você descarregou esse revólver que estava aqui, mas eu tornei a carregá-lo mais tarde.

— Quando? Quando?

— Depois do jantar.

Jerry tentou escapulir. Mas foi seguro.*

★

Prêso, Jerry olhou para Jean com ódio:

— Se aquele revólver estivesse descarregado...

O cunhado sorriu tristemente e disse:

— Estava...



Os olhos límpidos e sadios têm magia e

sedução! E é tão fácil—com LAVOLHO

devolver aos olhos a limpidez e o brilho;

restituir ao olhar o encanto e a expres-

são capazes de revelar as melodias do

seu afeto.



A CASA

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 431

que os proprietários não habitam uma casa tão bela?

— Os proprietários moravam aqui, madame. Deixaram a casa porque ela estava mal assombrada.

— Mal assombrada? Isso não me preocupa. Não sabia que nas províncias francesas se acredita ainda em fantasmas.

— Eu não acreditaria, madame, se não tivesse encontrado muitas vezes, à noite, a mulher que visitava o parque, a aparição que fez com que os meus patrões fugissem.

— Que história! disse eu rindo.

O velhinho olhou-me com um ar de censura.

— A senhora não deve rir, uma vez que o fantasma de que eu falo era a senhora mesma!

STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

ANEL ZODIAICO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mande medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no acto de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peça catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" — Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

**VINHO
RECONSTITUINTE
"GRANADO"**



**TÔNICO
NUTRITIVO
ESTIMULANTE
FORTIFICANTE**



GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



★
Peça-nos pelo correio o novo
**CATÁLOGO de
ÓCULOS MODERNOS**

tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ, FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência como
se o fôsse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ, FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiên-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS A

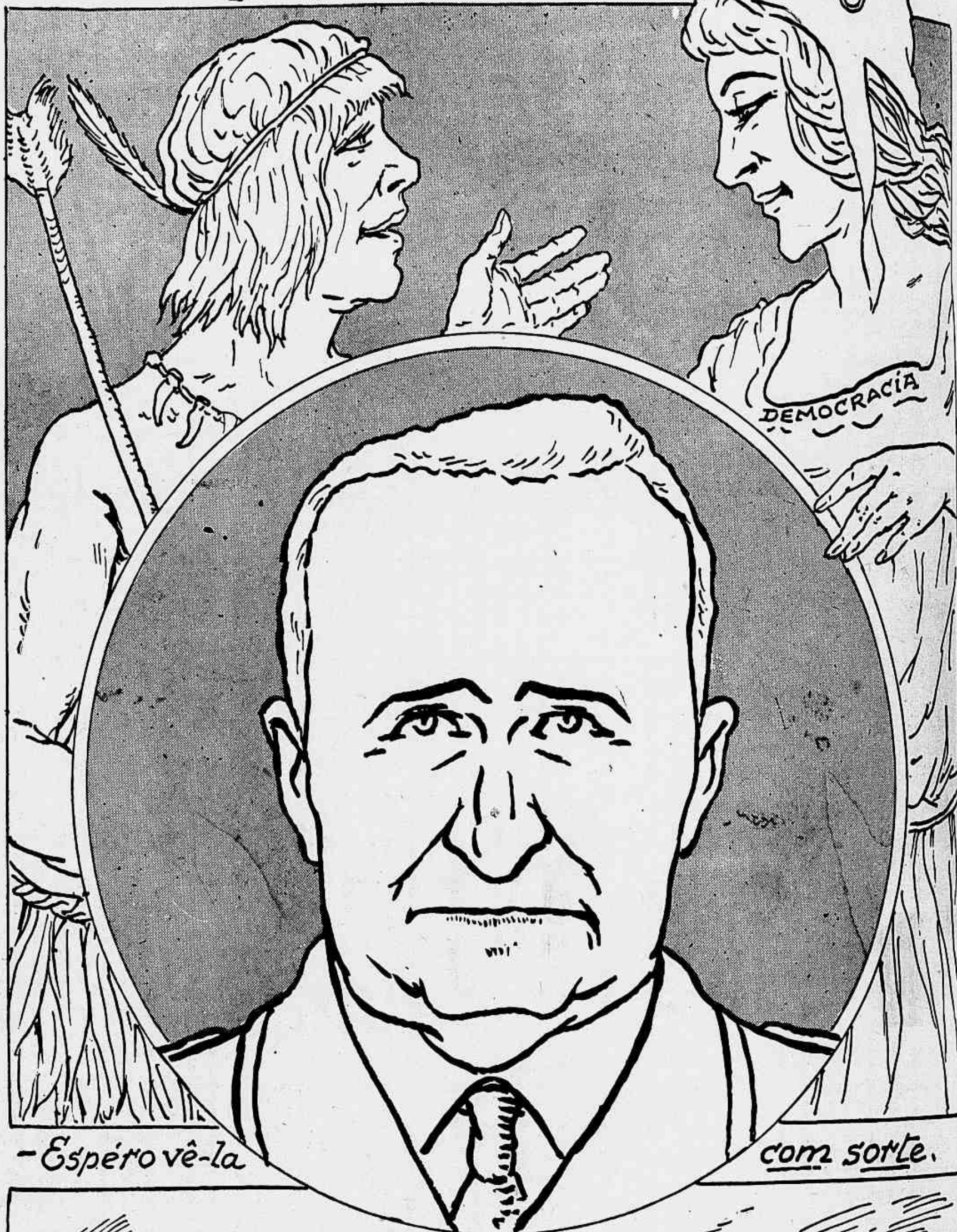
LUTZ, FERRANDO
RUA OUVIDOR, 88 - RIO DE JANEIRO

Desperte a Bilis 'do seu Fígado'

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente
um litro de bilis. Se a bilis não corre
livremente, os alimentos não são dige-
ridos e apodrecem. Os gases incham e
causam. Sobrevem a prisão de ventre.
Você se sente abatido e como que en-
venenado. Tudo é amargo e a vida é
um martírio.

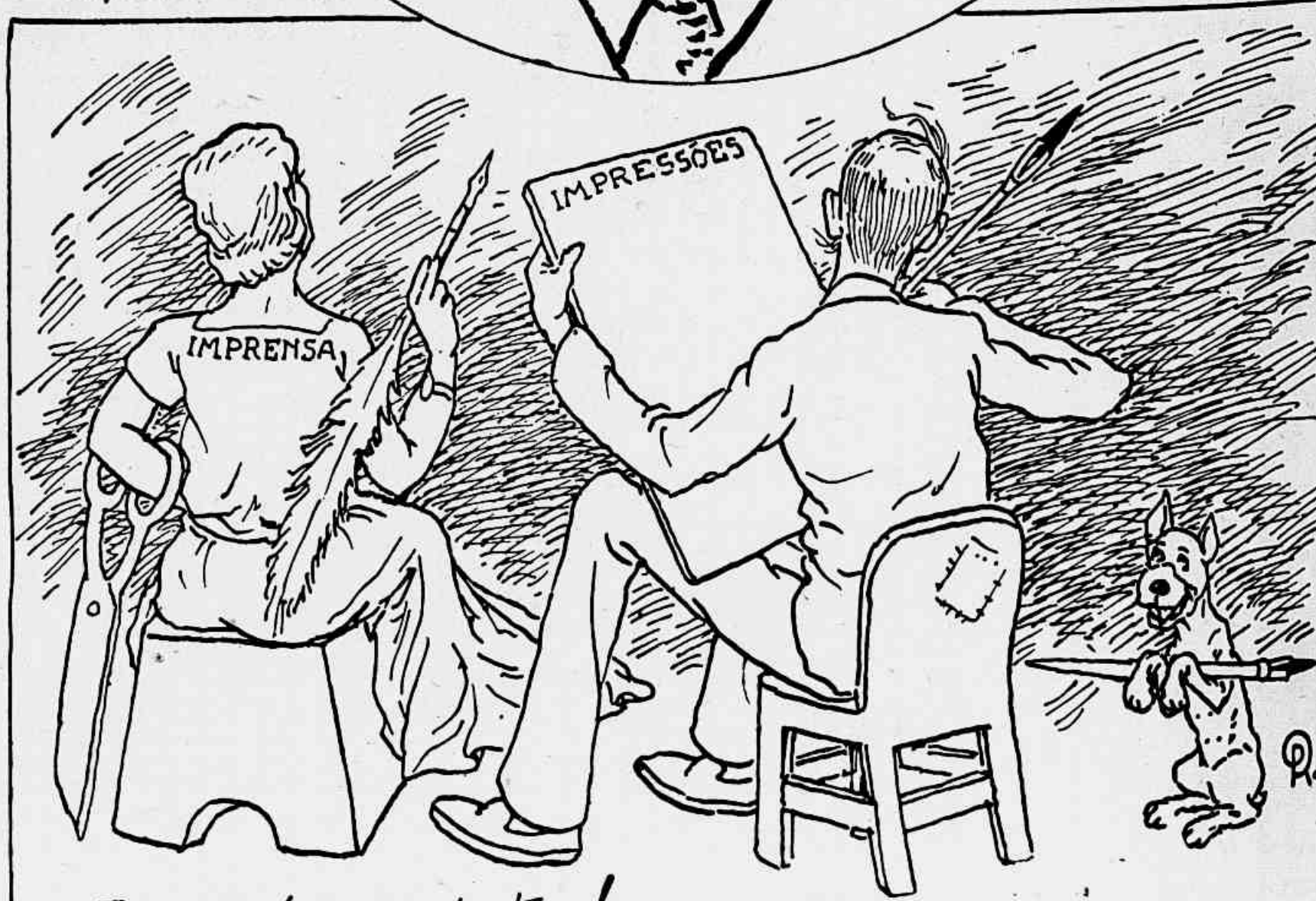
Uma simples evacuação não eliminará
a causa. Neste caso, as Pilulas Carters
para o Fígado são extraordinariamente
eficazes. Fazem correr esse litro de bilis
e você se sente disposto para tudo. São
suaves e, contudo, especialmente indica-
das para fazer a bilis correr livremente.
Peça as Pilulas Carters para o fígado.
Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 2,00

NOVO MODELO



- Espero vê-la

com sorte.



- Preparar assuntos!

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

A temporada lírica em Paris

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 38

Mme. Ida Rubinstein há dez anos.

Na Ópera Cômica, poder-se-á assistir à "Hora Espanhola", de Maurice Ravel, já levada à cena na ópera, cujo ambiente se não adaptava ao malicioso estilo da

obra. Depois, teremos uma reprise dos "Contos de Hofmann", com decorações novas e um novo estilo de encenação, e assistiremos à criação, no mesmo teatro, de "Fragonard", de Gabriel Pierné, autêntica obra prima de graça e de humorismo leve, aqui e ali velado por um toque de melancolia. De há muito se reclamava a sua representação na Ópera Cômica, visto que a estreia no Teatro da Porte de Saint Martin, foi um retumbante sucesso... sem consequências. A Ópera Cômica poderá possibilitar à peça uma compensadora desforra.

Dêste rápido apontamento se pode tirar a seguinte conclusão: apenas uma obra nova — "Lucifer ou o Mistério de Caim", de M. Claude Delvincourt — figu-

ra no programa. Não se trata nem de uma ópera, segundo as velhas fórmulas, nem de um drama lírico segundo a concepção post-wagneriana. Dir-se-á que as velhas fórmulas se tornaram passadistas, e que nenhum compositor se preocupa mais em adaptá-las às modernas concepções cênicas. Deverá concluir-se então que a Ópera e a Ópera Cômica devem renunciar à sua missão? De maneira alguma. Porque a sua missão é análoga à dos museus: as obras primas serão sempre obras primas, jamais perdendo o seu valor, o seu encanto, a sua beleza. É necessário apenas torná-las conhecidas. Pelo fato de se não escreverem mais poemas épicos, nos nossos dias, não há razão para que se destrua a "Odis-

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas e asperezas, e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o

séia". E não levar à cena as obras primas da música. equivale a destruí-las.



De cada 5 pessoas
- 4 estão ameaçadas

de PIORRÉIA

sem sequer suspeitá-lo

Inimiga da beleza
dos dentes e da saúde
das gengivas

Gengivas sensíveis e que sangram são geralmente o primeiro sinal da piorrêia.

Se não for combatida a tempo, a piorrêia provoca o amolecimento e a desfiguração das gengivas com o conseqüente afrouxamento e perda dos dentes.

Não se arriquite com a piorrêia! Comece a proteger-se hoje mesmo com o dentífrico FORHAN'S para as gengivas. Forhan's é feito especialmente tanto para limpar os dentes como para massagem nas gengivas, sendo o único dentífrico que contém o adstringente especial, antipiorrético do Dr. Forhan.

Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de piorrêia apresentaram notável melhora no fim de apenas um mês de uso do dentífrico FORHAN'S.

Comece a usar o dentífrico FORHAN'S hoje mesmo!

Escove os dentes com

Forhan's



"Não espere sofrer de piorrêia para usar Forhan's. use Forhan's e evite a piorrêia."

5FP1



Regina

A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

À VENDA EM TODO O BRASIL

P.F.

A Obra-Prima Inacabada

(Continuação da pág. 52)

modo a paixão a ponto de eu não acreditar já no que testemunhara. Entretanto, se a olhava, impellido pela curiosidade estúpida e obsedante (parecia que eu tinha um desejo mórbido de me torturar), um calefrio percorria-me a espinha.

Saímos da cidade, rumo a Petrópolis, onde Dvina tinha sua casa de campo. Felizmente a noite desceu sobre nós e, compreensiva, destruiu aquele esboço de cabeleira humana. Chegamos ao "cottage" rodeado de pinheiros e ornamentado pelos mais raros e exóticos objetos provenientes de diferentes países. Foi na biblioteca que Dvina me deixou, dizendo que iria preparar-se para o jantar. A mi-

nha faceta de bibliômano estasiava-se já durante algum tempo, admirando as obras mais célebres nos seus idiomas originais, quando a criada me veio avisar que Dvina me esperava.

Entrei na sala de jantar, cujo lustre central baixo deixava que a luz incidisse apenas sobre a mesa retangular. Toda a sala permanecia em semi-obscuridade. Na extremidade da mesa estava Dvina. Estremeci ao contemplá-la. Uma longa túnica branca moldava-lhe o corpo perfeito e flexível. Tinha diante de mim a Galatéia de Pigmalião já animada pelo sopro da vida! Comovi-me e instintivamente procurei-lhe o rosto. Todavia, ela cuidara em conservá-lo na penumbra. Assim, divisei-lhe apenas a moldura dos cabelos negros. Lembrei-me en-

tão de suas palavras ao telefone: "Uma obra-prima inacabada". Nada como esta frase para definí-la.

Certamente, Dvina apreendeu o meu pensamento, porque riu. E, como mulher, entrou em contradição: "Agora, aceito um galanteio que terá sinceridade".

Eu estava confuso e não sabia como me sair bem daquela situação. Temia ferí-la novamente. Como eu não me animasse a falar, ela riu de novo: "Não diga nada! A admiração que seus olhos traem jamais seria perfeitamente expressa em palavras. Obrigada!".

Após o jantar passamos à sala de estar, também iluminada por luz indireta. Observei mais tarde, após conhecer o seu apartamento da cidade, onde tinha o "atelier" (pois Dvina era exímia

pintora) que, utilizando com sabedoria a luz indireta, obrigava o rosto a permanecer sempre na penumbra, ao passo que o corpo inebriava-se de luz. Tarde da noite, após Dvina deliciarme com uma interpretação musical, despedimo-nos e cada um se recolheu aos respectivos quartos.

No dia seguinte, quando nos separámos à porta do seu apartamento da cidade, resolvi nunca mais procurá-la. Entretanto, na noite seguinte fui visitá-la, jurando que seria a última vez, e voltei sempre, ansiava durante todo o dia por aquele "rendez-vous". Contudo, nada existiu entre nós ambos, a não ser "une amitié amoureuse". Eram seres inesquecíveis, aquecidos por uma afeição sincera e platônica, abrilhantados pela palestra fluente e heterogênea de Dvina. Parte da minha cultura devo-a àquela mulher. Seu "atelier" regorgitava de telas; alguns retratos, inúmeras paisagens. Como paisagista, ela bebia a inspiração nos recantos brasileiros. Seu estilo, pleno de ardor, feliz exuberância e riqueza de colorido, pertencia à Escola Italiana. Seu Deus era Ticiano. Posei várias vezes para Dvina. Muito tempo vivemos assim, perfeitamente unidos por esta estranha e ardente amizade.

Uma tarde, cheguei a seu apartamento devorado pelas saudades. Ausentara-me uma semana por motivo de viagem

A ciencia e o mundo

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 18

nada mais encantador e apropriado...

A energia atômica, que pôs termo a uma grande guerra, apresta-se para ser utilizada em fins prosaicos e domésticos. Acenderemos o fogo com a chama que consome cidades e arruina impérios. Faremos a nossa chaleira ferver com a força que basta a derreter metais e dissolver granitos. A bomba atômica trasmuda-se, como o raio, em fonte de utilidade e conforto. Que é a luz elétrica, senão o corisco reduzido a proporções mesquinhas?

A tendência máxima da civilização mecânica dos nossos tempos é apequenar as maravilhas e diminuir os prodígios. Quem se detém, hoje, cheio de respeito, diante de uma vitrola? Entretanto, a Academia de Ciências de Paris se reuniu, um dia, para discutir os princípios verdadeiros do gramofone... E o trem de ferro? Os primeiros campônios que lhe ouviram o ardente resfolegar juravam ser obra do demônio e teimavam em não embarcar nesse aparelho infernal...

Os aviões terão adquirido, quando o teu petiz fizer 20 anos, a rapidez vulcânica de um raio. Correrão os mundos como bóli-

-Faça Bolos-



...e "veja" os olhos de seus filhos!

Eles se iluminarão de alegria... E, assim, a senhora encontra a forma mais agradável de enriquecer a alimentação de seus filhos. Está comprovado! Vale a pena fazer bolos! E se pode ser a todo o momento, por que deixar somente para as grandes datas o prazer de proporcionar mais alegria aos seus filhinhos? Para garantia do êxito, utilize sempre o "Livro de Receitas Royal", usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

BÓLO RUBRO

5 colhs. (sopa) manteiga	4 colhs. (chá) Royal
2 chics. farinha peneirada	1 3/4 chics. açúcar
1 colh. (chá) sal	3/4 chic. cacau em pó
1 1/2 colhs. (chá) bicarbonato	1 1/2 chics. leite
	3 ovos
	1 colh. (chá) baunilha

Misture bem a manteiga com 1 chic. da farinha. Peneire 6 a 8 vezes o resto da farinha com os demais ingredientes secos. Junte-os aos poucos à primeira mistura, alternadamente com 1/2 chic. do leite e os ovos, um a um, batendo muito bem, depois o resto do leite e a baunilha. Ficar um tanto rala. Use formas rasas untadas. Forno regular, uns 30 minutos. Quando frio, aplique o seguinte recheio e glacê: sobre fogo baixo, dissolva 1 chic. açúcar em 1/2 chic. água. Deixe cozinhar lentamente até ponto de fio. Bata 1 clara em neve e derrame a calda devagar sobre a clara, batendo sempre. Junte 1/2 colh. (chá) Royal, 1/2 colh. (chá) essência e 1 chic. côco ralado; bata até ter consistência para ser espalhado. Cubra com côco ralado.



Pega hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o cartão, escreva para: Caixa Postal 3215.— Rio de Janeiro.

**Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto**
Informações:
Rua Flack, 153-Blo. T. 23-2840
OLEO — LOÇÃO



de negócios. Encontrei o apartamento vazio. As minhas perguntas aflitas e atropeladas, respondeu-me o porteiro que ela nada dissera ao deixar o edifício havia quatro dias. Admirei-me, pois Dvina não ignorava o tempo que eu permaneceria ausente. Em vão, esperei uma carta, um telefonema, uma explicação qualquer daquela estranha e imprevisível atitude. Desesperado, constatei, com o decorrer do tempo, que Dvina partira para sempre. O meu subconsciente guardou-a avaramente e eu a esqueci no turbilhão de outras aventuras."

— Nunca mais a viu? — perguntei, interessada, ao notar que o passado iria submergi-lo.

— Sim — respondeu com voz sumida. Muito tempo depois, ao passar pela rua do Ouvidor, divisei na calçada fronteira uma cabeleira de um negro azulado que só a uma pessoa pertencia. Estuguei o passo e postei-me à

dos, atirados de astros longínquos e ignotos. Nada os deterá na sua marcha rumo à perfeição ou à loucura. As paisagens do século vindouro terão, tôdas, o signo característico das velocidades vertiginosas e espetaculares. A Vida passará, na face dos mundos, como um relâmpago deslumbrante e fugitivo. Nada ficará na face da Terra, porque o próprio ritmo natural das coisas se terá modificado ou perturbado para sempre.

As árvores crescerão mais depressa; a existência humana, embora mais longa, será realmente mais curta pela intensidade psicológica do sentir; o amor será um episódio passageiro, como um trovão em tarde de estio — e, assim, amigo, o seu petiz de hoje envelhecerá sem ter conhecido a alegria de um minuto de paz, o prazer de um momento de quietação ou devaneio!

O século XXI talvez seja o último da história da Terra, porque, assim como o atrito gera o calor, o calor gera a chama, e tudo se pode acabar num grande e universal incêndio — remate lógico de uma civilização feita de coriscos...

E' o que anuncia, com respeitosa melancolia, o que, nada obstante, o abraça, com pressa afetuosa, o amigo

(a) Berilo Neves

sua frente, emocionado. A velhice tornara seus traços fisionômicos ainda mais repelentes. Mas eu já não era a criança de outrora e soube controlar-me; nem a piedade nem o horror transpareceram. Ela me reconheceu logo. Seus olhos tiveram um brilho indefinível que logo se apagou, quando eu perguntei, usando a frase que o subconsciente, após guardar tanto tempo, devolvera-me naquele momento: "Querida Dvina! Por que partiu? Por que?". Envergonhada, ela baixou a cabeça e disse, com a voz umedecida pelas lágrimas: "Alberto! Deixe-

me ainda um pouco de dignidade. Não quero que você acompanhe a minha decadência. Dê-me o direito de lhe pedir isto: guarde na lembrança o que fui no passado. Esqueça o momento de agora". Foi quando a observei melhor. Como trajava! Entretanto, quando a conheci ninguém a igualava na elegância do vestir. Suas belas formas tinham desaparecido sob a magreza extrema. Beijeilhe a mão, agora uma garra, que ainda retinha entre as minhas, e afastei-me cheio de saudade e pesar."

Alberto silenciou de uma vez

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

e entregou-se ao devaneio. Sentiu-o distante. E, sabendo que qualquer palavra de conforto de minha parte seria insuficiente e extemporânea diante do pesar que a sua fisionomia traía, afastei-me pensativa, compreendendo tão bem aquela mulher como se ela me tivesse feito confidências. E ele ainda ignorava que o amor, só o amor (e não seria o bastante?) não correspondido obrigara-a a partir.

Quina Petroleo ORIENTAL, finalmente perfumada, fixa o penteado, evita o embranquecimento prematuro, extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.



FIXA O PENTEADO DA VIDA AOS CABELOS EVITANDO O EMBRANQUECIMENTO PREMATURO. EXTINGUE A CASPA E COMBATE TODOS OS PARASITAS CAPILAES.

Quina Petroleo ORIENTAL

PERFUME RIVIERA

Quina Petroleo ORIENTAL

A VIDA DO CABELO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,
DIABETE e PRISÃO DE VENTRE
Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade
e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cine-
lândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

**CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA**

De Mma. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

Mmes. EVA e SYLVIA

(Ex-auxiliares de Mme. Campos)

no seu Instituto de Beleza

Rua Ouvidor, 138, 1.º — Tel. 42-8778

— Insc. S. N. F. M. —

VESTIDOS LISOS

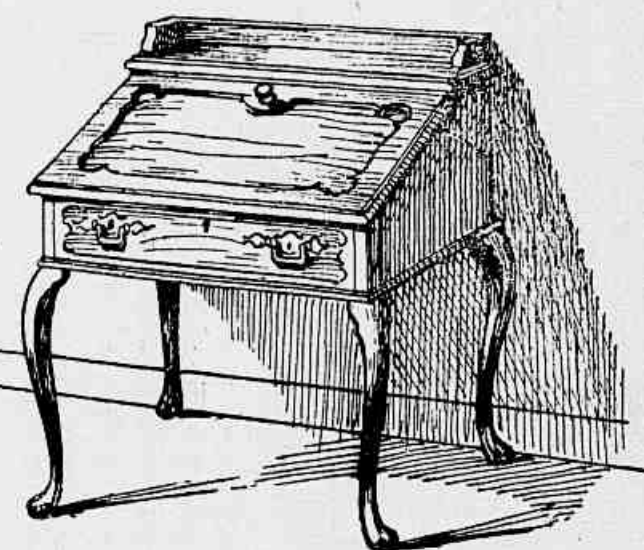
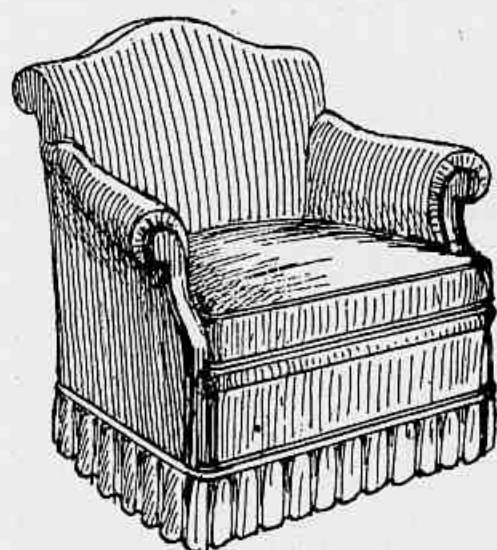
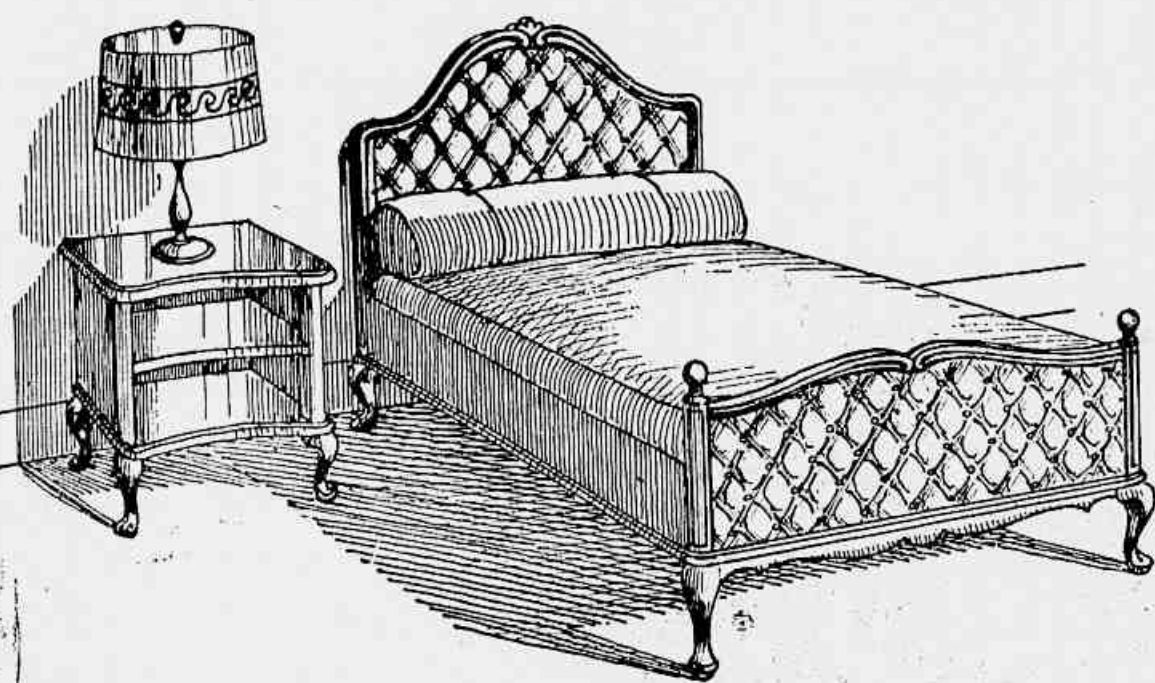
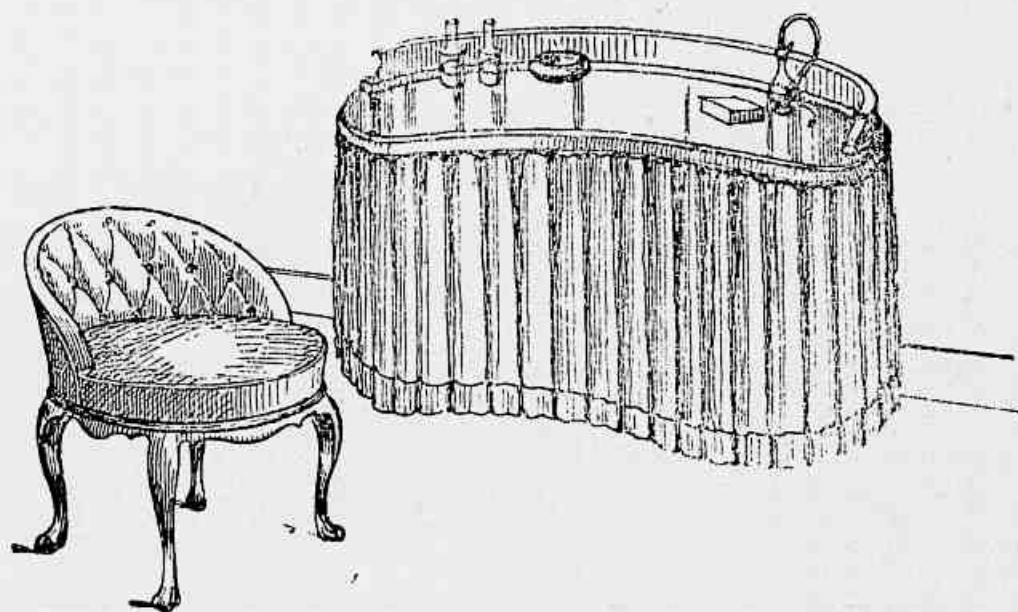
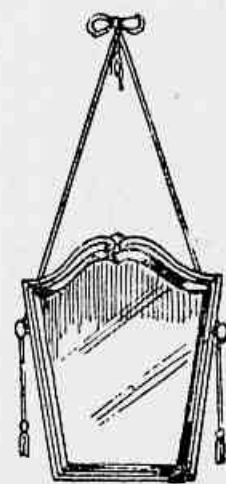
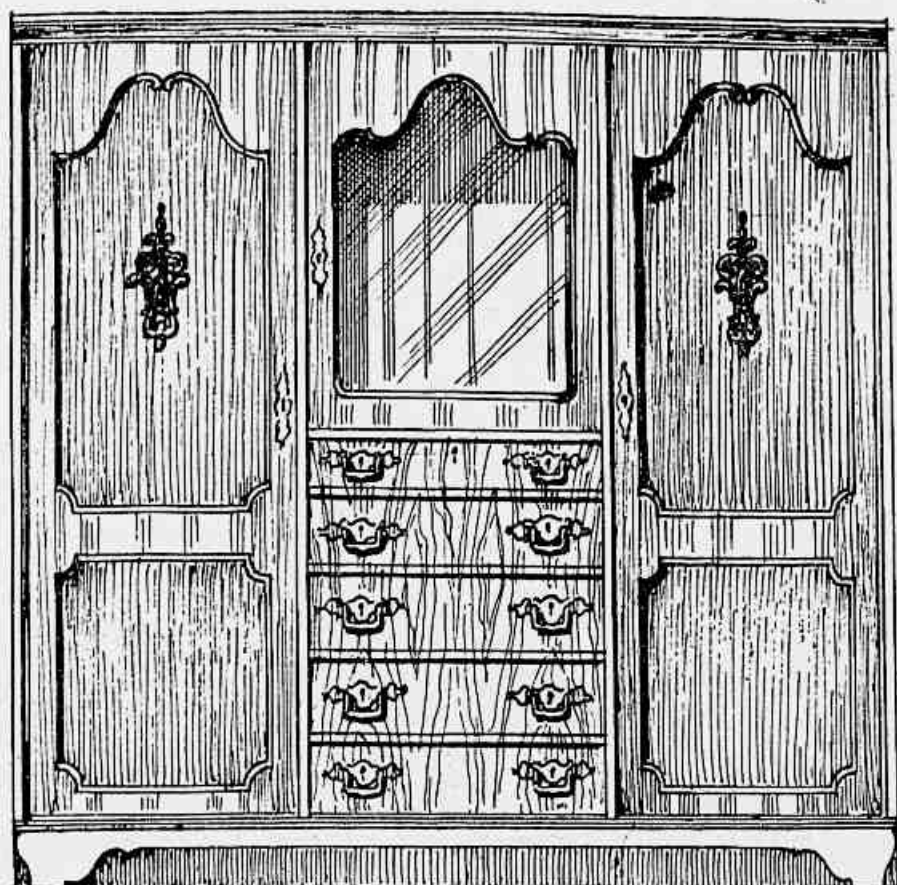
1 — Vestido de crepe bege. Curioso recorte na blusa prende os franzidos de lado a lado, bem como os da saia. Na cintura, um broche vistoso. 2 — Vestido de corte bastante original, com blusa franzida e botões decorativos no pequeno corpete. Abas duplas saem do corpete sobre a saia. 3 — Modelo em seda verde, com botões dourados e franjas de "gros-grain" na blusa e nos bolsos da saia. 4 — Vestido em seda azul; decote original, com motivo torcido em várias cores, terminando em laços. 5 — Modelo para a tarde, em crepe violeta, com grandes "pences" na blusa. Laços da mesma fazenda arrematam as "pences". Saia franzida na frente.



Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



DORMITÓRIO PARA MOÇAS

Aqui está um modelo para quarto de dormir, apropriado para môça, todo trabalhado em madeira fôska, com guarnições em cetim côr de rosa. Nos pés e na cabeceira da cama as almofadas são acolchoadas em cetim dessa côr, justamente igual ao que cobre a larga poltrona. O criado-mudo é baixo e completamente aberto. Sôbre êle deve ser colocado um grande "abat-jour" forrado de seda rosa. O môcho baixo e a penteadeira são também enfeitados com cetim. A um canto, um "bureau" de tampa inclinada completa o mobiliário dêste lindo dormitório, do qual ainda faz parte um guarda-vestido largo, com cinco gavetas colocadas no centro.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

CIGARROS ASTORIA



Epoca

CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz